



JULIANA CRISTINA FERNANDES PEREIRA

**O REVISOR NOS RASTROS DA FICÇÃO:
NO CONTEXTO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

CAMPINAS,

2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

JULIANA CRISTINA FERNANDES PEREIRA

**O REVISOR NOS RASTROS DA FICÇÃO:
NO CONTEXTO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em Linguística
Aplicada, na área de Linguagem e Educação.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras

CAMPINAS,

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

P414r Pereira, Juliana Cristina Fernandes, 1984-
O revisor nos rastros da ficção : no contexto dos estudos da tradução / Juliana
Cristina Fernandes Pereira. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Maria Viviane do Amaral Veras.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Walsh, Rodolfo J., 1927-1977. A aventura das provas de prelo - Crítica e
interpretação. 2. Revisão. 3. Literatura - Tradução. 4. Ficção. I. Veras,
Viviane, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The proofreader in the trails of fiction in the context of the translation studies

Palavras-chave em inglês:

Walsh, Rodolfo J., 1927-1977. The adventure of the print proofs - Criticism and interpretation
Proofreading

Literature - Translation

Fiction

Área de concentração: Linguagem e Educação

Titulação: Mestra em Linguística Aplicada

Banca examinadora:

Maria Viviane do Amaral Veras [Orientador]

Daniel do Nascimento e Silva

Raquel Salek Fiad

Data de defesa: 23-04-2014

Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada

BANCA EXAMINADORA:

Maria Viviane do Amaral Veras

Maria Viviane Veras

Daniel do Nascimento e Silva

Daniel do Nascimento e Silva

Raquel Salek Fiad

Raquel Salek Fiad

Lenita Maria Rimoli Esteves

Maria Rita Salzano Moraes

IEL/UNICAMP
2014

RESUMO

Nos últimos anos, têm sido divulgados inúmeros trabalhos com enfoque na representação do tradutor e do intérprete na literatura e no cinema, mas não tantos focam o revisor. E é justamente na fronteira entre realidade e ficção que se encontra o revisor-detetive Daniel Hernández, personagem central desta pesquisa, uma vez que seu autor Rodolfo Walsh (revisor, tradutor, ensaísta e, posteriormente, militante político) retira-o do mundo real e transporta-o para o ficcional. A presente pesquisa, portanto, tem por objetivo analisar a narrativa *A aventura das provas de prelo*, do escritor Rodolfo Walsh, como uma metáfora da tarefa do revisor, de seus rastros, de sua escrita, de seu trabalho de tradutor. Junto com o passo a passo do ofício do revisor, apresentamos o trajeto desta pesquisa: uma breve apresentação da vida de Rodolfo Walsh, bem como de sua literatura policial; conceitos relacionados à revisão, diretamente ligados ao dia a dia do revisor; a fundamentação teórica para a análise da tarefa do revisor e de sua criação como personagem de ficção, acompanhado de outros dois personagens: o revisor Raimundo Silva e o tradutor Gallus (abordados segundo uma visão mais conservadora, ou tradicional, de tradução e revisão) e o intérprete, senhor Kapasi (em cujas características reconhecemos uma visão denominada pós-estruturalista); a análise do personagem central criado por Rodolfo Walsh, o revisor-detetive Daniel Hernández. A título de desfecho, o ofício do revisor se apresenta como sempre mais ou menos terminado, sempre sujeito a falhas, confirmando que, ao menos no caso aqui estudado, não há crime perfeito.

Palavras-chave: Revisão, Tradução, Ficção, Rodolfo Walsh, *A aventura das provas de prelo*.

ABSTRACT

Over the last years, a great number of papers have been written focusing on the part translators and interpreters play in literature and in the movies, but not many have concentrated on the proofreader's role. And precisely on the borderline between reality and fiction, we find proofreader-detective Daniel Hernández, the central character of this research, since his creator, author Rodolfo Walsh (proofreader, translator, essayist, and eventually, political activist), takes him out of the real world and plants him in the fictional. The scope of this paper, therefore, is to analyze the novel *A aventura das provas de prelo* (*The Adventure of the Print Proofs*), by author Rodolfo Walsh, as a metaphor of a proofreader's job, his tracks, his writings, and his work as a translator. Along with a step-by-step description of an proofreader's routine, we present the trajectory of this research: a brief presentation of the life of Rodolfo Walsh, as well as his police literature; concepts related to editing, directly connected to an proofreader's daily routine; the theoretical basis for the analysis of an proofreader's job and his creation as a fictional character, accompanied by two other characters: proofreader Raimundo Silva and translator Gallus (viewed through a more conservative or traditional lens of translation and editing) and the interpreter, Mr. Kapasi (in whose traits one can perceive a post-structuralist viewpoint); the analysis of the central character created by Rodolfo Walsh, proofreader-detective Daniel Hernández. By way of conclusion, the position of the proofreader always presents itself as more or less finished, always subject to flaws, confirming that, at least in the case studied here, there is no perfect crime.

Keywords: Proofreading, Translation, Fiction, Rodolfo Walsh, *The Adventure of the Print Proofs*.

RESUMEN

En los últimos años se han divulgado incontables trabajos que se concentran en lo que representan el traductor y el intérprete en la literatura y en el cine, pero casi no se toma en cuenta al revisor. Y es justo en la frontera entre la realidad y la ficción donde se encuentra el revisor-detective Daniel Hernández, el protagonista de este estudio, pues su autor, Rodolfo Walsh (revisor, traductor, ensayista y, posteriormente, militante político), lo saca del mundo real y lo traslada al mundo de la ficción. Por ello, el objetivo de este estudio es analizar la novela *La aventura de las pruebas de imprenta*, del escritor Rodolfo Walsh, como una metáfora de la tarea del revisor, de sus huellas, de su escritura, de su trabajo como traductor. A la vez que el paso a paso del oficio de revisor, presentamos el itinerario de este estudio: una breve presentación de la vida de Rodolfo Walsh, así como de su literatura policíaca; conceptos relativos a la revisión, siempre presentes en el cotidiano del revisor; los fundamentos teóricos para analizar la tarea del revisor y su creación como personaje de ficción, acompañado por otros dos personajes: el revisor Raimundo Silva y el traductor Gallus (abordados con base en una visión más conservadora, o tradicional, de la traducción y la revisión) y el intérprete, el señor Kapasi (en cuyas características reconocemos una visión denominada post-estructuralista); el análisis del protagonista creado por Rodolfo Walsh, el revisor-detective Daniel Hernández. Como conclusión, el oficio del revisor se presenta como algo más o menos terminado, siempre sujeto a fallos, confirmando que, al menos en el presente caso, no existe el crimen perfecto.

Palabras clave: Revisión, Traducción, Ficción, Rodolfo Walsh, *La aventura de las pruebas de imprenta*.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
1. Rodolfo Walsh, da revisão à autoria.....	5
1.1 Walsh, o escritor de ficção.....	8
1.2 <i>A aventura das provas de prelo: algumas pistas</i>	10
2. Os ofícios do revisor	13
2.1 Por falar em revisão.....	14
2.2 Tipos de revisão em diferentes segmentos	16
2.1.1 Revisão de provas tipográficas (segmento editorial)	17
2.1.2 Revisão da tradução (agências de tradução)	21
2.2 Uma via de mão dupla: reconhecimento e qualificações.....	24
2.2.1 Quando o assunto é remuneração	27
2.2.2 Os limites no trabalho do revisor	31
3. Ficções teóricas ou teorias ficcionais.....	33
3.1 Traduzindo segundo uma visão tradicional	34
3.1.1 <i>O tradutor cleptomaniaco</i> , o Gallus de Dezső Kosztolányi	35
3.1.2 <i>História do cerco de Lisboa</i> , o Raimundo de José Saramago	37
3.2 Teorias recentes de tradução com inspiração pós-moderna	40
3.2.1 <i>O intérprete de males</i> , o intérprete de Jhumpa Lahiri	42
4. <i>A aventura das provas de prelo</i>, o revisor-detetive de Rodolfo Walsh.....	45
4.1 O revisor-detetive e o delegado – diferentes investigações.....	47
4.2 Os primeiros indícios	50
4.3 Revisões e versões	52
4.3.1 Versão de Jiménez – acidente	52
4.3.2 Versão de Alvarado – suicídio	53
4.3.3 Versão de Daniel – assassinato	54
4.4 “Essas provas falam”	55
Revisão – o remate do trabalho.....	59
Referências.....	63
ANEXO A – Advertência do autor	67
ANEXO B – <i>A aventura das provas de prelo</i>	69

A Deus, pois sem Ele minha vida não teria sentido!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Viviane Veras, minha orientadora, por ter acreditado em mim e dedicado tanto tempo em leituras e releituras deste trabalho.

Aos professores Raquel Salek Fiad e Daniel Nascimento Silva, por terem aceitado participar da banca e por todas as preciosas contribuições dadas durante a Qualificação.

Agradeço ao CPqD pela oportunidade de investir em conhecimento.

Às minhas amigas queridas de todas as horas Elisa e Thaís, que são presentes de Deus na minha caminhada.

Aos colegas Paula, Israel, Peter e Sergio pela paciência e carinho.

Aos meus irmãos queridos na fé, Bete, Hadassa, Pr. Luiz, Iracema, Quezia, Léo, Mônica, Daniel, “tio” Gerson e “tia” Cris, pelas orações que me sustentaram e palavras de conforto nos momentos em que mais precisei.

Ao meu querido esposo, Kleber, pelo carinho, companheirismo e compreensão em todos os momentos da nossa caminhada juntos e pela infinita paciência nos momentos mais difíceis.

À minha mãe, Inês, minha grande incentivadora, que investiu em mim e acreditou que eu chegaria até aqui; à minha querida avó, Lúcia, pelo cuidado e amor, e à minha irmã, Vanessa, por cuidar sempre da irmã caçula.

Lista de Figuras

Figura 1 Obras de Rodolfo Walsh publicadas.....	6
Figura 2 Capas da primeira edição em espanhol (1953) e da versão em português (2011)	10
Figura 3 Sinais de revisão: explicação e aplicação prática (à esquerda) e prova de prelo	20
Figura 4 Prova de prelo com sinais de revisão/tipográficos.....	51

Lista de Tabelas

Tabela 1	Valores definidos pelo SINTRA e praticados a partir de janeiro/2014	28
----------	---	----

Introdução

O início de um trabalho é mesmo tão penoso que, normalmente, tentamos protelá-lo até o último instante, até o limite, até a “última” revisão. Na verdade, o trabalho está se fazendo há tempos, escrito aos pedaços, mas hesitamos na hora de costurar as partes, talvez porque não nos damos conta de que somente a partir dessa montagem – seja ou não seja ela aquela que desejamos – é possível solidificar se não tudo, pelo menos boa parte do que temos assimilado e vivenciado durante leituras e discussões acadêmicas e cotidianas e compartilhar esse conhecimento com a comunidade em que vivemos.

Neste trabalho, tanto a revisão de texto (referida de modo geral como ortográfica e/ou gramatical) como a revisão da tradução (também chamada de revisão técnica) são tratadas como uma forma de tradução, com base no conceito de tradução intralingual (ou reformulação/*rewording*) apresentado por Jakobson (2007)¹, segundo o qual todas as intervenções que busquem a *mot juste* podem ser consideradas traduções, sem que haja necessariamente “passagem” de uma língua para outra.

Segundo Strümper-Krobb (2010, p. 116), nos últimos 10-15 anos, os estudos em tradução têm tentado dar mais visibilidade ao tradutor e ao seu papel no âmbito do encontro entre culturas. Isso porque, embora nem todos tenham se dado conta, o conceito de tradução tem sido posto em questão: de simples processo de transcodificação, vai passando a “uma complexa transação que ocorre num contexto comunicativo e sociocultural” (HERMANS, 1996, p. 26 *apud* STRÜMPER-KROBB, 2010, p. 116). Além disso, a globalização e a internacionalização têm feito do tradutor um profissional cada vez mais necessário e, da tradução, uma experiência cada vez mais comum. Nesse contexto, duas visões se delineiam: se por um lado a tradução e o tradutor são tidos como secundários, marginais, por outro, eles figuram no centro, necessários e inevitáveis (RAJAGOPALAN, 2000).

Entre as atividades no campo das letras, a tradução/revisão tem como objetivo tornar diversos tipos de texto acessíveis aos leitores que não conhecem a língua em que o texto foi

¹ Em seu conhecido texto sobre tradução, Aspectos Linguísticos da Tradução, Jakobson apresenta três tipos distintos de tradução intralingual/reformulação, conceito que nos interessa neste momento, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”, a tradução interlingual ou tradução propriamente dita” e a tradução intersemiótica “que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (2007, p. 64).

escrito primeiro, e parte deste “tornar acessíveis” é o trabalho do revisor. Esse profissional precisa ter uma boa formação (linguística e editorial) e experiência (domínio de estratégias para detectar problemas e resolvê-los), considerando que é ele quem vai reler o texto (o original e a tradução), avaliando-o, e fazendo o que se chama nas empresas de uma espécie de ‘controle de qualidade’, algumas vezes trocando ideias com o autor e mesmo sugerindo alternativas. É ele quem examina o texto em seu conjunto, verificando sua estrutura e organização; percorre o texto linha por linha, observando o estilo, tendo em vista o autor do original e o leitor final; revisa o texto considerando sua gramática, a ortografia e mesmo a tipografia; enfim, tendo muitas vezes em vista o que se pode chamar de uma ‘melhoria²’ do texto, de sua qualidade linguística e de sua legibilidade.

No âmbito dos estudos em tradução, muitos trabalhos têm sido publicados, principalmente a partir da década de 90, com enfoque no tradutor e no intérprete em suas representações na literatura e no cinema. Poucos autores, no entanto, trazem o revisor como um personagem, talvez porque lhe caiba quase sempre o papel do leitor que deve “passar a limpo” o que lê. Trabalhando em conjunto com o autor e o tradutor, raramente assume o papel de autor, como é o caso de Raimundo Benvindo Silva, na *História do cerco de Lisboa*, de Saramago, pondo dados históricos em jogo entre realidade e ficção. Mais recentemente, em 2009, o espanhol Ricardo Menéndez Salmón publica *O revisor*³, escrito em primeira pessoa pelo narrador Vladimir, e fica também no limiar entre ficção e autobiografia: Ricardo era revisor e havia vivido, como o revisor, os atentados de 11 de março de 2004 em Madri.

De lupa na mão para não deixar escapar as gralhas – erros tipográficos que aparecem como manchas no texto ou buracos que fazem o leitor tropeçar –, muitas vezes o revisor deixa suas marcas, e quase sempre, entre elas, aquela que “não poderia ter deixado passar”. Entre as gralhas, algumas ganham fama histórica, como é o caso da Bíblia impressa pelo editor da versão inglesa do Rei James (*King James Bible*), conhecida como *Wicked* ou *Adulterous Bible*, porque traz o nono mandamento registrado sem o “not” em “You shall commit adultery”. Neste trabalho, foram as marcas/rastros do revisor em uma história policial que serviram de ponto de partida.

² Em determinadas épocas, soma-se à tarefa do revisor a função de censor, mas esse não será o foco deste trabalho.

³ Disponível em: <http://portalivros.wordpress.com/2011/01/19/novidade-porto-editora-%C2%ABo-revisor%C2%BB-de-ricardo-menendez-salmon-encerra-trilogia-do-mal/>. Acesso em: abr. 2014.

Acho que nunca se tentou o elogio do revisor de provas, e talvez seja desnecessário. São palavras de Rodolfo Walsh que podemos ler em sua “Advertência do autor”, dirigida ao leitor de *Variações em vermelho e outros casos de Daniel Hernández*, em 1953, no exato momento em que fala das faculdades intelectuais de seu personagem, o revisor de provas que se torna detetive, Daniel Hernández, D.H: “a observação, a minuciosidade, a fantasia (tão necessária, v.g., para interpretar certas traduções ou obras originais), e sobretudo essa estranha capacidade de colocar-se simultaneamente em diversos planos que o revisor tarimbado exerce...” (2011, p. 8).

Com Rodolfo Walsh, a revisão se torna peça de ficção, e D.H. deixa de ser pseudônimo “no sólido mundo da realidade” para ser um personagem “cujo destino... lhe foi imposto pelo acaso” (p. 7), enquanto o autor se lança na investigação dos crimes cometidos pelas autoridades militares e policiais da Argentina. É nessa fronteira entre realidade e ficção que se inscreve este trabalho, que encontra na novela “A aventura das provas de prelo”, uma metáfora da tarefa do revisor, de seus rastros, da escrita, da tradução. Que se entenda aqui que também a metáfora deve ser tomada nessa fronteira, porque não é possível deixar de lado a literalidade da “morte do autor”, que em Roland Barthes (1988) é apenas uma proposta teórica. Para Rodolfo Walsh, o ofício do escritor é um ofício violento, e suas interpretações da realidade que vive e sobre a qual escreve ininterruptamente, diferente do Daniel bíblico que inspira o pseudônimo/personagem, acabam por deixá-lo na cova dos leões.

A ficção policial de Walsh mescla história e autobiografia, e faz da revisão de provas de prelo um passo a passo do ofício de revisor e de como os conhecimentos desse ofício levaram à solução de um verdadeiro “mistério”.

Este trabalho se organiza em quatro capítulos e algumas considerações finais que apenas remetem ao “mistério”, que o leitor só poderá decifrar com a ajuda de Daniel Hernández. No primeiro capítulo – como na aventura das provas, antes da apresentação das personagens – entra em cena o autor, Rodolfo Walsh, com sua vida de militante político indissociável de seu trabalho de revisor, tradutor e escritor. No capítulo 2 são apresentados alguns conceitos de

revisão, bem como os tipos de revisão, além de fomentar uma reflexão a respeito do status da profissão e de seus limites. Em seguida, no terceiro capítulo, uma parte do itinerário de pesquisa dedicado a uma fundamentação teórica para a análise da tarefa do revisor e de sua criação como personagem de ficções, acompanhado de outros dois, o tradutor e o intérprete, que refletem diferentes estereótipos orientados por teorias em contraponto: o revisor Raimundo Silva e o tradutor Gallus (influenciados por uma visão mais conservadora, ou tradicional, de tradução e revisão) e o intérprete, Sr. Kapasi (em cujas características reconhecemos uma visão denominada pós-estruturalista). O capítulo 4 traz uma análise do personagem central, o revisor-detetive Daniel Hernández, criado pelo escritor argentino Rodolfo Walsh.

1. Rodolfo Walsh, da revisão à autoria

*Un día extravié medio pliego de una novela de Asimov. ¿Lo inventé de pies a cabeza. Nadie se dio cuenta. A raíz de eso fantaseé que yo mismo podía escribir.*⁴

Rodolfo Walsh

Rodolfo Jorge Walsh⁵, escritor, jornalista, dramaturgo, ensaísta e, especialmente, militante político, de família irlandesa, nasceu em 1927, em Choele-Choel⁶, na província patagônica de Río Negro, na Argentina.

Em Buenos Aires, antes de receber o Prêmio Municipal de Literatura, por seu livro *Variaciones em Vermelho*, trabalha como lavador de pratos e limpador de janelas. Em 1944, aos 17 anos, inicia sua carreira como revisor de provas de uma grande editora, a editora Hachette, na qual ingressa por ser bilíngue, o que acaba por levá-lo, dois anos depois, a atuar como tradutor de vários livros (inglês-castelhano), em sua maioria literatura policial. Walsh traduz obras de William Irish, Ellery Queen, Cornell Wolrich, Evelyn Piper, Adrian e Arthur Conan Doyle e Edgar Alan Poe, entre muitos outros (ADOUE, 2008, p. 25).

Em 1950, aos 23 anos, incentivado pelo ofício de revisor e tradutor, publica seu primeiro conto, *Las três noches de Isaías Bloom*, na revista *Vea y Lea* (ADOUE, 2008, p. 17), e um ano depois, ingressa no ofício de jornalista, colaborando ativamente com a revista *Leoplán*, na qual publica artigos jornalísticos, traduções e comentários literários a partir de 1953. É nessas revistas que leva para o público as aventuras do delegado e do investigador Daniel Hernández, que também lhe servia de pseudônimo.

⁴ Isaac Asimov foi um escritor norte-americano, de origem russa, que se destacou no gênero ciência-ficção e na divulgação científica. Disponível em: < <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/a/asimov.htm> >. Acesso em: mar. 2014.

⁵ Dados biográficos disponíveis no site da Editora 34 (<http://www.editora34.com.br/areas.asp?autor=Walsh,%20Rodolfo>), acesso em: fev. 2014; no texto de Reynaldo Claudio Gómez: *Rodolfo Jorge Walsh: Um hombre que se animaba* (<http://perio.unlp.edu.ar/node/1031>), acesso em: jan. 2014; e no site Equipo de investigaciones Rodolfo Walsh (<http://www.rodolfowalsh.org/>). Acesso em: mar. 2014.

⁶ “Choele Choel, tal cual figura en todos los libros publicados de Rodolfo J. Walsh, actualmente es una ciudad del Valle Medio de la provincia de Río Negro ubicada a 19 kilómetros de Lamarque. Y Lamarque, fundada en 1.900, pero bautizada con este nombre recién en 1.942 mediante el decreto número 11.593, en honor a una antigua jurista provincial, era la Colonia Nueva del Pueblo de Choele Choel por 1.927, año en que naciera Walsh”. Disponível em: <http://www.rodolfowalsh.org/spip.php?article181>. Acesso em: mar. 2014.

É em 1953 que Rodolfo Walsh publica *Variaciones en rojo*, seu primeiro livro, composto por três novelas policiais: *La aventura de las pruebas de imprenta*, *Variaciones en rojo* e *Asesinato a distancia*, protagonizadas pelo revisor-detetive Daniel Hernández. Importa destacar que Walsh hesitava entre a literatura e a escrita jornalística como formas de narrar o que acontecia a sua volta, mantendo sempre aberta a veia investigativa, que vai levá-lo até a escrita da *Carta aberta de um escritor à junta militar*. No dia 25 de março de 1977, um dia depois de terminada a carta, ele se torna mais um dos milhares de desaparecidos que um ano antes havia divulgado denunciando as torturas e assassinatos promovidos pela ditadura militar argentina.



Figura 1 Obras de Rodolfo Walsh publicadas⁷

Walsh estava trabalhando na adaptação de *Operation Heartbreak*, de Duff Cooper, uma novela sobre uma história de espionagem, quando, em junho de 1956, os argentinos são surpreendidos por um *putch* cívico-militar com o intuito de restituir Perón ao governo. Em sua

⁷ Fonte: <http://www.rodolfowalsh.org/spip.php?rubrique50>. Acesso em: mar. 2014.

casa, pela janela, Walsh presencia o fuzilamento de um soldado. A partir desse episódio, conta-nos Silvia Beatriz Adoue, Walsh

dedicará o resto da sua vida a desvendar uma verdade vislumbrada às escuras, junto à janela de sua casa. Vinte anos depois, perderá sua filha primogênita num enfrentamento com os mesmos militares que antes tinham derrubado Perón. Ele próprio, emboscado, responderá ao fogo do inimigo com uma arma de pequeno calibre, será malferido e fará desaparecer seu corpo junto com seus escritos inéditos. (ADOUE, 2008, p. 10-11)

Embora no início de sua carreira como escritor Walsh tenha se dedicado à escrita de textos ficcionais (*Diez cuentos policiales* e *Variaciones en Rojo*, por exemplo), seu envolvimento com a militância política durante a ditadura argentina levaram-no a envolver-se com a investigação jornalística, com a literatura de testemunho e de denúncia. Walsh “assume a identidade de seu *alter ego*”, o revisor-detetive Daniel Hernández, e passa a publicar também obras de não ficção, como é o caso de *Operación Masacre* (1957), *¿Quién mató a Rosendo?* (1969) e *El caso Satanowsky* (1973)⁸. Trata-se de relatos policiais com muitas características em comum com seus trabalhos de ficção (mortes, pistas, provas e investigações), mas que denunciam o acontecido na vida real:

[...] Seu compromisso não se limitou a ficar atrás de uma máquina de escrever. Rodolfo Walsh era um autêntico revolucionário que acompanhou todo o processo de resistência e de liberação nacional, militando nas FAPs, se identificando com a esquerda peronista dos anos 60, ingressando na organização Montoneros nos anos 70, quando a mais feroz repressão completou um ano e quando se viu cercado, Walsh escreveu a Carta Aberta à Junta Militar⁹.

Em março de 1977, no aniversário de um ano da ditadura argentina, o escritor-militante Walsh, *autor de novelas policiais que se transformou em detetive* (ADOUE, 2005), escreve uma carta aberta aos militares, na qual denuncia vários crimes da ditadura argentina, incluindo sequestros e torturas.

⁸ Em *Operación Masacre*, Walsh denuncia o fuzilamento de um grupo de opositores ao novo regime em José León Suárez; Em *El caso Satanowsky*, Walsh dirige sua denúncia aos responsáveis da chamada Revolución Libertadora que trata de casos de corrupção, extorsão e assassinato na luta pelo poder. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/w/walsh_rodolfo.htm>. Acesso em: mar. 2014.

⁹ Su compromiso no se cerró sólo detrás de una máquina de escribir. Rodolfo Walsh era un auténtico revolucionario que acompañó todo el proceso de resistencia y de liberación nacional, militando en las FAP identificándose con la izquierda peronista de los '60, ingresando a Montoneros ya en los '70, cuando se cumplió un año de la más feroz represión y sabiéndose cercado, Walsh escribió la Carta Abierta a la Junta Militar. Disponível em: <http://www.rodolfowalsh.org/spip.php?article63>. Acesso em: mar. 2014.

Vítima de uma emboscada, Walsh, assim como outros 30 mil, torna-se mais um desaparecido¹⁰.

1.1 Walsh, o escritor de ficção

Rodolfo Jorge Walsh aproxima-se da realidade com o olhar indagador do detetive e do exegeta. Para ele, os fatos escondem e insinuem, dão pistas.

Sílvia Adoue

No que diz respeito à literatura policial de enigma de Walsh, pode-se dizer que os trabalhos publicados seguem o molde clássico da “novela problema”, em que todas as pistas são apresentadas ao leitor para que possa resolver o mistério. Na “Advertência do autor”, a que fizemos referência, explica que oferece ao leitor “todos os elementos necessários, se não para resolver o problema em todos os seus detalhes, pelo menos para descobrir a ideia central, seja do crime, seja do procedimento que serve para esclarecê-lo” (2011, p. 9), e chega mesmo a indicar a página em que o leitor vai se deparar com esses elementos. Nessa linha, além de *Variaciones en rojo* (livro composto por três novelas), o autor publica também o livro *Diez cuentos policiales argentinos* no mesmo ano. O protagonista de *Variaciones en rojo* é Daniel Hernández, revisor da editora Corsario, com grandes habilidades dedutivas.

Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares são referências inescapáveis para o Walsh autor de literatura policial de enigma, cuja influência se mostra tanto no estilo quanto nos textos escritos pelo autor no período (MOLINA; GOLDONI, 2011, p. 229). Segundo Adoue (2011), o conto *La muerte y la brújula*, de Jorge Luis Borges,

é uma influência fundamental das primeiras ficções policiais de Walsh, a quem essa impossibilidade não escapava. Por muito tempo, ele fez um esforço para *acriollar* o gênero. Não somente para torná-lo verossímil, mas para, no limite, fazer dele um modelo explicativo da realidade. Foram esses esforços que o levariam do *fair-play* do policial de enigma ao *hardboiled* e do jornalismo investigativo à militância política.¹¹

¹⁰ Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/victimas/nombres.html>. Acesso em: dez. 2013

¹¹ es una influencia fundamental de las primeras ficciones policiales de Walsh, a quien esa imposibilidad no le escapaba. Por mucho tiempo, él hizo un esfuerzo por acriollar el género. No sólo para tornarlo verosímil, sino para, en el límite, hacer de él un modelo explicativo de la realidad en que vivía sumergido. Fueron esos esfuerzos que lo llevarían del *fair-play* del policial de enigma al *hardboiled* y del periodismo de investigación a la militancia política.

O título do livro *Variações em vermelho* é uma referência clara ao modelo clássico policial inglês *Um estudo em Vermelho* (2004), livro em que Conan Doyle apresenta o detetive Sherlock Holmes. Também na narrativa *A aventura das provas de prelo*, podemos ver menções diretas a Holmes e a seu parceiro Watson. Além de Conan Doyle, Daniel Hernández cita diretamente *O estranho caso do cachorro morto* (2005), de Mark Haddon: “— Holmes — murmurou Daniel com expressão distante. — Oliver Wendell Holmes. Sherlock Holmes. Curiosa coincidência... Você se lembra do estranho caso do cachorro morto?” (WALSH, 2011, p. 39).

As provas (de gráfica) também representam um ponto comum entre *A aventura das provas de prelo*, de Walsh, e *A aventura dos três estudantes*, de Conan Doyle. No primeiro caso, trata-se de provas de prelo de uma editora; no segundo, trata-se de provas de grego recém-chegadas da gráfica, que serão ministradas a estudantes que concorrerão a uma bolsa de estudos muito significativa. As duas provas estão relacionadas à tradução: na obra de Walsh, têm-se as provas de prelo da tradução de um texto de Oliver Wendell Holmes – mais uma referência direta a Sherlock Holmes – que estavam em revisão com o tradutor responsável (Raimundo Morel); já em *A aventura dos três estudantes*, de Conan Doyle, têm-se as provas de tradução de grego, de posse do professor Hilton Soames, que farão parte de um exame para concessão de uma bolsa de estudos.

Em *A aventura dos três estudantes*, o professor responsável pela aplicação do exame percebe que alguém invadira sua sala às vésperas do exame e deixara alguns rastros. Temendo a repercussão negativa que esse aparente descuido poderia causar à reputação do colégio e à sua própria, o professor pede ao detetive Sherlock Holmes que investigue e descubra quem havia invadido sua sala. O detetive investiga todas as provas, interroga os suspeitos e o caso é solucionado.

Apesar de apresentar tantos pontos em comum com outras obras e autores, diferentemente do excêntrico criminologista autodidata, o Sherlock Holmes, de Conan Doyle, ou do Chevalier Dupin, de Edgar Allan Poe, quem desvendará os crimes será um homem das letras, o revisor-detetive, *alter ego* de Walsh, Daniel Hernández (MOLINA; GOLDONI, 2011, p. 229).

1.2 A aventura das provas de prelo: algumas pistas

Com os livros em mãos, o leitor tem suas primeiras pistas nas capas e nos títulos. Lado a lado, temos aqui a capa (criação de Juan Miguel Castillo) da primeira edição argentina, de 1953, do livro *Variaciones en rojo*, de Rodolfo Walsh; e a capa da primeira edição da versão em português, publicada pela Editora 34¹², em 2011 (capa, projeto gráfico e editoração eletrônica de Bracher & Malta Produção Gráfica)¹³.

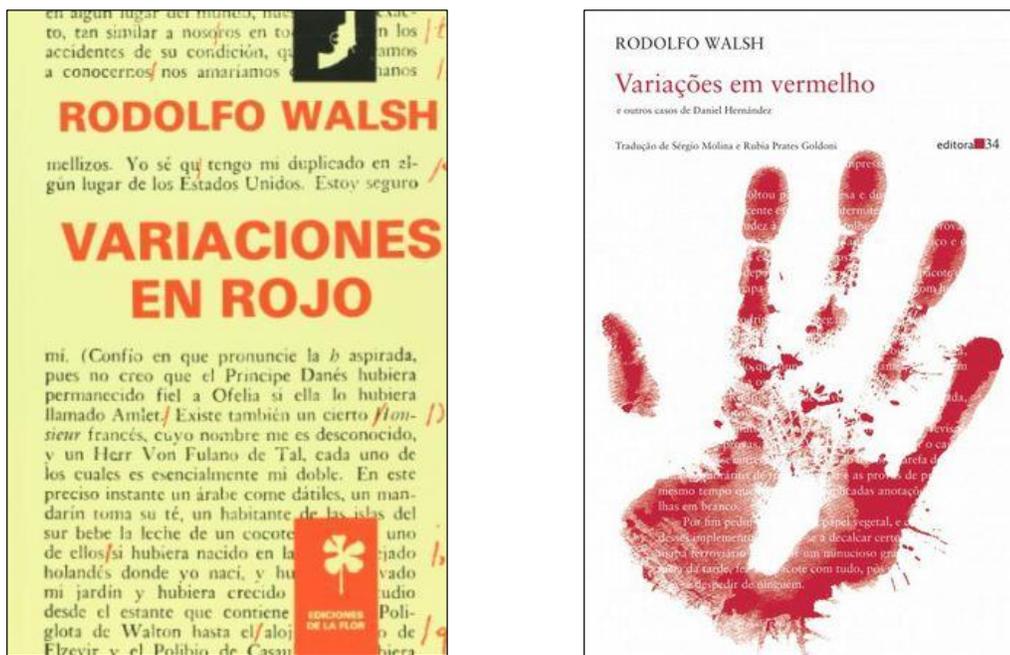


Figura 2 Capas da primeira edição em espanhol (1953) e da versão em português (2011)

Em ambas as capas pode-se notar a presença da prova de prelo, com mais evidência na primeira, que, além do texto, apresenta também os símbolos de revisão na margem direita e no meio do texto, em vermelho (alusão ao título “*rojo*”; “vermelho” em português), alusão direta aos rastros a serem seguidos pelo revisor-detetive, e um revólver na parte superior (alusão ao crime).

¹² Vale ressaltar que a tradução das obras de Rodolfo Walsh pela Editora 34 tem o respaldo do Programa Sur de Apoio à Tradução do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina. Em 2010, foi publicado o primeiro livro de Walsh em português, *Essa mulher e outros contos* e, em 2011, *Variações em vermelho*. Disponível em: <<http://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=700&busca=>>. Acesso em: mar. 2014.

¹³ Há outras capas disponíveis na Internet, como uma edição de bolso (serie Naranja n. 192) de 1953 da Editora Hachette. Disponível em: <http://elefantes.rosas.blogia.com/temas/libros-criminales.php>. Acesso em: jan. 2014.

Na versão em português, embora os símbolos de revisão não estejam visíveis, a marca de mão ensanguentada deixada na prova de prelo pode remeter tanto ao vermelho da tinta normalmente usada na correção de um texto, quanto ao crime.

Outra constatação interessante é que o título em espanhol é simplesmente *Variaciones en rojo*, já na tradução para o português o título *Variações em Vermelho* recebeu uma adição: *e outros casos de Daniel Hernández*. Não se pode afirmar com certeza o porquê desse acréscimo; no entanto, podemos conjecturar que houve, na tradução, a intenção de divulgar a existência de um personagem de destaque, que aparecerá em diversas narrativas, assim como acontece com o Sherlock Holmes (*As aventuras de Sherlock Holmes* e *As memórias de Sherlock Holmes*)¹⁴ de Conan Doyle, cuja influência no trabalho de Walsh, não por um acaso, é mencionada no *Posfácio* da versão em português pelos tradutores Sérgio Molina e Rubia Prates Goldoni – o que acaba por chamar a atenção do leitor atento e dos apreciadores da literatura policial clássica.

Dada a primeira impressão sobre a obra, tratemos do enredo. Em *A aventura das provas de prelo*, a história se desenvolve a partir da morte de Raimundo Morel¹⁵, renomado revisor e tradutor de aproximadamente 35 anos, inteligente, totalmente desprovido de dotes físicos, porém de semblante digno, formado em Harvard e dono de objetividade e desprendimento invejáveis. O longo parágrafo que descreve detalhadamente a feiura desse personagem permitiria a confecção de um verdadeiro retrato falado.

É da morte de Raimundo Morel que nasce o interesse do revisor pela investigação policial. Essa morte ocorre em meio à desafiadora tarefa de tradução para o castelhano da obra do também harvardiano Oliver Wendell Holmes, possivelmente o único clássico norte-americano “completamente ignorado nessa língua” até então.

Esse incidente é analisado sob a ótica de três profissionais: um delegado de polícia, Jiménez; um investigador privado, Alvarado, e o revisor, Daniel Hernández. Eles se utilizam do conhecimento adquirido em suas profissões para elaborar, complementar e comprovar suas respectivas teorias acerca da morte de Morel: acidente, suicídio e assassinato.

¹⁴ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sherlock_Holmes>. Acesso em: mar. 2014.

¹⁵ Como em *A invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares. No caso de Bioy Casares, o personagem Morel cria uma máquina de narrar que substitui a realidade (ADOUE, 2008).

Uma análise superficial indicaria suicídio ou acidente, já que Morel estava sozinho em seu apartamento, mais precisamente em seu escritório, revisando as provas de prelo do livro de Holmes que ele próprio havia traduzido, ao lado de um copo e de uma garrafa de uísque, de posse de sua arma e dos instrumentos para fazer a sua limpeza.

Enquanto o delegado Jiménez, responsável pelo caso, envia o material recolhido para a análise, o revisor Daniel Hernández, colega de trabalho da vítima e conhecido de Jiménez, concentra-se nas provas de prelo que Morel estava revisando.

Completando a terceira ponta desse triângulo de investigação surge Alvarado, o agente enviado pela companhia de seguros – Morel tinha feito um seguro de vida contra acidentes e a companhia tinha interesses diretos nos resultados da investigação.

De posse dos resultados da análise, o delegado expõe sua versão dos fatos e conclui que a morte foi acidental. Diferentemente dessa versão, Alvarado conclui que Raimundo Morel se suicidou. E, por fim, o revisor-detetive Daniel Hernández apresenta sua versão dos fatos, elaborada com base na análise das mesmas provas ou indícios, mas com uma pequena diferença: D.H. seguira a pista dos “indícios involuntariamente deixados por Morel”:

— O senhor entende que, antes de provocar a própria morte, Raimundo Morel criou uma férrea cadeia de indícios que conduziria a reconstrução de seus atos físicos (não do recôndito processo interior que animava seus atos). E de fato Morel nos deixou indícios que nos permitem seguir passo a passo seus movimentos na noite do crime. Mas não são os indícios a que o senhor se refere, e ele os deixou involuntariamente. (WALSH, 2011, p. 54-55)

Ou seja, de posse dos resultados da balística fornecidos pelo delegado e de pistas importantes encontradas na cena do crime – as provas de prelo do livro de Holmes –, o conhecimento do ofício de revisor permite a D.H. não só interpretar as provas de prelo como também seguir os “indícios” deixados por Morel, que somente um “revisor tarimbado”, um conhecedor do ofício poderia compreender. De posse desses indícios, Daniel Hernández, o revisor-detetive, conclui que Morel fora vítima de um crime, orquestrado por sua esposa e seu amante (amigo da família e executor) com o intuito de receber o seguro de vida.

2. Os ofícios do revisor

A herança irlandesa católica de Rodolfo Walsh está presente em várias obras: em seu primeiro trabalho como escritor autor, *Las três noites de Isaías Bloom*, o nome do personagem é uma referência ao profeta bíblico Isaías (profeta de Judá nos reinados de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias), enquanto *Bloom* é um sobrenome irlandês. Nessa narrativa, o mistério é desvendado a partir da interpretação dos sonhos de Isaías Bloom, que remete ainda aos sonhos proféticos do jovem José vendido como escravo no Egito por seus próprios irmãos. A temática do sonho também está presente na narrativa *El soñador*, publicada em 2000 (ADOUE, 2005).

Já em *A aventura das provas de prelo* Walsh escolhe como epígrafe de sua narrativa um trecho do *Livro de Daniel* (5, 13-16), o Daniel bíblico, profeta, “primeiro detetive da história ou da literatura”:

Assim foi Daniel introduzido à presença do rei. E disse o rei a Daniel: “[...] Ouvi, porém dizer que tu és capaz de dar interpretações e de desfazer os nós. Se, pois, fores capaz de ler esta inscrição e de me propor a sua interpretação, será revestido de púrpura e trará o colar de ouro ao pescoço, e ocupará o terceiro lugar no governo do meu reino” (WALSH, 2011, p. 11)

Quando o rei do Império Neobabilônico (605-562 a.C.) Nabucodonosor destruiu Jerusalém, alguns jovens judeus cativos foram levados à corte para serem educados a fim de prestarem serviços ao rei, entre eles Daniel e três amigos. Daniel logo se destaca por sua sabedoria e pela firmeza nos preceitos de Deus. Em um determinado momento, quando os magos, encantadores e feiticeiros não conseguem decifrar os sonhos do rei, Daniel o faz (BÍBLIA, 2006, VT, p. 915). Também para o rei Belsazar, neto de Nabucodonosor e último rei do Império Neobabilônico, Daniel decifra o escrito de uma mão misteriosa, conforme mencionado por Walsh na epígrafe.

Já nesse ponto, não por acaso, vislumbramos o papel do revisor-detetive Daniel Hernández, que compartilha não só o mesmo nome do Daniel bíblico, mas também a capacidade de “dar interpretações e de desfazer os nós”. É importante ressaltar que desvendar o mistério só será possível graças às suas habilidades de revisor. Nas palavras da *Advertência* de Walsh (2011, p. 8), já mencionadas:

[...] sem dúvida todas as faculdades de que D.H. se valeu na investigação de casos criminais eram desenvolvidas ao máximo no exercício diário de sua profissão: a observação, a minuciosidade, a fantasia (tão necessária, v. g., para interpretar certas traduções ou obras originais) e, sobretudo, essa estranha capacidade de colocar-se simultaneamente em diversos planos que o revisor tarimbado exerce quando vai atentando, em sua leitura, para a limpeza tipográfica, o sentido, a boa sintaxe e a fidelidade da versão.

Uma vez que o personagem central desta análise é um revisor, assim como Rodolfo Walsh o foi no início de sua carreira, e que, como vimos acima, o conhecimento do ofício garante o sucesso do detetive, apresento a seguir alguns detalhes relacionados à prática de revisão. Entre eles, alguns conceitos ligados à revisão tipográfica ou de provas – segmento editorial –, e à revisão feita em empresas e agências de tradução, principalmente revisão da tradução – segmento das agências de tradução –, uma vez que há muito em comum entre elas, tanto nas formas como a atividade é realizada (sinais empregados e etapas) quanto no que diz respeito à imagem do revisor. É graças a esse conhecimento prático sobre as provas de prelo, importa destacar, que D.H. consegue revelar o misterioso crime.

2. 1 Por falar em revisão...

Mas o que é mesmo revisão? Especialmente na acepção que nos interessa diretamente: a acepção dicionarizada como editoração gráfica (*edit. gráf.*)?

<p>revisão¹⁶ substantivo feminino (1813) 1 ato ou efeito de rever ou revisar 2 nova leitura, mais minuciosa, de um texto; novo exame 2.1 <i>edit gráf</i> exame minucioso das provas de impressão a fim de fazer-lhes as necessárias emendas no confronto com os originais; revisão de prova 2.1.1 p.met. <i>edit gráf jor</i> corpo de revisores de um jornal, revista, editora etc. < a r. começará o trabalho no fim do ano > 2.1.2 p.met. <i>edit gráf jor</i> local ou sala onde se revisam textos, antes de sua impressão definitiva locuções r. de prova edit gráf m.q. revisão tipográfica r. tipográfica edit gráf</p>
--

¹⁶ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

aquela que se faz sobre um texto já composto, ao se confrontarem as provas e contraprovas com o texto original; revisão de prova
Etimologia - lat. *revisio,ōnis* 'ação de rever, revisão'; ver *vid-*

No Dicionário Houaiss, a acepção que define revisão como “um exame minucioso das provas de impressão a fim de fazer-lhes as necessárias emendas no confronto com os originais” está diretamente ligada ao segmento editorial – segmento ao qual estão ligados o tradutor morto Raimundo Morel e o revisor-detetive Daniel Hernández. Basicamente, a revisão, unilíngue ou não¹⁷, é uma das etapas de todo projeto que envolva a escrita, seja ele a construção de um livro (traduzido ou não), de um manual, de um artigo, de um *Website*, de um informativo, entre outros. E, embora haja muitos tipos diferentes de revisão (revisão cotejada da tradução, revisão acompanhada, silenciosa, revisão técnica...), um mesmo objetivo é partilhado entre eles: primar pela qualidade do texto.

O fato é que toda revisão implica a retomada do trabalho, seja para remanejar seja para reformar seu conteúdo (ARAÚJO, 1986, p. 389-390) e, a despeito do que muitos pensam, o revisor não é simplesmente um corretor. A revisão abrange desde a correção gramatical até a reescrita, considerando aprimoramento do conteúdo, coesão e coerência, eliminação de erros ortográficos e conceituais, clareza, legibilidade e acessibilidade. Vale mencionar que independentemente do tipo de revisão contratada, a revisão deve ser competente e atenta, e quanto mais “tarimbado” for o revisor, menor será a chance de haver algum deslize. Do contrário, o revisor pode acabar por cair em armadilhas.

Um exemplo interessante de um revisor desatento que se deixou enredar foi citado em um artigo de Edmilson Caminha (2013). Em certa ocasião, o gramático Napoleão Mendes de Almeida, colunista que respondia a perguntas dos leitores do jornal *O Estado de São Paulo*, ciente da ordem expressa do diretor do jornal que proibia o uso da palavra **fracasso** nos textos, quis explicar ao leitor o motivo pelo qual empregava o termo **malogro** em vez de **fracasso**. Foi então que o “fiel revisor”, disposto a cumprir as ordens do diretor, substituiu todas as ocorrências de **fracasso** no texto de Napoleão por **malogro**, e o resultado foi o seguinte texto ininteligível:

Sempre que possível, convém escoimar o texto de estrangeirismos como **malogro**. Dispomos, em português, do correspondente **malogro**, que equivale à

¹⁷ Do inglês *unilingual revision* (MOSSOP, 2001).

perfeição ao italianismo a que se refere o prezado leitor. Agora perguntamos: se temos, em nosso idioma, palavras de tão legítima formação, como **malogro**, por que dar preferência ao exótico **malogro** quando podemos, em muito melhor português, substituí-lo pelo vernáculo **malogro**? (CAMINHA, 2013, grifos meus)

Ficou evidente que o revisor não pensou nem um pouco no texto que estava lendo (será que ele ‘leu’ o texto?) quando substituiu todas as ocorrências do termo **fracasso** por **malogro**, seguindo à risca, de forma ingênua, a ordem do diretor. O que era aparentemente uma instrução terminológica simples acabou por comprometer a legibilidade do texto, quase provocando, como relata Caminha, um infarto do autor.

O revisor competente deve desconfiar de tudo, principalmente de suas intenções (se muda ou não o texto para seguir o manual, para deixar o texto mais fluente, para ser mais polido, etc.). E deve pesquisar, questionar e, quando não lhe forem “permitidas” alterações, mostrar ao editor o resultado do trabalho. Nos dias de hoje, o trabalho do revisor conta com os editores de textos (como, por exemplo, o Microsoft Word)¹⁸, que são programados para indicar problemas, em verde ou em vermelho.

2.2 Tipos de revisão em diferentes segmentos

Para que seus leitores acompanhem as deduções do revisor-detetive, Walsh inclui na *Aventura* a imagem de uma página com marcas de revisão, e explica o que são essas marcas. Que tipo de revisão fazia Morel?

Entre os processos de revisão destacam-se dois segmentos distintos: o editorial (revisão de provas tipográficas de livros) e o das agências de tradução (revisão da tradução de documentação técnica: sistema de software e manuais, por exemplo). Esses processos não são únicos e variam muito de instituição para instituição em ambos os segmentos. A ideia é apenas apresentar alguns tipos de intervenções possíveis e os processos com os quais o revisor está envolvido – no caso de Morel, o trabalho é editorial e, mais precisamente, uma revisão de tradução.

¹⁸ É importante ressaltar que embora os editores de textos tenham facilitado muito a vida do revisor, o uso inadequado pode comprometer o texto. Um bom exemplo é a **ferramenta Localizar e substituir**, do editor de texto Word, que oferece a opção **Substituir Tudo** – o revisor tarimbado nunca deixa de verificar as substituições uma a uma.

É interessante ressaltar que, embora os revisores atuem em segmentos ou mesmo em etapas distintas do processo de produção, eles fazem uso, consciente ou não, das mesmas “faculdades intelectuais” e das mesmas marcas, ou sinais, de revisão na realização do trabalho (as mesmas marcas encontradas nas provas de prelo do tradutor morto Raimundo Morel).

2.1.1 Revisão de provas tipográficas (segmento editorial)

A revisão tipográfica faz parte de um processo mais abrangente, conhecido como editoração, que compreende três momentos: a preparação de originais (busca, seleção, contratação e adequação dos originais); a composição, a impressão e o acabamento; e, por fim, a comercialização do livro. Quando Walsh dá início à *Aventura*, ele descreve o prédio da editora Corsario, com três andares: no térreo está o setor de vendas; acima, o setor contábil e no terceiro andar, o editorial.

Resumidamente, no primeiro momento, ao receber o texto do autor, o editor deve realizar a normalização literária (revisão que dá ao texto uma “coerência integral”) – esse trabalho sobre o original envolve questões de estilo, clareza, vocabulário, incluindo contato com o autor para esclarecimento de dúvidas, entre outras atividades. Em linhas gerais, o editor de texto, na função de preparador de originais, deve padronizar o texto recebido do autor.

Embora, em tese, o texto disponibilizado pelo autor esteja correto do ponto de vista informativo e gramatical, normalmente não apresenta uniformidade no emprego de caixa alta e baixa, no uso sistemático de pontuação, entre outros. Vale ressaltar que os limites da atuação do preparador de originais não são tão claros, a depender do tipo de livro, se didático ou literário, por exemplo (ARAÚJO, 1986, p. 55-56).

No segmento editorial destacamos, a título mais informativo, alguns tipos de revisão:

- revisão acompanhada (revisor lê a prova acompanhado de um conferente);
- revisão silenciosa, também conhecida como cotejada (leitura isolada da prova pelo revisor);
- revisão batida (processo de rever a segunda prova);
- revisão no chumbo (pré-revisão, antes de tirar a prova);

- revisão técnica (revisão silenciosa realizada na terceira prova, geralmente a cargo do editor de textos, para verificar se a normalização do original foi respeitada e se há algum defeito tipográfico).

No caso de um livro, vêm em seguida: composição, impressão e acabamento. O processo de composição também exige algumas etapas de revisão, que variam de editora para editora¹⁹:

1. Primeira prova: prova impressa a ser lida pelo revisor, na qual é apontado o maior número de erros possíveis (após finalizada, a prova é encaminhada ao departamento de composição para que as emendas sejam realizadas).
2. Segunda prova: revisor verifica se as emendas solicitadas foram implementadas, corrigindo as emendas solicitadas ou novos erros (cometidos pelo compositor) – operação realizada: revisão acompanhada ou batida.
3. Terceira prova: corrigidos os erros da segunda prova, é enviada para o editor (revisão técnica); para o autor (alterações) e para o revisor (confronto com a segunda prova: revisão acompanhada, batida ou silenciosa). De posse das provas do autor e do editor, o revisor implementa as alterações em sua cópia e a encaminha para o departamento de composição. Dependendo da quantidade de emendas realizadas nesta prova, são indicadas quantas outras provas forem necessárias.
4. O texto é montado pelo diagramador e é produzida a prova de página. A partir desse momento são realizadas inúmeras verificações de ordem técnica pelo supervisor editorial (ex.: sequência de numeração) e o confronto das primeiras e últimas palavras de cada parágrafo do original e da prova de página.
5. O editor realiza a prova heliográfica (prova em papel heliográfico (azul), utilizada para checar a ordem correta das páginas antes do processo de impressão)²⁰.
6. É produzida a prova de máquina (ou prova de impressão) para a última verificação.

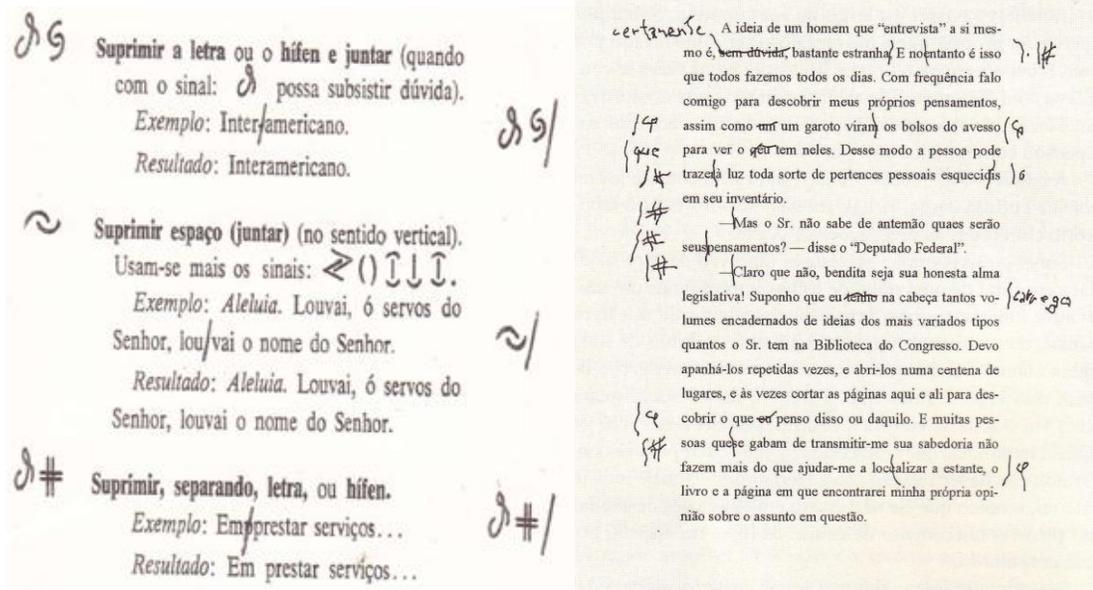
¹⁹ ARAÚJO, 1986, p. 398-399.

²⁰Disponível em: <http://www.canopusonline.com.br/faq_vocab.htm#heliografica>. Acesso em: abr. 2014.

Dentre os tipos de intervenção realizados pelos revisores tipográficos, podemos citar alguns exemplos (ARAÚJO, 1986, p. 392-393):

- salto: omissão de letras, palavras ou frases ou períodos completos;
- gralha: presença de letras e sinais de pontuação virados, fora do lugar ou trocados;
- pastel: inversão de letras, sílabas, palavras, linhas, partes de parágrafos ou parágrafos inteiros.

Para realização de seu trabalho, esse profissional conta com sinais de revisão (unir, suprimir letras, espaços, palavras ou trechos, inserir, entre outros), que constam na NBR 6025 – Norma de Revisão de originais e provas (2002), publicada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Enquanto a NBR 6025 apresenta 38 códigos, dos quais 18 são códigos de correção de texto e 20 de correção tipológica e visual (2002, p. 2-3), Francisco Wlasek Filho, em um dos livros pioneiros sobre revisão, apresenta aproximadamente 120 sinais, com explicação e aplicação prática. Além de facilitar o trabalho dos profissionais envolvidos, esses sinais são também fundamentais em processos de revisão desempenhados por profissionais falantes de idiomas diferentes, afinal, para que esses profissionais se entendam quando trabalham juntos, é essencial que haja uma convenção. Vale ressaltar que desses 120 sinais o revisor tipográfico deve memorizar em média 40 (ARAÚJO, 1986). No caso de nossa personagem de ficção, o tradutor Raimundo Morel, os sinais foram utilizados nas provas de prelo, conforme apresentado na Figura 1.



Fontes: WLASEK, 1977, p. 65; WALSH, 2011, p. 20

Figura 3 Sinais de revisão: explicação e aplicação prática (à esquerda) e prova de prelo reproduzida em *As aventuras da prova de prelo* (à direita)

Na prova revisada por Morel, na Figura 1, podemos observar o emprego do *deleatur* S (em latim, *destrua-se*), sinal que indica supressão de letra, palavra, espaço, entre outras. Segundo o revisor Daniel Hernández, além de realizar emendas tipográficas, Morel realizara alterações no texto, o que indicava que ele estava realizando uma revisão da sua própria tradução (WALSH, 2011, p. 69).²¹

Apresentadas essas informações a respeito da revisão tipográfica, é importante mencionar que não há uma quantidade exata de provas, uma vez que essa quantidade dependerá de fatores como, por exemplo, procedimentos da editora, qualidade do material original, importância atribuída à qualidade pela editora, custo envolvido, entre outros.

²¹ Na revisão realizada na tela do computador, muito utilizada em diversos segmentos, esses sinais não são utilizados, e em seu lugar são utilizados recursos, como, por exemplo, a ferramenta Controlar Alterações, do Microsoft Word (2007). Essa ferramenta permite destacar no texto as alterações realizadas em formas de marcas e comentários, e cabe ao autor, aceitar ou rejeitar essas alterações, e ainda inserir um novo comentário.

Considerando-se que publicar materiais sem erros – seja em diagramação, impressão, conteúdo, entre outros – é um objetivo utópico, quanto maior o número de revisões realizadas, menor será a chance de serem encontrados problemas na publicação e mais próximo desse objetivo se estará. Digo mais próximo porque, em minha experiência como revisora²², participei do processo de revisão de vários periódicos da área de tecnologia da informação e comunicação e, apesar de o material ter sido revisado por dois ou mais profissionais, o resultado final impresso sempre apresentava alguns problemas que não tinham sido detectados durante a revisão – talvez imperceptíveis para o leitor sem experiência em revisão (padronização, caixa alta, caixa baixa, entre outros), mas que saltam aos olhos dos revisores. Nas palavras de Monteiro Lobato (AZEVEDO, 1997):

A luta contra o erro tipográfico tem algo de homérico. Durante a revisão os erros se escondem, fazem-se positivamente invisíveis. Mas assim que o livro sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiros sacis a nos botar a língua em todas as páginas. Trata-se de um mistério que a ciência ainda não conseguiu decifrar.

2.1.2 Revisão da tradução (agências de tradução)

Na *Aventura* das provas de D.H., sabemos, logo no início da trama, que o revisor de provas da editora Corsario é Morel, o tradutor encontrado morto em seu apartamento logo no segundo capítulo. Nessa época, início dos anos 1950, a única ferramenta era a velha caneta-tinteiro com tinta vermelha, e o texto então trabalhado era um ensaio de um autor norte-americano.

Antes de partirmos para a avaliação das provas investigadas por D.H., peço a paciência do leitor para alguns esclarecimentos e para frisar algumas distinções importantes no que diz respeito à tradução literária e técnica e à revisão feita em editoras e em agências de tradução. No recorte feito para este trabalho, a tradução literária se refere à tradução de obras literárias (poemas, ensaios, romances, entre outros); já a tradução técnica, realizada em agências de tradução, refere-se, principalmente, à tradução de manuais e sistemas de *software*. Sem dúvida, a investigação é outra, mas na era dos crimes virtuais ou crimes cibernéticos, pode ser útil conhecer um pouco do que se faz na revisão técnica.

²² Além de mestranda na área de tradução (Linguística Aplicada), atuo também com coordenadora de projetos de tradução/revisão e revisora (unilíngue e de tradução) no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPqD).

Atualmente, boa parte dos trabalhos de tradução (e, conseqüentemente, de revisão da tradução) decorre de demandas de diversos setores do mercado. Especificamente, a informática, aliada à constante – e cada vez mais intensa – circulação de bens e informações, é uma das áreas que necessitam desse tipo de trabalho. Embora muitas pessoas, por exemplo, aqui no Brasil, utilizem diariamente em seus computadores programas com interface gráfica (tela)²³ em português, poucas se dão conta de que tal interface foi traduzida do inglês, no caso de programas, como, por exemplo, do pacote Office da Microsoft (2013), para adequar-se às necessidades dos clientes brasileiros.

O processo de tradução da documentação relacionada ao produto (manuais e guias) envolve também a revisão da tradução, que, por sua vez, integra o seguinte processo: uma vez traduzido, o material é encaminhado para um tradutor experiente e, geralmente, líder de um grupo de tradutores (chamado de editor²⁴) responsável pela qualidade da tradução. Nessa fase, o material com o objetivo de garantir a consistência terminológica (emprego dos termos utilizados pela área em questão), o estilo e a integridade (*acurácia*) linguística e técnica (ESSELINK, 2000, p. 315). Em suma, com base nesses critérios, o trabalho consiste em revisar a tradução – cotejando com o original. Além desses critérios, Esselink (2000, p. 316) apresenta algumas orientações a serem seguidas pelo editor, das quais se destacam²⁵:

- assegurar-se de que os tradutores seguiram os padrões de qualidade, como, por exemplo, se eles revisaram sua própria tradução e passaram o corretor ortográfico (nesse contexto, tem-se a revisão feita durante a tradução e após a tradução);
- ter sempre em mente o público-alvo e o propósito do documento, a fim de evitar alterações estilísticas desnecessárias (afinal tempo é dinheiro);
- eliminar redundância e prolixidade no texto traduzido; etc.

²³ Trata-se de um conceito que representa a interação entre o usuário e o programa de computador por meio de uma tela, representação gráfica, visual, etc. (Disponível em: <http://www.explorando.com.br/o-que-e-interface-grafica>>. Acesso em dez. 2013).

²⁴ No livro de Esselink (2000) não há uma “uniformização” quanto ao emprego dos termos *reviewer*, *editor* e *proofreader*. Não obstante, independentemente da denominação dada a eles, todos esses profissionais estão envolvidos na atividade de revisão, a fim de garantir a qualidade do material. Além dessas denominações, podemos citar o *copy editor* e *copy editor*, por exemplo.

²⁵ Este e outros excertos do livro de Esselink (2000) foram traduzidos por mim.

Após a diagramação e inserção de capturas de telas, o revisor ou *proofreader* responsável pela qualidade linguística dessa documentação realiza o *proofreading* (ESSELINK, 2000, p. 315) – a leitura final em papel (em versões mais atuais do Adobe Acrobat Professional²⁶, é possível fazer uma revisão eletronicamente no pdf, usando a ferramenta Adicionar nota) do texto já diagramado, geralmente realizada por um revisor *freelance*. Durante o *proofreading*, o revisor deve:

- utilizar os símbolos-padrão, ou marcas de revisão, vistos anteriormente (no caso do *proofreading* realizado na ferramenta do Adobe Acrobat Professional, em vez de marcas são adicionados comentários);
- evitar reestruturar períodos inteiros e focar-se em erros óbvios relacionados a estilo, digitação, pontuação e formato;
- verificar cabeçalhos e rodapés, entre outros recursos do texto.

Por fim, são realizadas várias verificações (o *checklist*, também conhecido como *final eye*), a fim de eliminar todos os erros que possam ter passado pelos olhos dos profissionais envolvidos no processo (ESSELINK, 2000, p. 317).

Esse cenário ideal, em que são realizados diversos tipos de revisão e normalização com o objetivo de garantir a qualidade do produto final, é comum entre revisores de agências de tradução e empresas com departamento de tradução.

Não obstante, a busca por qualidade a preços mais competitivos (para não dizer mais baixos) e, com prazos cada vez mais curtos tem modificado um pouco esse cenário ideal de garantia da qualidade apresentado por Esselink (2000). Segundo Danilo Nogueira (2012), tradutor técnico e um dos responsáveis pelo *blog Tradutor Profissional*, muitos clientes, com o objetivo de economizar, realizam apenas a última fase do processo de revisão, o *proofreading*, uma vez que é mais econômica e requer menos tempo (quando há cotejo com o original, o revisor tem que lidar com dois textos). Em outros casos, há empresas que optam também por deixar a tradução e a revisão a cargo de um mesmo profissional (*self-revision*) – esse tipo de revisão é considerado parte do processo de composição, diferentemente da revisão feita por outro

²⁶Como, por exemplo, o Acrobat XI Pro. Disponível em: <<http://www.adobe.com/br/products/acrobatpro.html>>. Acesso em: dez/2013.

profissional, que é um processo específico (MOSSOP, 2007, p. 12). Contudo, eliminar o processo de revisão, optando por realizar apenas o *proofreading* ou apenas a *self-revision* não é uma prática muito indicada, visto que é difícil para o tradutor detectar erros em seu próprio trabalho depois de se concentrar muito tempo nele (FERNANDES, 2013).

2.2 Uma via de mão dupla: reconhecimento e qualificações

Em uma entrevista realizada por Haroldo de Campos, Irlemar Chiampi e Leyla Perrone-Moisés com Emir Rodríguez Monegal (docente, crítico literário e ensaísta uruguaio), quando questionado por um dos interlocutores a respeito da troca do nome Teodelina por Clementina, o autor imediatamente alega ter sido um suposto ato falho, mas não sabe com certeza de quem foi o erro, se dele ou dos revisores:

Emir: não posso explicar a errata porque eu não corriji as provas de página do livro; só corriji as provas de 'galera' (não sei como se diz em português, quando o material está todo composto mas ainda não está em página). Por isso, não sei como desapareceu Teodelina e apareceu Clementina e, como não tenho aqui as provas, não sei se é uma errata minha ou é uma invenção dos revisores, lá em Nova York. Eu estava precisamente aqui em São Paulo quando corriji as primeiras provas. Aliás, tive uma experiência muito ruim com outro nome no livro, o de Jean de Milleret, um amigo francês do Borges que aparece citado muitas vezes. Apesar de que sempre o escrevi corretamente, no manuscrito, quem fazia o "copy editing" do livro sempre alterava a ortografia. Tivemos uma polêmica que durou meses. Por isso é possível que "Clementina" seja erro meu; também é possível que não o seja. Agora vamos admitir que o erro seja meu, porque é mais divertido que eu tenha omitido a Deus e haja procurado a demência "divina" no nome de Teodelina: bato no meu peito e digo: "Mea culpa". (1981, p. 134)

Embora o autor mantenha certo suspense com relação a essa troca de nomes, acaba explicando em uma nota, reproduzida aqui no rodapé²⁷, que o erro havia sido mesmo dos revisores. Embora o autor tenha tentado ser simpático, dividindo essa culpa entre os revisores e Jorge Luís Borges, termina dizendo que o erro existiu e, com eufemismos à parte, o revisor leva a

²⁷ Nota na íntegra [Nota de 1981: Revisando as primeiras provas, conferi que o nome que eu transcrevi era realmente "Teodelina Villar" e que os revisores mudaram para "Clementina". O meu erro não era *meu*. Aliás, também não era dos revisores. Na primeira versão do conto (publicada nos *Anales de Buenos Aires*), ela se chamava "Clementina". Ao recolher o conto em volume, na coleção *El Aleph* (1949), Borges trocou o nome por "Teodelina", para explicitar mais o sentido divino. A tradução, em inglês, que os revisores usavam (*Labyrinths*, New York, 1964) tinha sido feita sobre o texto original da revista. Daí, que eles mudaram as minhas menções para restaurar a "Clementina" original. Lamento que estas minúcias bibliográficas estraguem o divertido jogo lacaniano do diálogo (E.R.M.)].

“culpa”. É uma pena que, na maioria das vezes, os revisores sejam mencionados apenas nessas ocasiões. Talvez seja mesmo um destino do revisor: fazer-se visível onde parece se revelar seu trabalho de guardião: nas falhas, saltos, gralhas e pastéis!

Outra forma de “visibilidade” do revisor é ter seu nome na ficha técnica – ou expediente – do livro. Não obstante, independentemente de figurar ou não nessa ficha, no rodapé ou em qualquer outra parte do material, uma vez que o nome do revisor está atrelado ao trabalho, ele deve se sentir corresponsável pelo sucesso ou não da publicação.

Em uma situação específica que testemunhei, independentemente das intenções do revisor, as intervenções foram tão significativas e, felizmente, vistas com bons olhos pela editora, que o reconhecimento foi incluir o revisor no rol da coautoria – uma promoção muito bem-vinda até para aqueles que não aspiram à autoria. Vale ressaltar que, em alguns livros publicados recentemente, alguns revisores além de terem seus nomes expostos na capa do livro, têm ocupado diferentes espaços. A nova coleção de traduções de Freud lançada pelo Grupo Autêntica dá destaque para o tradutor e para o revisor: no livro *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, Emiliano Brito Rossi além de tradutor do livro, escreve o *Posfácio*, e Pedro Heliodoro Tavares, revisor técnico da obra e coordenador da coleção e da tradução, é responsável pela *Apresentação*. Além do nome do revisor técnico e da biografia do tradutor e do revisor técnico, aparecem na ficha técnica os nomes de dois revisores: Cecília Martins e Felipe Augusto Vicari. Já os tradutores da obra central analisada nesta pesquisa, *Variações em vermelho*, tornam-se autores do *Prólogo* ao final do livro, além de terem suas biografias apresentadas em uma parte específica intitulada *Sobre os tradutores*, e os revisores Alberto Martins e Isabel Junqueira figuram na ficha técnica.

No caso de muitos trabalhos realizados em agências de tradução, por exemplo, o nome do revisor dificilmente – para não dizer nunca – figurará em algum manual, junto ao do redator responsável, a não ser que se trate de um revisor do conteúdo (engenheiro ou técnico da área). No entanto, o reconhecimento estará presente, só que exclusivamente no âmbito da oferta de trabalhos (retorno financeiro): o bom revisor, sem dúvida, receberá muitas propostas.

Nessa via dupla pela qual caminha o revisor, à medida que ele busca reconhecimento,

[...] se exige algo mais que simples alfabetização (muitos jornais e editoras parecem contentar-se com isso); na realidade, requer-se um bom conhecimento normativo da língua, extrema capacidade de concentração, perícia suficiente para distinguir as principais famílias de signos com os quais assinala, nas provas, aquilo que discrepa do original, além de razoável cultura geral para não cometer, ele mesmo, determinados erros (por exemplo, mandar substituir 'mercedários por 'mercenários', 'románico' por 'romântico' e assim por diante). (ARAÚJO, 1986, p. 390)

Já com o revisor Daniel Hernández essa “visibilidade” é de outra ordem, e começa quando seu autor Rodolfo Walsh arranca-o “do sólido mundo da realidade para reduzi-lo a personagem de ficção” (WALSH, 2011, p. 7), ou seja, o revisor faz-se visível na ficção.

No caso dessa personagem, foram os atributos exigidos ao revisor que o levaram a solucionar o caso da morte de seu amigo de trabalho, Raimundo Morel, como veremos mais adiante. Seu conhecimento normativo da língua, sua capacidade de concentração e sua perícia garantiram que interpretasse com êxito as provas de prelo.

O trecho a seguir mostra uma conversa entre o delegado Jiménez e o revisor-detetive Daniel Hernández, na qual Daniel mostra que a leitura realizada pelo revisor de provas é diferente da leitura comum:

— Um momento — interrompeu o delegado mais uma vez. — Acho que agora sim o apanhei em falta. Você está partindo de uma falácia. Pressupõe que todo mundo lê com a mesma velocidade. Só que isso não é exato. Existem leitores rápidos e leitores lentos. Minha mulher, por exemplo...

Daniel voltou a sorrir.

— Não, disse —, é o senhor que está partindo de um raciocínio falso, pois está pensando na leitura comum, que não é como a leitura de provas. Muito provavelmente, o senhor leria mais rápido que um revisor tarimbado, porque não tem experiência.

O delegado deu uma gargalhada.

— Essa é boa — disse. — Eu leria mais rápido porque não tenho experiência? Então, para que serve a experiência?

— Para ler devagar — respondeu Daniel. — A finalidade da leitura de provas é detectar as gralhas, as falhas de construção. Isso obrigada a uma leitura lenta,

silabada. Na leitura comum, a pessoa não lê as palavras inteiras, sílaba por sílaba, letra por letra. Numa revisão sim. É por isso que eu digo que o senhor leria com mais rapidez, mas com menos eficácia, passando por cima de um grande número de erros. (2011, p. 64-65)

Visíveis ou não, o revisor e seu ofício, mesmo na era digital, não deixarão de existir.

2.2.1 Quando o assunto é remuneração

Embora Raimundo Morel trabalhe na editora Corsario, o narrador apresenta-o como um homem próximo dos 35 anos e cujas “condições econômicas o dispensavam da amarga necessidade de trabalhar” (2011, p. 13). No entanto, quando aparece morto, seu irmão o descreve como um homem feliz, que “vivia totalmente dedicado ao seu trabalho” (p. 26). A questão fica mais estranha quando entra em cena – além do delegado Jiménez e de D.H. – Alvarado, um investigador particular de uma companhia de seguros que, conforme os resultados das investigações, precisaria pagar trezentos mil pesos à esposa de Morel. Revela-se, então, que o morto havia dilapidado sua fortuna e que: “ainda lhe restava algum dinheiro, mas logo se acabaria [...] chegado o momento, poderia trabalhar, mas entendia que enquanto isso deveria proteger sua esposa...” (p. 49). Quando toma a palavra, D.H. conta que Morel não tinha tino de comerciante e que “logo sua única fonte de renda seriam uns parques direitos autorais” (p. 74).

Se como autor e tradutor Morel ganhava pouco, sobre a profissão do revisor não há nenhum comentário, mas problemas como baixa remuneração e subcondições de trabalho, enfrentados pelos revisores na nossa vida cotidiana, vêm de longa data, e mais uma vez pedimos a paciência do leitor no acompanhamento dessa discussão.

Segundo Coelho Neto,

[...] é mais comum nos defrontarmos com o desdém pela figura do revisor, expresso na falta de condições dignas de remuneração, na falta de condições mínimas de instrumentação, incluindo-se até o espaço físico, na pressão quanto ao prazo, em função de atrasos de outrem. E desdém, muitas vezes, no ato de considerá-lo supérfluo ou de não lhe conferir o devido valor. (2013, p. 11)

No entanto, como vimos, essas dificuldades não levaram o bom revisor à extinção. O bom revisor vem driblando as subcondições de trabalho, seja como *freelance*, conquistando seu próprio portfólio de clientes; seja como concursado²⁸, submetendo-se a provas; seja como revisor contratado (CLT). Um caso interessante, relatado no blog da editora Cosac Naify, é o do revisor Raul Drewnick. Raul era um leitor que costumava escrever para a editora listando erros encontrados em suas edições, especialmente as literárias, e o grupo resolveu contratá-lo. Atualmente, ele é reconhecido como um dos melhores revisores da editora. O autor do post afirma, entre outros elogios ao escritor que Drewnick também é, que se “houvesse um Prêmio Jabuti de revisão, seria dele”.²⁹

No segmento das agências de tradução, porém, o caso da Cosac Naify é uma honrosa exceção. A tabela com os valores praticados (não tão “praticados” assim), publicada no site do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA) é, ainda, infelizmente, apenas uma referência hoje.

**VALORES DE REFERÊNCIA
PRATICADOS A PARTIR DE JANEIRO DE 2014**

[Clique aqui para abrir a lista de valores referência para tradução/interpretação de libras \(língua de sinais\)](#)

Taxas de urgência			
As traduções em caráter urgente devem ter seu preço acordado previamente entre as partes.			
(*) Valores referentes aos serviços prestados em inglês, espanhol e francês. Outros idiomas, considerados raros, terão preços diversificados.			
Tradução / Versão			
Tradução	RS 0,30	por palavra	de um idioma estrangeiro para o português
Tradução literária	RS 30,00	por lauda com 30 linhas x até 70 caracteres com espaço por linha (igual a cerca de 2.100 caracteres por página, com espaços)	de um idioma estrangeiro para o português (direitos autorais à parte)
Versão	RS 0,40	por palavra	do português para um idioma estrangeiro
Versão de um idioma estrangeiro para outro	RS 0,44	por palavra	de um idioma estrangeiro para outro
Revisão de Tradução/Versão Escrita			
50% do valor da tradução/versão			

Fonte: Sintra (2013).

Tabela 1 Valores definidos pelo SINTRA e praticados a partir de janeiro/2014

²⁸ No Brasil, a Editora da Unicamp, por exemplo, realizou um concurso para contratação de revisor, em 2011 (<http://www.dgrh.unicamp.br/news/concursos-publicos-5>). Em nível mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) também abriu um concurso para corretor de provas, preparador de cópias, terminólogos e tradutores (<https://careers.un.org/lbw/home.aspx?viewtype=LCEFD&FId=5&lang=fr-FR>). Acesso em: fev. 2014.

²⁹ O post pode ser lido em (<https://editora.cosacnaify.com.br/blog/?p=646>). Acesso em: mar. de 2014.

A Tabela 1 apresenta a referência de remuneração de trabalhos de tradução e versão, em centavos de real por palavra³⁰; de tradução literária, em reais (por lauda), e de revisão de tradução ou versão escrita. Nota-se que o valor pago pelo trabalho de revisão equivale a 50% do valor pago pelo trabalho de tradução.

Em pesquisas em blogs e sites que falam sobre esse tipo de serviço, observamos que muitos tradutores e revisores ligados ao segmento de tradução técnica (empresas e agências de tradução) “sonham” com o dia em que os valores utópicos apresentados na tabela sejam, enfim, como o próprio nome diz, “praticados”. A afirmação de Luiz Fernando Casanova Doin (2011) ilustra muito bem essa questão: “Sinto informar que essa tabela é utópica e tenho certeza de que somente aqueles (pouquíssimos) tradutores que ocupam o topo da cadeia alimentar da tradução conseguem praticá-la. A realidade é muito mais dura do que os preços sugeridos nessa tabela”.

No segmento das agências de tradução há muitos fatores envolvidos e que influenciam na remuneração desses profissionais. Entre eles, podemos citar a concorrência entre agências, decorrente da grande demanda por trabalhos de tradução por empresas que buscam qualidade com o máximo de economia possível. Concorrência essa que tem levado muitas agências a cobrarem um valor bem abaixo do sugerido pelo SINTRA – por exemplo, por palavra, para atenderem às necessidades das empresas, optando pela escolha/contratação de tradutores e revisores muitas vezes inexperientes, até porque tradutores com mais experiência no mercado dificilmente aceitam valores muito inferiores àqueles praticados pelo SINTRA.

João Azenha Jr. (1996, p. 139), em artigo sobre tradução técnica, condicionantes culturais e limites da responsabilidade do tradutor, relata algumas experiências de trabalho e remuneração em ambos os segmentos, editorial e das agências de tradução, com o trabalho e a remuneração. Como revisor, trabalhou para algumas editoras na função de copidesque de textos de natureza técnica. Em muitos casos, o trabalho proposto era bem diferente do trabalho que ele de fato realizava: a ele era solicitado o trabalho de revisão de sintaxe de um texto traduzido por um profissional especializado e, na prática, isso significava “tornar o texto legível, ou seja, reescrevê-lo completamente e pela metade do preço pago pela lauda de tradução”. Em outras palavras, o revisor, que também cotejava original e tradução, tinha o mesmo, ou até mais,

³⁰ Conforme apresentado na tabela, no segmento de tradução técnica a base de cálculo é a palavra e não a lauda, como é o caso da tradução literária.

trabalho que o tradutor, visto que tinha que reescrever o texto, e recebia a metade do valor. Nas agências de traduções, para alguns clientes, se o trabalho realizado não atinge as expectativas esperadas, é exigido que ele seja refeito, “sob a pena de não receber os honorários combinados” (AZENHA JR., 1996, p. 140).

No segmento editorial, segundo Ribeiro, Souza e Souza (2009, p. 7), não raro, editores delegam preparação e revisão a profissionais inexperientes (por custo menor de produção), optam pela realização da revisão (em geral em um momento equivocada do processo) e, o que é ainda mais grave, conforme discutido anteriormente, eliminam essa etapa do fluxo, alegando ser desnecessária (já que autores “escrevem bem” ou algo assim). É evidente que a etapa de revisão nunca deve ser negligenciada ou suprimida no processo de produção, com o risco de acarretar consequências desastrosas, podendo comprometer, além das finanças, a credibilidade do autor e da editora.

Um exemplo decorrente de prazos apertados, que obviamente não chegou a tomar grandes proporções, mas que ajuda a ilustrar o que venho tentando dizer, é a experiência compartilhada na terceira edição do livro *Além da revisão: critérios para revisão textual*, de Aristides Coelho Neto. Segundo o autor, a primeira edição desse mesmo livro – sua monografia propriamente dita –, com uma tiragem de 10 exemplares, estava “cheia de erros, em função de correrias de última hora” (2013, p. 2). Para remediar o descuido, quem comprou um exemplar da primeira tiragem devolveu-o e recebeu dois exemplares da edição “de verdade”, além do título de *persona grata*; e os dez exemplares reavidos foram, por sua vez, incinerados. No contexto dos manuais, por exemplo, as consequências de textos com erros, seja um manual de um eletrodoméstico seja uma bula de remédio, podem ser igualmente desastrosas. Tudo isso permite prever que projetos mal revisados e mal preparados em prol da economia podem representar riscos altos, incluindo os financeiros, para editoras e empresas.

Independentemente de ter o nome na página de rosto de um livro ou de ser remunerado acima ou abaixo dos valores divulgados pelo Sindicato dos Tradutores ou qualquer outro órgão, ao aceitar um projeto, o revisor deverá zelar pela qualidade de seu trabalho. E, em casos excepcionais de prazos apertadíssimos, muito comuns no segmento das agências de tradução, é fundamental informar ao cliente os riscos de um trabalho feito às pressas.

2.2.2 Os limites no trabalho do revisor

Talvez falar em limites no trabalho do revisor não seja algo simples. Dependendo do tipo de revisão, de sua finalidade, das relações do revisor com o autor, e de inúmeros outros fatores, os limites serão diversos, mas um deles é certo: ele não pode se comportar com um autor. Quando o revisor realiza grandes interferências no texto, muitas vezes, elas não são vistas com bons olhos pelo autor e o revisor é tido como um escritor frustrado ou ainda como um intruso, se tomarmos como base generalizações de que o revisor deve se conter e limitar-se à sua tarefa. Um personagem da ficção que ilustra muito bem essa visão é o revisor Raimundo Silva, do livro *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, como veremos mais adiante.

Na realização de um trabalho, o revisor, de modo geral, segue alguns parâmetros, tais como: regras da norma culta, regras do editor ou do cliente (no caso de produção independente), além das regras pessoais do revisor. Tais parâmetros não são rígidos e normalmente são delimitados pelas editoras e clientes (COELHO NETO, 2013).

Em trabalhos em que não há estilo e projeto gráfico bem definidos, é evidente o aumento no poder de decisão por parte do revisor, que contará com sua experiência para realizar a revisão com a maior qualidade possível e dentro do prazo definido. Isso não significa que o revisor pode fazer qualquer coisa, mas caberá a ele observar as tendências do texto e trabalhar como o objetivo de homogeneizá-las. Em suma, “os poderes do revisor de sugerir ou interferir no texto – e até na diagramação –, apontando construções gramaticais mal concebidas, falta de clareza, de correção, etc., vão variar sempre de acordo com cada cliente e cada situação específica” (COELHO NETO, 2013, p.106), mas o limite nunca deixará de existir. Por mais que queira fugir, ou se esquivar, o revisor sempre estará enredado em um sistema de regras e normas. Walsh diz, em sua *Advertência do autor*, que pode não ser necessário fazer o elogio do revisor, mas não deixa de dar destaque às qualidades desse profissional-personagem, especialmente aquela que chamou de “essa estranha capacidade de colocar-se simultaneamente em diversos planos” (2011, p. 8), e que pode ter permitido a passagem do ativista argentino Rodolfo Walsh/D.H. à escrita de outros textos, e também a outras – e perigosas – revisões.

É fato que muitos autores passaram pelo ofício de revisão para então se tornarem tradutores e autores, como é o caso do escritor Rodolfo Walsh, que, como vimos, antes de ser

escritor, foi revisor e tradutor (nessa ordem), mas isso não é uma regra e não necessariamente é premeditado. Luis Fernando Veríssimo também foi tradutor e revisor. Escritor brasileiro³¹, nascido em Porto Alegre, em 1936, foi morar nos Estados Unidos com a família aos cinco anos de idade. De volta ao Brasil, em 1960, trabalhou como tradutor e redator publicitário no Rio de Janeiro. Em 1967, ingressou como revisor no jornal *Zero Hora*. Pouco tempo depois passou a assinar sua própria coluna.

Estereótipos à parte, a qualidade do texto que chega às mãos do revisor, da mesma forma que os parâmetros citados, também são um fator de grande influência. Quando se vê diante de um texto de baixa qualidade, como, por exemplo, sem clareza e com construções gramaticais ruins, o revisor experiente muitas vezes não se sente confortável diante delas e, inevitavelmente, o grau de sua interferência aumentará, afinal, revisores experientes e conscientes da responsabilidade assumida dificilmente se calam diante de textos que estão abaixo de seu padrão de qualidade, e mais ainda se seus nomes estiverem atrelados ao trabalho. É certo que revisores desse tipo correrão o risco de terem suas alterações rejeitadas e suas intenções tolhidas, mas o revisor tarimbado lutará em prol da qualidade até o último segundo.

Por fim, além desses parâmetros, há outros fatores que devem ser levados em consideração pelo revisor e que são importantes para a qualidade do trabalho, como, por exemplo, o meio a ser utilizado para realização da revisão (impresso ou digital); grau de complexidade ou tecnicidade do trabalho (o que exigirá um tempo dedicado à pesquisa); prazos; projetos gráficos, especificações do cliente, etc (COELHO NETO, 2013, p. 107).

³¹ Disponível em: <http://www.e-biografias.net/luis_fernando_verissimo/>. Acesso em: abr. 2014.

3. Ficções teóricas ou teorias ficcionais

É Sigmund Freud que, em sua obra *A interpretação dos sonhos*, especula sobre a existência de um aparelho psíquico cujos processos entram em ação quando sonhamos. Esse aparelho é para ele uma “ficção teórica”, um instrumento de pesquisa, uma forma de representação, um espaço de invenção capaz de construir novas inteligibilidades. No campo da literatura, e também no campo da tradução, temos Jorge Luis Borges com seu personagem tradutor “Pierre Menard, autor de *Quixote*”, cujo relato constrói um espaço entre escrita e leitura, demolindo não só a identidade do texto, mas também a ideia de autor e de texto original. Como dissemos em nossa *Introdução*, trabalhamos nessa fronteira entre realidade e ficção, com teorias de tradução na sua relação com a ficção.

O nome “teorias” no plural já indica que não há uma teoria unificada da tradução. Diversas reflexões sobre a atividade tradutória dividem-se ainda de acordo com formas de abordar leitura e tradução – como interpretações que reproduzem significados já dados ou como processos criativos de significados. Entre esses contextos buscamos um lugar para os tradutores/revisores em ficções.

Nos últimos anos, estudiosos têm se dedicado a analisar a representação de personagens tradutores, revisores e intérpretes na ficção, como parte de uma vertente dos estudos realizados em tradução (QUERIDO, 2011a), como uma forma de reflexão teórico-crítica sobre diversos aspectos relacionados a esses profissionais e a seu ofício, bem como sobre o papel social e político desses profissionais, seja observando a forma como os autores têm tornado esses personagens visíveis, seja observando os estereótipos ali presentes.

Em sua tese de doutorado, Alessandra Matias Querido (2011b) lista 89 obras nas quais são encontrados personagens tradutores e reflexões sobre a tradução – as obras vão de 1932 até 2010. Só para citar alguns exemplos: *O guia do mochileiro das galáxias*, de Douglas Adams (1979), no qual um pequeno peixe (tradutor automático) é inserido no ouvido das pessoas e “excreta” a tradução; *Outrora Agora*, de Augusto Abelaira (1996), traz a história de um tradutor problemático que tenta “traduzir” o caminho percorrido por sua vida; *O tradutor*, de Daoud Hari (2008), mostra a situação de tradutores e intérpretes num cenário de guerra civil (contexto

internacional); em *Borges e os Orangotangos eternos*, de Luis Fernando Veríssimo (2000), um tradutor auxilia Borges e o investigador Cuervo a investigar o crime; entre outros.

Embora muitos desses estereótipos tenham sido exaustivamente discutidos nos últimos anos, optei por apresentá-los mesmo assim, por questões de acessibilidade a um público mais ligado à revisão e não tão familiarizado com essas discussões. Entre os personagens de ficção, além do revisor Daniel Hernández, apresento a seguir o tradutor Gallus, de Dezső Kosztolányi e o revisor Raimundo Silva, de José Saramago, que representam, de certo modo, estereótipos influenciados por uma visão mais tradicional da tradução/revisão, e o intérprete, Sr. Kapasi, cujas características permitem que o aproximemos de uma visão menos conservadora e conhecida no meio tradutológico como pós-estruturalista.

3.1 Traduzindo segundo uma visão tradicional

Embora se diga hoje que a chamada visão tradicional está definitivamente ultrapassada, não é bem isso o que se revela na prática. Nesse tipo de abordagem, trabalha-se com a ideia de que os significados em uma língua são estáveis e, por isso, praticamente transportáveis para outra língua. Partindo desse pressuposto, a tradução seria o meio de transporte e o tradutor seria o responsável por ele. Como responsável pelo transporte, ao tradutor é atribuída a função de zelar (com fidelidade) pela carga (significado) a fim de impedir que haja qualquer perda pelo caminho. Nas palavras de Rajagopalan,

[...] em condições ideais, o processo tradutório ocorreria de maneira pacífica, evitando quaisquer atritos entre o tradutor e o autor do texto original à medida que o tradutor se incumbiria tão-somente de transmitir (transportar, trasladar) as intenções comunicativas do autor, como elas transparecem no seu texto, ou podem ser “inferidas” de forma infalível a partir de dicas fornecidas pelo próprio texto. (RAJAGOPALAN, 2000, p. 124)

Esse “tão somente transmitir” acabou por elevar a figura do autor, em detrimento da figura do tradutor, relegando o segundo a uma posição de subserviência à figura autoral. Se é verdade que a visão está ultrapassada como questão teórica, na prática, como afirmamos, não

está, porque ainda prevalece, em muitas editoras importantes³², a regra da fidelidade ao original na qual subjaz a possibilidade de transmissão pacífica.

3.1.1 *O tradutor cleptomaniaco, o Gallus de Dezsö Kosztolányi*

Por onde sua pena de tradutor passasse, sempre causava prejuízo aos personagens, mesmo que só se apresentassem naquele capítulo, e, sem respeitar móvel ou imóvel, atropelava a quase indiscutível sacralidade da propriedade privada.

Dezsö Kosztolányi, 1996, p. 8

Brilantemente transportado para o mundo da ficção pelo escritor húngaro Dezsö Kosztolányi, o marginalizado tradutor Gallus, personagem central, é um homem que, apesar de culto e conhecedor de várias línguas, tem um grande defeito: é um ladrão, “cleptomaniaco, para os íntimos”. Certa vez, um de seus amigos, conhecendo a situação de miséria em que Gallus estava, conseguiu que um editor o contratasse como tradutor *freelance* de uma novela inglesa. Uma vez que traduzir essas novelas era um trabalho desprezado por tradutores de renome, não foi difícil conseguir uma oportunidade para Gallus. Ao fim da tradução, Gallus estava satisfeitíssimo com seu trabalho e até o entregara antes do prazo. O editor, no entanto, não gozava da mesma satisfação. Embora o texto traduzido estivesse impecável, com “frases claras, mudanças engenhosas, montagens linguísticas espirituosas” que “se sucediam, muito mais dignas que o original” (KOSZTOLÁNYI, 1996, p. 8), Gallus havia omitido, no texto traduzido, uma quantidade considerável de objetos presentes no original:

Trabalhava de várias maneiras. Na maioria das vezes, os objetos desapareciam sem mais nem menos. Aqueles cofres, talheres de prata, cuja missão era enobrecer o original inglês, não os encontrei em nenhum lugar no manuscrito húngaro. Em outros casos só tirava uma parte, a metade ou dois terços. Se alguém mandava o criado levar cinco malas para a cabine do trem, ele só mencionava duas; sobre as outras três silenciava sorrateiramente. De todos os casos, para mim, o pior — porque isso decididamente mostrava má intenção e

³² Em evento na Casa das Rosas [II Encontro de tradutores de francês, em 2009, como parte do *Ciclo Presenças do Livro Francês no Brasil: Traduções, Ensino e Bibliotecas de Escritores*], teve lugar uma mesa-redonda com a participação de três editoras: WMF Martins Fontes, Cosac Naify e Estação Liberdade. Em proveitosa discussão que envolveu boa parte da plateia de tradutores, foi contestada a ideia comum aos integrantes da mesa: o tradutor deve produzir um texto que o leitor não perceba que é uma tradução. Em outras palavras: a tradução ideal é, ainda e sempre, a tradução invisível.

falta de hombridade — era que com freqüência trocava as pedras e metais preciosos por outros sem nobreza e sem valor; a platina por lata, o ouro por latão, o diamante por zircotina ou vidro. (KOSZTOLÁNYI, 1996)

O conto de Kosztolányi ilustra, de forma bem-humorada, como um transporte “ineficiente”, isto é, uma tradução com perdas, é encarada sob a ótica dessa visão tradicional. Embora os teóricos adeptos à visão tradicional lutem contra a chamada “violência” no processo tradutório, determinadas perdas além de serem inevitáveis são necessárias. Observando o contexto da tradução de Gallus, a diferença na quantidade de malas levadas para a cabine do trem não causaria nenhum impacto aos leitores, pelo contrário, em determinados casos, as descrições são tão exaustivas que a economia pouparia o leitor de ter que pular parágrafos inteiros. Isso acontece em diversos contextos, como, por exemplo, na tradução comercial, no caso aqui destacado, reportagens de revistas de bordo, como a *Ícaro Brasil*: diante de um texto sobre as maravilhas da ilha de Fernando de Noronha, com boa parte do texto trazendo inúmeros nomes de peixes, o tradutor optou por “economizar” e resumir (SILVA, 2002), sem que isso prejudicasse os passageiros-leitores – segundo o tradutor, além de o espaço para o texto traduzido ser controlado, os nomes de tantos peixes não interessariam os leitores estrangeiros. No entanto, segundo o amigo de Gallus, a infidelidade ao original acaba por anular completamente todas as melhorias feitas pelo tradutor, como, por exemplo, o emprego de frases claras, a realização de mudanças engenhosas e montagens linguísticas espirituosas. Embora o amigo tenha julgado a tradução de Gallus ainda “mais digna que o original”, a “infidelidade” pesou contra o tradutor, ou seja, no momento do confronto com o original, a diferença na quantidade e no valor dos objetos no texto traduzido foi fatal, mesmo se pensássemos que esses objetos eram de fato um excesso, algo dispensável para o leitor, como no caso dos nomes dos peixes omitidos pelo tradutor da reportagem. Segundo Santana (2005, p. 958), “como a diferença é inerente à tradução, sempre é possível enxergá-la quando a tradução é confrontada com o dito original”, logo, a imagem atribuída ao tradutor é sempre negativa, nessa linha de pensamento, como um vício, inerente aos tradutores em geral.

Não quero com isso justificar o “roubo” realizado por Gallus, mas enfatizar a importância dada pela visão tradicional à fidelidade do texto traduzido com relação ao original em detrimento da qualidade do texto ou mesmo do público-leitor. Ao fim, o amigo desiste de Gallus, uma vez que nem ele nem a sociedade aceitariam seu caráter desonesto, “má intenção e

falta de hombridade”, nas palavras de Kosztolányi. Trata-se de uma maneira engraçada de mostrar que “(...) a interferência do tradutor, por mais bem intencionada e apropriada que seja, será sempre o ato de um intruso mal visto (...)” (ARROJO, 2003, p. 196).

3.1.2 *História do cerco de Lisboa, o Raimundo de José Saramago*³³

Está demonstrado, portanto, que o revisor errou, que se não errou confundiu, que se não confundiu imaginou, mas venha atirar-lhe a primeira pedra aquele que não tenha errado, confundido ou imaginado nunca. Errar, disse-o quem sabia, é próprio do homem, o que significa, se não é erro tomar as palavras à letra, que não seria verdadeiro homem aquele que não errasse.

José Saramago, 2011, p. 21

Raimundo Benvindo Silva é um revisor de textos (ou escritor frustrado, como é apresentado) solteiro, que vive sozinho, cercado de livros, ganha pouco e revisa textos de que não gosta, mas que, como a “sociedade exige”, respeita a hierarquia que lhe é imposta de ser fiel e subserviente ao original e ao autor. Raimundo seria como “qualquer” outro revisor não fosse por um detalhe, detalhe este que o fez visível.

Assim como Raimundo Morel, Raimundo Silva estava de posse das provas de um livro que estava revisando, com a diferença de que o Senhor Silva, como o pessoal da editora o chamava, revisava o livro de um famoso historiador. Tratava-se da última revisão do livro *História do Cerco de Lisboa*, uma vez que Raimundo Silva seria o último a olhar as provas antes da publicação final:

Apesar da competência profissional com que o ouvimos expressar-se durante a conversa com o historiador, é tempo de introduzir aqui uma primeira dúvida sobre as consequências da confiança de que o investiu o autor da *História do Cerco de Lisboa*, acaso em hora de fatigada displicência ou com preocupações de próxima viagem, quando permitiu que a leitura final das provas fosse tarefa exclusiva do técnico dos deleatres, sem fiscalização. (p. 20)

O revisor está prosseguindo com sua revisão, no seu ritmo, quando recebe um telefonema da editora cobrando a entrega das provas revisadas. Embora tenha argumentado que

³³ Obra originalmente publicada em 1989.

revisões feitas às pressas dão ocasiões a erros, o responsável da editora estava irredutível quanto à data de entrega. Sem tempo hábil, o revisor, pela primeira vez, não faria a leitura completa do livro, além disso, nutria certa antipatia pelo autor em questão.

No entanto, como era uma pessoa séria em seu trabalho, folhearia todas as páginas, mesmo que não as lesse por completo. Então, em determinado momento, algo o detém:

[...] Raimundo Silva olha, de um modo tão fixo que parece vago, a página onde se encontram consignados estes inabaláveis factos da História, não por desconfiar de que nela esteja ocultando algum último erro, uma qualquer pérfida gralha que tivesse arranjado antes de esconder-se nos refegos de uma oração gramatical tortuosa [...] Está como fascinado, lê, relê, torna a ler a mesma linha, esta que de cada vez redondamente afirma que os cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa [...] Que disparate, que disparate, e como se precisasse de confirmar a radical opinião, tornou a pegar na folha de papel [...] É um disparate, insiste Raimundo Silva como se estivesse a responder-nos, não farei semelhante coisa, e por que a faria, um revisor é uma pessoa séria no seu trabalho, não joga, não é prestidigitador, respeita o que está estabelecido em gramáticas e prontuários, guia-se pelas regras e não as modifica, obedece a um código deontológico não escrito mas imperioso, é um conservador obrigado pelas conveniências a esconder as suas voluptuosidades, dúvidas, se alguma vez as tem, guarda-as para si, muito menos porá um não onde o autor escreveu sim, este revisor não o fará. (SARAMAGO, 2011, p. 41-42)

Depois de uma noite difícil, na disputa interior entre o médico e o monstro, o revisor cede ao “desejo de (indevidamente) assumir o lugar do autor” e inclui a partícula “não” em uma frase do livro revisado, alterando completamente o fato histórico que revela o apoio dos cruzados aos portugueses – fator decisivo para garantir o cerco e a conseqüente queda de Lisboa.

[...] percebe-se pela maneira como Raimundo Silva está a sorrir neste momento, com uma expressão que não esperaríamos dele, de pura malignidade, desapareceram-lhe do rosto os traços do Dr. Jekyll³⁴, é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade [...]. (SARAMAGO, 2011, p. 42)

E então, “a partir desse ato consciente e de extrema interferência, em que assume, finalmente, seu desejo de reescrever o texto que revisa, sua vida muda” (ARROJO, 2003, p. 197).

³⁴ O título original é *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* traduzido como *O médico e o monstro*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Strange_Case_of_Dr_Jekyll_and_Mr_Hyde>. Acesso em: mar. 2014.

O revisor, então, encaminha o texto revisado normalmente para a editora. O erro é descoberto, mas não antes de ser publicado, o que obriga a editora a acrescentar uma errata.

Graças a sua experiência como revisor, Raimundo não é demitido, no entanto, a editora contrata uma mulher para supervisioná-lo: Maria Sara. A relação dos dois evolui e ela acaba por incentivá-lo a reescrever o episódio da história de Portugal que ele subversivamente havia comprometido. Raimundo começa então a escrever sua versão da história do cerco de Lisboa, sem a participação dos cruzados. Nesse meio tempo, também inicia um relacionamento amoroso com sua supervisora.

Apesar da mudança na condição de Raimundo Silva, agora com extraordinária visibilidade, e de sua aparente vitória na rivalidade entre autor e revisor, Saramago não tarda a mostrar sua autoridade em um trecho em que o narrador onisciente esclarece quem controla o destino do revisor. Logo, o narrador deixa claro que Saramago é o verdadeiro autor do livro *História do cerco de Lisboa* e que o revisor Raimundo Silva, mesmo quando passa a reescrever o livro, nunca deixará de ser chamado de revisor. Pode-se dizer que

[...] os interesses objetivos do narrador (e, portanto, do Autor) parecem se concentrar, sobretudo numa idealização romântica do seu próprio poder autoral e do contexto em que esse poder é exercido e reconhecido, estabelecendo um contraste marcante entre essa situação extraordinária e a precariedade do contexto geralmente associado ao revisor e aos outros profissionais que realizam trabalho igualmente “secundário”. (ARROJO, 2003, p. 200)

Em ambos os enredos apresentados, no conto de Kosztolányi (1996) e na história de Saramago (1998), há uma idealização da figura autoral, como autoridade divina e inquestionável, detentora da verdade absoluta (como se o texto fosse estático e objetivo) – a intenção autoral; permanece em destaque a valorização da fidelidade e a estigmatização do trabalhador textual como escritor frustrado (no caso do revisor de Saramago, que demonstra tédio pelo seu trabalho, ao mesmo tempo em que nutre um desejo de escrever seu próprio romance). Além disso, a ideia presente no livro de Saramago, também compartilhada pelo senso comum sob a influência da visão tradicional, é a de que o profissional da área de letras (neste caso, o revisor) só se torna um profissional digno ao desempenhar uma função que supostamente envolva a criação (é preciso

que se torne escritor³⁵). Quando Raimundo ocupa o lugar privilegiado de autor, reescrevendo o texto que revisa, a vida dele, inclusive no campo amoroso, muda completamente. O "pobre" revisor não pôde ter nada disso até se tornar escritor. Outro ponto interessante a esse respeito é a suposição de que para traduzir (ou revisar) não é preciso ser criativo ou ter talento e de que escrever é um dom inerente aos autores (QUERIDO, 2011b, p. 89).

3.2 Teorias recentes de tradução com inspiração pós-moderna

Na contramão da visão tradicional, as teorias recentes com inspiração pós-moderna buscam trabalhar a questão da infidelidade como muitas vezes necessária e “entender a violência como um dos próprios traços definidores da tradução” (RAJAGOPALAN, 2000, p. 124). Segundo essa visão, traduzir é uma forma de apropriação do texto original (que só passa a existir a partir da tradução) que, por sua vez, só é possível a partir de algum tipo de violência e cabe aos teóricos investigar os tipos de violência e não evitá-los a qualquer custo. Nesse sentido, o texto não é mais considerado algo estanque, fixo, e sim uma fonte de interpretações.

Diante de textos literários, de poesia em especial, podemos mencionar também o trabalho de tradução dos irmãos Campos, que apresenta um distanciamento da visão tradicional, segundo a qual “a tradução poética seria uma atividade que submeteria a língua do texto original às limitações da língua de tradução” (SILVA, 2005). Apesar de reconhecerem a impossibilidade como “parte da essência da tradução de poesia”, Augusto e Haroldo de Campos orientam-se pela possibilidade de traduzir segundo o que nomeiam teoria da criação. Em vez de tomar como objetivo a reprodução do conteúdo do texto original ao inscrevê-lo na língua do tradutor, a meta primordial é a tradução da forma. Nessa abordagem, é mantida a ideia de violação, revelando um caráter antropofágico, na medida em que se olha para a tradição de maneira crítica, e não de maneira passiva e reverente, com o objetivo de “abastecer seu motor”, o qual frequentemente é, nas palavras de Haroldo de Campos, “a ruptura, a quebra, a descontinuidade, a dessacralização pela leitura ao revés” (SILVA, 2005).

Logo, segundo as teorias de base em inspiração pós-moderna, ao tradutor não é mais “atribuído” o estereótipo de subserviente ao autor, infiel ou ladrão, passando a ser visto como

³⁵ É só verificar que o revisor reconhecido pela Cosac Naify (citado no capítulo 2), é um “revisor de primeira”, e “também um cronista” e, finalmente revela-se “um poeta”.

coparticipante na produção de sentido, uma vez que a leitura é um ato de interpretação, de produção. Nesse sentido, autor e tradutor não existem um sem o outro, pelo contrário, a existência de um depende do outro, assim como o texto primeiro, que só passa a ser chamado de original quando é traduzido.

A partir de uma dessacralização do chamado “original” e dos conceitos tradicionais de autoria e leitura, e da conseqüente aceitação de que traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados, num contexto em que se começam a reavaliar as relações tradicionalmente estabelecidas entre teoria e prática e a abandonar a perseguição inócua da leitura desvinculada da história e suas circunstâncias, a reflexão sobre tradução sai das margens dos estudos linguísticos, literários e filosóficos que sempre buscaram a repetição do mesmo e o algoritmo infalível da tradução perfeita e assume o lugar de destaque no pensamento contemporâneo filiado à pós-modernidade. (ARROJO, 1996, p. 62)

A partir desse momento, em que se disseminam as teorias de influência pós-moderna, as interferências do tradutor passam a ser aceitas e não mal vistas. Um exemplo clássico são as notas do tradutor no rodapé da página. Em um dos contos de Walsh, por exemplo, cujo título é *Nota al pie*, o autor se utiliza desse recurso para atribuir às notas de rodapé um significado ficcional. Quando o tradutor León é encontrado morto em seu quarto numa pensão, Walsh desenvolve a narrativa no corpo do texto e coloca na nota de rodapé a carta escrita pelo tradutor destinada a seu chefe. Segundo Adoue (2008, p. 116), “no espaço gráfico ‘legitimado’ para a literatura, um narrador em terceira pessoa acompanha o chefe nas suas reflexões, nas quais formula dúvidas. Essas dúvidas vão se esclarecendo no texto ‘subalterno’, que cresce na nota de rodapé”.

Ao mesmo tempo em que suas interferências são vistas com outros olhos, o tradutor assume sua responsabilidade como coparticipante na produção do sentido da obra que traduz. Nesse sentido, o conto *O intérprete de males*, da escritora indiana Jhumpa Lahiri, assim como a narrativa *A aventura das provas de prelo*, de Rodolfo Walsh, que serão vistos a seguir, apresentam muitos pontos em comum com essas teorias com influência pós-moderna.

3.2.1 *O intérprete de males, o intérprete de Jhumpa Lahiri*

Bom, o senhor podia dizer ao médico que a dor era mais uma ardência que uma sensação de palhas espetando. O paciente nunca ia saber o que foi que o senhor disse ao médico, e o médico também não ia saber que o senhor traduziu errado. É uma tremenda responsabilidade.

Jhumpa Lahiri, 2001, p. 66

No conto da escritora indiana Jhumpa Lahiri (2001), o personagem, Sr. Kapasi, um intérprete, representa não mais o estereótipo daquele que transporta o significado, mas assume a postura de um sujeito que transforma, modifica, atribui sentido à tradução, salvando vidas.

O Senhor. Kapasi é um indiano que, quando jovem, estudara várias línguas, entre elas inglês e guzerate³⁶ (língua que aprendera com o pai), e seu sonho, que não se concretizou completamente, era tornar-se intérprete e trabalhar com diplomatas e autoridades. Casado e pai, trabalhava como professor de inglês, até que seu filho adoeceu. Então, para saldar as dívidas com o tratamento do filho, aceitou trabalhar em um consultório médico como intérprete, visto que o médico não falava a língua de seus pacientes, o guzerate. Após a morte de seu filho, recebeu uma oferta para trabalhar integralmente como intérprete no consultório.

É interessante observar que a mulher de Kapasi não reconhecia seu trabalho de intérprete, pelo contrário, em sua visão, ele não passava de um ajudante de médico, como revela o narrador: “Sabia que sua mulher não tinha grande consideração por seu trabalho de intérprete” (LAHIRI, 2001, p. 67).

Durante suas folgas, o Sr. Kapasi trabalhava como guia turístico, pois falava muito bem inglês. E foi nesse período que conheceu um jovem casal indiano com filhos nascidos nos Estados Unidos. Durante um passeio, o Sr. Kapasi desenvolve grande “afeto” pela Sra. Das, à medida que ela começa a expressar admiração por seu trabalho como intérprete dos males dos pacientes.

³⁶ Segundo o Dicionário Houaiss, guzerate é uma língua falada no Estado indiano de Guzerate, na Índia, e em regiões adjacentes do Paquistão.

Em outra ocasião, no decorrer de um almoço, o Sr. Kapasi fica ainda mais encantado pelo interesse da Sra. Das por sua profissão. Nessa ocasião, ela tira uma foto da família com o Sr. Kapasi e anota seu endereço para enviar a foto por correio. Em um momento oportuno, a Sra. Das, enfim, revela o motivo de seu interesse pela profissão do Sr. Kapasi: no passado, ela havia traído seu marido e tido um filho e, como o Sr. Kapasi era “qualificado” para interpretar, traduzir os males das pessoas, ela esperava que ele pudesse interpretar seu segredo, sua angústia: “Oito anos, senhor Kapasi, são oito anos de angústia. Eu tinha esperança de que o senhor pudesse me ajudar a me sentir melhor, dizer a coisa certa. Sugerir algum tipo de remédio” (LAHIRI, 2001, p. 81).

O Sr. Kapasi fica indignado em interpretar algo tão "vulgar", mas não se recusa a ajudá-la:

O sr. Kapasi sentia-se insultado por lhe ter a sra. Das pedido que interpretasse aquele segredo vulgar, trivial. Ela não era como os pacientes que procuravam o consultório do médico, que chegavam de olhos vidrados, em desespero, sem poder dormir, ou respirar, ou urinar direito, e sem poder, o pior de tudo, exprimir seu sofrimento em palavras. Mesmo assim, o sr. Kapasi achava-se na obrigação de ajudá-la. (LAHIRI, 2001, p. 81)

Por fim, a Sra. Das acidentalmente deixa cair o papel com o endereço do Sr. Kapasi e, como um papel ao vento, o Sr. Kapasi vê seus sonhos e as conversas que imaginava que teria com a Sr. Das voando para longe. Não obstante, algo o mantinha com os pés no chão: havia vidas, muitos indianos falantes de guzerate, que dependiam de sua interpretação.

O conto de Lahiri nos mostra uma perspectiva na qual o trabalho do intérprete não é apenas importante, mas crucial na vida de determinadas pessoas, o intérprete de males era mais importante que o médico: “*Quer dizer que esses pacientes dependem totalmente do senhor*, disse a sra. Das. Falava devagar, como se estivesse pensando em voz alta. *De certo modo, eles dependem mais do senhor do que do médico*” (LAHIRI, 2001, p. 66, itálicos meus).

Além disso, pode-se notar que, na obra de Saramago, analisada sob a ótica tradicional, uma espécie de “censura” se personifica na figura do autor e, no conto de Kosztolányi, na figura do editor. No entanto, não identificamos nesse conto de Lahiri essa censura personificada em qualquer figura; pelo contrário, o Sr. Kapasi carrega sozinho toda a responsabilidade de sua tradução/interpretação:

Bom, o senhor podia dizer ao médico que a dor era mais uma ardência que uma sensação de palhas espetando. O paciente nunca ia saber o que foi que o senhor disse ao médico, e o médico também não ia saber que o senhor traduziu errado. É uma tremenda responsabilidade. (LAHIRI, 2001, p. 66)

É interessante notar também que o Sr. Kapasi, até a declaração da Sra. Das, nunca havia pensado em sua profissão da forma como ela havia mencionado. Nem ele tinha se dado conta de quão importante era seu trabalho e de que a vida dos pacientes dependia dele, de seu trabalho conjunto com o médico.

O sr. Kapasi nunca tinha encarado o seu trabalho de modo tão positivo. Para ele, era uma atividade ingrata. Não via nada de nobre em interpretar os males das pessoas, traduzindo fielmente os sintomas de tantas inchações, tantas cólicas estomacais e intestinais, tantas manchas na mão que mudavam de cor, forma e tamanho. (LAHIRI, 2001, p. 66)

Vemos, então, que, ao mesmo tempo em que características não tradicionais, no que tange ao trabalho de intérprete, podem ser identificadas no texto (visão da Sra. Das a respeito da profissão do Sr. Kapasi, por exemplo), observamos que o Sr. Kapasi, ele mesmo, personifica, em certos momentos, a visão negativa e tradicional atribuída ao tradutor/intérprete – “não havia nada de nobre em interpretar os males das pessoas”. Foi necessário um elogio por parte da Sra. Das para que o intérprete se desse conta da importância e das responsabilidades inerentes ao trabalho que realizava.

Em suma, a análise dessas obras nos leva a pensar nas diferentes facetas do revisor: em *História do cerco de Lisboa*, o revisor desempenha um papel de historiador: o livro discute a questão da escrita em relação à dicotomia verdade/ficção, uma vez que é a História (no caso, aquela assumida como verdade e, portanto, única) que está sendo posta em causa por um revisor-historiador, e denuncia o relativismo, o perspectivismo da História, ignorado pelo autor. Outro papel desempenhado pelo profissional das letras (intérprete) é o de psicanalista, quando em *O intérprete de males*, o revisor-psicanalista escuta os males das pessoas e, ao traduzi-los, alivia seus sofrimentos. Por fim, em *A aventura das provas de prelo*, surge o revisor-detetive, como aquele que desvenda mistérios, e que toma como pistas os rastros deixados por outro revisor.

4. *A aventura das provas de prelo, o revisor-detetive de Rodolfo Walsh*

— *O senhor entende que, antes de provocar a própria morte, Raimundo Morel criou uma férrea cadeia de indícios que conduziria a reconstrução de seus atos físicos (não do recôndito processo interior que animava esses atos). E de fato Morel nos deixou indícios que nos permitem seguir passo a passo seus movimentos na noite do crime. Mas não são os indícios a que o senhor se refere, e ele os deixou involuntariamente.*

Walsh, 2011, p. 55

Para convidar o leitor a acompanhar a história policial de Walsh, mostramos as capas das edições argentina e brasileira (Figura 2), afirmando que o leitor, tendo os livros em mãos, já teria suas primeiras pistas. Falamos também sobre os títulos, mas ainda com a finalidade de chamar a atenção para as marcas de revisão impressas nas capas.

Antes de prosseguirmos, convém apontar outra pista, detectada posteriormente. Em português, *prelo* traz no dicionário Houaiss a seguinte definição: “aparelho manual ou mecânico que serve para imprimir” – ou seja, remete apenas à máquina. Importa notar que o espanhol *imprenta*³⁷ remete mais diretamente à impressão tipográfica (no caso, às páginas impressas), à arte da impressão, e ao local onde se imprime. Embora exista em português a palavra *imprenta*, ela também não é adequada para a tradução – a definição em Houaiss diz: “conjunto de informações, normalmente impresso na parte inferior da página de rosto de um livro, contendo nome da editora, cidade e ano de publicação”. Essa revisão da tradução pode levar a pensar que, embora seja D.H. o detetive, quem passa por toda a aventura são as provas. Elas são, como diz D.H., apenas “um detalhe” (p. 77), “mas o único detalhe” que não foi levado em conta, e que acabou por fazer falhar um plano muito bem arquitetado.

Segundo Querido (2011, p. 59), “a percepção de traduzir como desvendar, solucionar problemas, lidar com ambiguidade, interpretar e casar informações faz com que muitos autores se utilizem da tradução como mecanismo para manipular a curiosidade do leitor”. Nesse contexto, a revisão (ou tradução intralingual) na narrativa de nossas aventuras e, mais especificamente, sua

³⁷ Cf. Dicionário da Real Academia Española, disponível em <<http://lema.rae.es/drae/?val=imprenta>> Acessado em 24 de março de 2014.

prática exercem um papel fundamental para que o caso seja solucionado, uma vez que Daniel Hernández se vale dessa experiência prática de revisor de provas para analisar/interpretar os indícios encontrados na cena do crime.

A aventura das provas do prelo constitui a narrativa precursora do revisor-detetive Daniel Hernández, cujo instinto investigativo e detetivesco fora incitado pela morte do tradutor e amigo, Raimundo Morel. De outro modo, se Morel não tivesse morrido, D.H. poderia não ter se interessado por assuntos criminais, conforme expõe Walsh ao justificar a publicação dessa narrativa junto com *Variações em vermelho* e *Assassinato à distância*:

Em primeiro lugar, porque todas as demais pressupõem sua existência: se Raimundo Morel não tivesse morrido, Daniel não teria se interessado pela solução de problemas criminais nem teria levado sua velha amizade com o delegado Jiménez ao nível de uma ativa – e, por vezes incômoda – colaboração. Em segundo lugar, porque o caso encerra outro interesse: trata-se do mais estritamente policial de todos os que se ofereceram a Daniel Hernández. (WALSH, 2011, p. 8)

Daniel Hernández, além de personagem de ficção, serviu como pseudônimo para Walsh na publicação de textos em revistas como a *Leoplán*, por exemplo.

Daniel Hernández é revisor da editora Corsario e amigo do revisor, tradutor e escritor Raimundo Morel. A primeira aparição de D.H. na narrativa acontece em uma conversa com Morel, na editora Corsario, sobre a tradução que Morel está fazendo de uma das obras de Oliver Wendell Holmes e sobre as provas de prelo, recém-chegadas da gráfica. Cinco horas após saírem da editora e tomarem cada um o seu rumo, Morel é encontrado morto.

Se me permitem um parêntese, Raimundo Morel, tradutor renomado, formado em Harvard, é descrito como um intelectual inteligentíssimo que trabalha, mas não por necessidade (pelo menos assim julgávamos no início da narrativa)³⁸:

E, no entanto, Morel não era velho. Mal chegara aos trinta e cinco. Tanto sua obra incessantemente renovada quanto sua inteligência sempre lúcida e vivaz eram prova dessa juventude. Suas condições econômicas o dispensavam da amarga necessidade de trabalhar, e esse fato dava a todos os seus escritos uma objetividade e um desprendimento das transitórias circunstâncias que talvez fossem seu maior mérito. (WALSH, 2011, p. 13)

³⁸ Como vimos em 2.2.1, Morel tinha recebido uma grande herança, mas gastara praticamente tudo com estudos no exterior e comprando livros.

Ainda segundo o narrador, os estudos nos Estados Unidos, bem como sua apreciação crítica de grandes autores, autorizavam-no a enfrentar traduções desafiadoras de grandes autores, como Oliver Wendell Holmes. Além disso, algumas dificuldades impostas nessa tradução, como, por exemplo, a decisão de traduzir os poemas no corpo do texto ou incluí-los em nota de rodapé e o “localismo de algumas referências”, reafirmam ainda mais a competência de Morel no ofício de tradutor.

Fechados os parênteses, retornemos à narrativa. No dia seguinte a essa conversa na editora Corsario, intrigado com a notícia da súbita morte de Raimundo Morel, e com as circunstâncias dessa morte, Daniel Hernández entra em contato com um conhecido de longa data, o delegado Jiménez, mas o delegado, assim que vê na primeira folha das provas o selo da editora, lembra-se de D.H. e pensa em eventualmente consultá-lo.

O delegado Jiménez conversa com D.H. e combinam de encontrar-se à noite, no velório. Dividindo-se entre a hipótese de suicídio ou acidente, o delegado põe o revisor a par dos acontecimentos e de todos os envolvidos no caso: Alberta, esposa de Morel; Agustín Morel, irmão de Morel; Anselmo Benavídez, amigo íntimo da família; doutor Quintana, advogado da família; e, por fim, Alvarado, agente da companhia de seguros que se infiltrara no velório, a fim de tirar suas próprias conclusões acerca do ocorrido.

4.1 O revisor-detetive e o delegado – diferentes investigações

No conto de Edgar Alan Poe, *A carta roubada*, o personagem apresentado apenas como Ministro D., poeta e matemático, encontra-se nos aposentos reais quando rouba uma carta dirigida à rainha, em presença dela e do rei. O delegado encarregado pela rainha de recuperar a carta, depois de ter tentado sem sucesso todas as estratégias de investigação policiais, busca a ajuda de um detetive. Mesmo reconhecendo seu fracasso na missão, o policial debocha das “qualidades” do Ministro, dizendo que o considera “não muito distante de um tolo”, enquanto Dupin, o detetive contratado, faz outra leitura dos indícios relatados pelo delegado e vai se basear exatamente nessas qualidades de um tolo para “sacar” a genialidade do Ministro e, é claro, mostrar-se mais genial ainda. Ao final da história, já de posse do pagamento, Dupin comenta com o amigo narrador:

— O que quero dizer — continuou Dupin, enquanto eu não fazia senão rir-me destas últimas observações — é que, se o ministro não fosse mais do que um matemático, o delegado de polícia não teria tido necessidade de dar-me este cheque. Eu o conhecia, porém, como matemático e poeta, e adaptei a essa sua capacidade as medidas por mim tomadas, levando em conta as circunstâncias em que ele se achava colocado. Conhecia-o, também, não só como homem da corte, mas, ainda, como intrigante ousado. Tal homem, pensei, não poderia ignorar a maneira habitual de agir da polícia. Devia ter previsto — e os acontecimentos demonstraram que, de fato, previra — os assédios disfarçados a que estaria sujeito. [...] Percebi, em suma, que ele seria levado, instintivamente, a agir com simplicidade, se não fosse conduzido a isso por simples deliberação. Você talvez se recorde com que gargalhadas desesperadas o delegado acolheu, em nossa primeira entrevista, a minha sugestão de que era bem possível que esse mistério o perturbasse tanto devido ao fato de ser demasiado evidente. (POE, 1981)

Depois de ter ouvido G., o chefe de polícia, Dupin o aconselhara a realizar uma nova e completa investigação na casa do Ministro. Um mês depois de realizar todas as buscas e revistas possíveis, G. retorna à presença de Dupin e oferece parte do valor da recompensa, caso Dupin encontre a carta.

Assim como o chefe de polícia busca a ajuda do detetive Dupin, em *A aventura das provas de prelo*, “a dupla” é formada pelo delegado Jiménez, “expoente da polícia científica”, e pelo revisor Daniel Hernández, “simplesmente revisor”:

[...] Habitado a teorizar com Daniel sobre questões criminalísticas e em seus encontros casuais no clube, ou quando aquele ia jantar em sua casa, apreciava a oportunidade que se oferecia de analisar um caso autêntico no terreno dos fatos, e de poder fazê-lo sem violar o sigilo oficial. Daniel, com efeito, estava em seu escritório na qualidade de testemunha. Era uma das últimas pessoas que tinham visto Morel com vida, entregara-lhe um dos indícios mais importantes encontrados no cenário dos acontecimentos e certamente estaria em condições de identificar sua escrita, confirmando e desmentindo depoimentos anteriores. (WALSH, 2011, p. 31)

O delegado Jiménez lembra-se de Daniel quando se vê diante de uma prova de prelo com o selo da editora – apesar de nunca ter visto uma prova desse tipo, assim o deduz – e reconhece que não tem condições/conhecimento para avaliar tal prova “com pleno conhecimento de causa” e vislumbra a possibilidade de consultar um antigo conhecido, o revisor Daniel Hernández:

Sobre a escrivania só restava o livro de capa azul-clara em cima de uma pilha de folhas impressas de um único lado, um pouco mais largas que a página de um livro normal, com altura de aproximadamente o dobro de uma página comum. O

delegado nunca tinha visto uma prova de prelo, mas logo deduziu que se tratava disso. Na primeira folha, viu o selo da editora Corsario. Lembrou-se então de Daniel Hernández, que conhecia fazia muito tempo, e se congratulou por haver relação entre Hernández e aquele indício material, o único que ele não estava em condições de avaliar com pleno conhecimento da causa. (WALSH, 2011, p. 19)

Mesmo reconhecendo não ter “pleno” conhecimento de como avaliar as provas, o delegado Jiménez as submete à perícia que, por sua vez, vale-se de métodos então empregados como a grafoscopia (comparação das formas em ampliações fotográficas) e a grafometria (análise das características quantitativas, como, por exemplo, altura média das letras maiúsculas, minúsculas, espaçamento entre letras e palavras). Também ao analisar outro objeto encontrado na cena do crime, depois de uma longa explicação técnica sobre balística, projéteis e análises, o delegado com certa “superioridade que o conhecimento do ofício lhe dava” acrescenta:

Mas todos esses detalhes técnicos são muito maçantes, e acho que, no fim das contas, é melhor você aceitar a minha palavra: o projétil foi disparado com a pistola automática que Morel guardava na gaveta de sua escrivaninha, ao alcance de sua mão. (2011, p. 34)

Embora D.H. frequentemente questione o delegado Jiménez com relação a certas “conclusões”, pode-se inferir a valorização dada à ciência por parte de Jiménez em detrimento de outros ofícios (“o delegado sorriu com a superioridade que o conhecimento do ofício lhe dava”).

De fato, Daniel se beneficia das informações a respeito da pistola encontrada na cena do crime, conforme ele mesmo afirma na página 55, mas não pode dizer a mesma coisa das conclusões da perícia no concernente às provas de prelo. Essas, Daniel, simplesmente o revisor, analisará por conta própria:

Faz dois ou três dias, delegado, o senhor iluminou minha ignorância com uma lúcida exposição de conhecimentos técnicos aplicados ao caso que nos ocupa. Demonstrou que o projétil causador da morte de Morel tinha sido disparado pela arma encontrada no estúdio, demonstrou que as emendas das provas de prelo tinham sido realizadas pelo próprio Morel, demonstrou a facilidade com que pode ocorrer um acidente durante a limpeza de uma arma desprovida de trava. Em suma, o senhor demonstrou ser um profundo conhecedor do seu ofício – ainda me lembro daquele intervalo entre os extremos de uma espira dentro de uma geratriz. Talvez não lhe seja tão grata a exposição que agora farei de certos detalhes referentes ao meu ofício.

De certa forma, tudo isso nos leva a pensar numa relação colaborativa, por vezes incômoda, como o próprio Walsh menciona em sua *Advertência*, mas não antagônica entre

Jiménez e Hernández, na qual o “conhecimento científico deve se completar com outro mais prático” (ADOUE, 2008, p. 33).

No fim das contas, embora o delegado, de mau-humor, defendesse sua posição até o último instante, o revisor, “simplesmente revisor”, leva a melhor:

O delegado foi o primeiro a falar. Era difícil para ele ocultar sua impaciência. Desagradava-o o caráter marcadamente teatral daquela reunião, e era evidente que só seus escrúpulos de funcionário correto o impediam de desprezar aquela remota possibilidade de descobrir algum fato ignorado. No fundo, achava que estava perdendo tempo, e de bom grado teria mandado Alvarado e Daniel às favas. (WALSH, 2011, p. 43)

4.2 Os primeiros indícios

O senhor delegado, teve em suas mãos a prova de que Morel [...] Não só teve em suas mãos, como também a submeteu à análise dos seus peritos. Porque estas provas de prelo são a demonstração mais acabada de que Morel não [...]

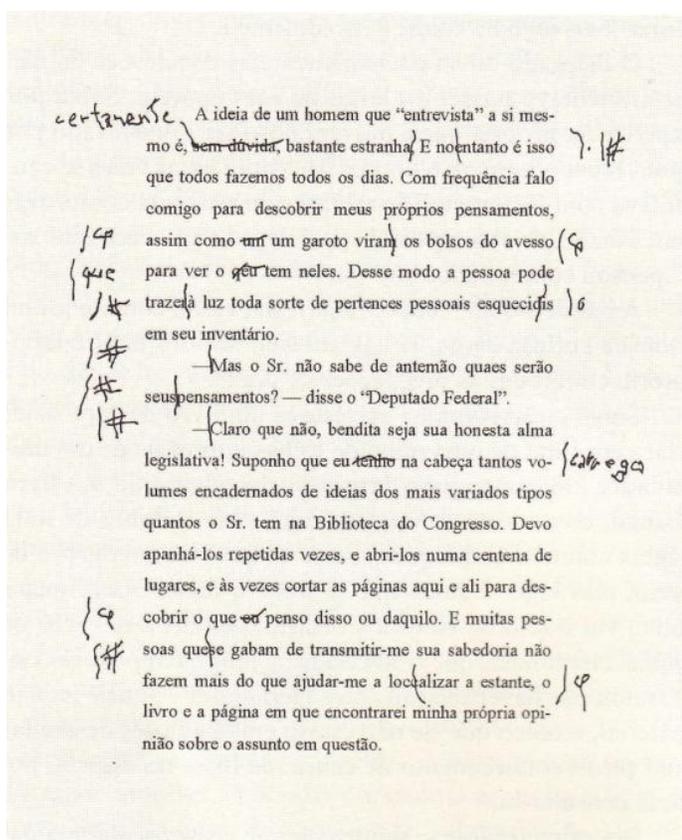
Rodolfo Walsh, 2011, p. 57

Antes de entrar propriamente na parte em que as habilidades do ofício de revisor levam Daniel Hernández a solucionar o caso, o que caminhará para o *grand finale*, parece ser mais acertado apresentar a cena do crime, bem como as versões do delegado Jiménez e do agente da companhia de seguros Alvarado.

Morel fora encontrado morto em seu estúdio, por volta da meia-noite, por sua esposa Alberta. A porta do apartamento estava trancada à chave. Raimundo Morel estava sentado em frente à sua escrivaninha, com a cabeça apoiada no braço direito, e no olho direito havia um ferimento, ferimento de bala. Junto ao braço direito estava uma pistola, próximo a ele estava uma lata de óleo, um vidro de benzina, uma vareta de cerdas, um pedaço de camurça e um carregador com vários projéteis. À sua esquerda estavam as provas de prelo e à sua direita uma bandeja com uma garrafa de uísque, água e um copo vazio (p. 16-17).

A perícia do delegado Jiménez deu conta de interpretar os indícios relativos à arma do crime, mas com relação às provas de prelo (Figura 4) e ao uísque, Daniel não se convence.

“Na primeira folha, algumas letras, às vezes alguma palavra ou até uma linha inteira estavam rasuradas³⁹, ou com barras oblíquas ou com traços horizontais. Nas largas margens apareciam as emendas correspondentes: a letra trocada, a palavra ou a linha substituídas ou emendadas. (p. 19)



Fonte: Walsh, 2011, p. 20.

Figura 4 Prova de prelo com sinais de revisão/tipográficos

Também era recorrente o emprego de alguns sinais – estranhos ao delegado, mas não a um revisor –, como o *deleatur* ⁸ (supressão) e o sinal # (inserção de espaço). Salta aos olhos do delegado o fato de a grafia das correções estar “vacilante” e, em alguns momentos, quase ilegível, como se quem escreveu estivesse em um estado alterado. É o que se pode ver em uma das páginas das provas que Walsh faz imprimir em seu livro (Figura 4).

³⁹ Isto é, com marcas de revisão.

O delegado Jiménez, aparentemente de forma equivocada, associa essa grafia vacilante a uma provável ingestão da bebida encontrada na cena do crime, mas não se precipita a exprimir opinião a respeito. No entanto, conforme veremos mais adiante, quando o delegado emite sua versão dos fatos, afirma que Morel havia iniciado a revisão das provas com o raciocínio um pouco alterado pela bebida – sabedor agora de que o morto tinha acabado de discutir com a esposa. Como não estava acostumado a beber – chega a ele essa informação – começa a sentir as consequências disso, quando sua mão começa a tremer – e eis a explicação perfeita para a grafia vacilante.

4.3 Revisões e versões

Assim como em outras narrativas de investigação, o mistério é desvendado em uma espécie de reunião. Especificamente nesse caso, o delegado Jiménez já estava de posse de sua versão dos fatos, quando foi contactado por Alvarado e Daniel, respectivamente:

— Delegado, o senhor pode reunir todos os envolvidos na morte de Raimundo Morel, amanhã bem cedo? Acho que fiz uma descoberta muito importante.
— Você também? — replicou o delegado de péssimo humor. — Parece que todo mundo resolveu investigar por conta própria. Se continuar assim, não vamos mais precisar da polícia. (p. 42)

4.3.1 Versão de Jiménez – acidente

— Nossa opinião está formada — disse. — Tenho em meu poder os laudos periciais e os resultados da necropsia, e tudo aponta numa única direção. Acho que a companhia do Alvarado vai ter mesmo que pagar esses trezentos mil pesos.
Walsh, 2011, p. 32

Na versão da polícia, embasada cientificamente, Morel, sozinho em sua casa, teria bebido após uma discussão com sua esposa. Depois de pensar a respeito, teria começado a revisar as provas de prelo, mas, como não estava acostumado a beber, começou a sentir o efeito do álcool. Não é certo que estava embriagado, mas sua mão não tinha a firmeza habitual – o que explicaria a grafia vacilante.

Cansado do esforço mental de revisar as provas, decidiu guardá-las na gaveta, momento em que se deparou com o estojo da pistola. “Tirou-a, retirou do carregador com o

propósito de limpá-la, sem perceber que estava uma bala dentro dela, e algum movimento brusco de sua mão causou o acidente” (p. 38).

4.3.2 Versão de Alvarado – suicídio

Alvarado propõe que todos os fatos apresentados por Jiménez podem ser vistos sob outra perspectiva.

Diferentemente do que muitos pensavam, as condições financeiras de Raimundo Morel não estavam nada bem. Da fortuna herdada por ele de seus pais, não restava quase nada, uma vez que Morel tinha gastado grande parte em suas viagens de estudo e em seus livros. Alvarado, como representante da companhia de seguros, sabia disso, pois Morel havia atrasado o pagamento de uma mensalidade de sua apólice de seguro contra acidentes – em sete anos isso nunca tinha acontecido. Como sua herança estava se esvaindo, decidiu mudar sua apólice de seguro contra acidentes para uma apólice de seguro de vida. Nesse ínterim, descobriu que sofria de uma doença cardíaca incurável e diante da impossibilidade de mudança da apólice, sabendo de sua morte iminente e temendo que sua esposa ficasse desamparada, Morel decidiu planejar um “acidente”. Para isso “elaborou uma verdadeira técnica do acidente. Colocou-se imaginariamente no lugar da polícia. Devia eliminar do local do fato qualquer indício que levasse a pensar em assassinato ou suicídio” (p. 50). Raimundo plantou todos os indícios: a arma e os instrumentos para limpeza, a discussão com a esposa, trancou a porta do apartamento a chave e abriu a garrafa de uísque. Quanto às provas de prelo, “elas deram a ele a oportunidade de que precisava”.

Então, já em luta contra o álcool que pelejava por embotar-lhe o cérebro, deu início a essa tarefa atroz de revisar as provas, uma tarefa longa, minuciosa, desesperada. Com sombria satisfação, observou sua mão tremendo, sua letra tornando-se vacilante, irreconhecível. Raimundo Morel, o homem de letras, o ensaísta brilhante, escrevia como um rústico, como um ébrio. (p. 52)

Foi então que ele se suicidou com um tiro de pistola, tomando o cuidado de segurar a arma da forma descrita pelo delegado, de modo que parecesse acidente e não suicídio.

4.3.3 Versão de Daniel – assassinato

Não por acaso, D.H. é o último a expor sua visão, mas, antes de iniciar seu discurso, faz questão de mencionar sua ignorância a respeito de certos conhecimentos técnicos (no caso, relacionados à balística) e atribuir ao delegado Jiménez certas elucidações a respeito do caso:

Demonstrou que o projétil causador da morte de Morel tinha sido disparado pela arma encontrada no estúdio, demonstrou que as emendas das provas de prelo tinham sido realizadas pelo próprio Morel, demonstrou a facilidade com que pode ocorrer um acidente durante a limpeza de uma arma desprovida de trava. (WALSH, 2011, p. 55)

No entanto, ao mesmo tempo em que “elogia” os conhecimentos do delegado, prova que “esses conhecimentos” sozinhos não são suficientes para a resolução do caso. Nas palavras do revisor-detetive:

Minha tarefa consistirá em derrubar um dos pilares em que se apoiam as teorias do delegado e de Alvarado; em demolir um dos mais importantes testemunhos apresentados sobre o caso; e por fim, em embasar uma presunção muito forte a favor da hipótese de assassinato e da culpabilidade de um dos envolvidos. (WALSH, 2011, p. 56)

Não podemos nos esquecer de mencionar que a falta de conhecimento do ofício de revisor por parte do culpado pela morte de Morel também o havia impedido de “apagar os rastros, os indícios, a informação encriptada no registro das correções” (ADOUE, 2008, p. 31).

Sigamos, pois, os passos de D.H., mas de forma breve, deixando ao leitor a leitura (ou não) da narrativa⁴⁰. Na página 56, D.H. anuncia que a reconstrução que vai apresentar é longa e nada simples, e acrescenta que serão 14 demonstrações parciais e algumas deduções marginais. Não deixa de causar estranheza ao leitor que nesse instante apareça uma N. da E. (que também está no original espanhol⁴¹ – e lembrando que Walsh também trabalhou como editor). Essa nota, que reproduzimos a seguir, tem por objetivo ajudar o leitor, indo contra a *Advertência* inicial em que Walsh divide os leitores de literatura policial em ativos e passivos, e afirma que a essência dessa literatura é o desafio ao leitor. A nota diz o seguinte:

⁴⁰ Como anexo destas aventuras, o leitor pode acompanhar as aventuras de D.H. impressas no final desta dissertação. Esta pode ser a chance de lê-las e acompanhar o raciocínio do revisor-detetive, verificando por si a fundamentação da hipótese por ele levantada e a solução do enigma.

⁴¹ No original em espanhol a nota aparece na página 53.

Resolvido o problema, o delegado confessou que o anúncio de Daniel lhe parecera um tanto exagerado. A mesma coisa poderá acontecer com o leitor, e a bem da exatidão iremos numerando junto ao texto cada um dos catorze elos que constituem a hipótese de Daniel Hernández, cada uma das catorze conclusões que vão se depreendendo inexoravelmente da inferência inicial, e que segundo suas próprias palavras colocam o problema num plano rotineiro, no qual a solução é acessível a todo mundo. (N. da E.)

4.4 “Essas provas falam”

De posse das provas de prelo, que nada mais são do que “a demonstração mais acabada de que Morel não tirou a própria vida nem foi vítima de um acidente”, D.H. consegue restituir as últimas horas de vida de Morel desde que havia se despedido de D.H. até o instante de sua morte.

Com base em sua experiência de revisor, de seu ofício, D.H. observa o teor das emendas de Morel em forma de marcas de revisão nas provas de prelo (Figura 4), tanto na forma quanto no conteúdo. A grafia vacilante que chamara a atenção do delegado, também chama a atenção de Daniel que, depois de uma minuciosa análise, chega a uma conclusão surpreendente.

Para compreender a variação na grafia de Morel, D.H. revisa folha por folha as provas de prelo. Ao examinar a segunda folha, percebe que a escrita está perfeitamente regular em alguns momentos, trata-se da letra de Morel conhecida por D.H., e em outros a escrita está completamente irregular. Além disso, D.H. percebe que a grafia da palavra “Federal” havia sido corrigida duas vezes por Morel, no entanto, na primeira correção a grafia estava normal, enquanto na segunda mais parecia um garrancho. E o mais interessante: isso se repetia com certa frequência.

Durante sua revisão, além da forma, D.H. também avalia o tipo de correção realizada (crítica interna) e conta que “não detectou um único erro que tivesse escapado à sua releitura” (p. 58). Mais que isso, concluiu que as emendas realizadas por Morel iam além da correção tipográfica, o que demonstrava que Morel estava revisando o conteúdo e as escolhas terminológicas de sua própria tradução.

Logo, a hipótese formulada por Jiménez e endossada por Alvarado caía por terra, afinal, “[c]omo aceitar que um homem alcoolizado, que treme o pulso por efeito da bebida, conserve tamanha acuidade visual e lucidez mental?” (p.59).

Embora Daniel tivesse provado que Morel não tinha bebido o suficiente para perder o domínio de seus movimentos e atos, o mistério da grafia vacilante ainda não estava solucionado. Ainda restavam dúvidas quanto às inconstâncias na grafia do tradutor morto, uma vez que em determinados pontos ela estava uniforme e em outros, irregular.

Para analisar esses dados, D.H. contou com a ajuda de um colega de trabalho, o revisor também experiente Aurelio Rodríguez. Em uma menção explícita a Conan-Doyle, o narrador diz:

Aurelio Rodríguez, velho funcionário da editora Corsario, foi o inesperado e efêmero Watson daquela singular aventura das provas de prelo. Mas sua elevação a essa alta dignidade dependeu de uma circunstância puramente acidental: sua mesa era a mais próxima da mesa de Daniel. (WALSH, 2011, p. 39)

Ao calcular precisamente o tempo consumido para revisar as provas, com base no tempo da leitura de Aurelio Rodríguez, D.H. começa a estabelecer relações de horário, tendo em vista as informações sobre a localização da casa de um dos suspeitos e sobre os horários em que Morel havia sido visto vivo e encontrado morto. D.H. imagina então que Morel tenha feito uma viagem de trem, logo após se despedir de Daniel, rumo à casa do suspeito. No caminho, sabendo que o tempo de revisão das provas seria relativamente curto (como já havia comentado antes com Daniel, falando do atraso das provas), decide revisá-las no caminho. Confesso que, tal com a N. da E., resumi um pouco esta parte para não cansar o leitor, afinal, quem já trabalhou com provas de prelo sabe que são as mais trabalhosas.

No cenário que D.H. esmiúça, as variações na grafia se justificam pela alternância entre os momentos em que o trem estava em movimento e os momentos em que parava nas estações, o que o leva a criar uma tabela detalhada de lugares e horários (incluindo o tempo que o revisor com a experiência de Morel levaria para revisar uma lauda). Em suma, as provas “disseram” que “Morel viajou a La Plata. E é lá que morava um dos personagens dos quais caberia suspeitar. É lá que morava Anselmo Benavídez” (p. 74).

A esta altura o problema já está praticamente resolvido, segundo D.H. Se considerarmos o fato de que Morel estava tão ligado à sua carreira e a seus problemas, não é de se espantar que sua esposa tenha se encantado por outro homem e o marido nem tenha notado. A situação econômica da família, como havia comentado Alvarado, não era das melhores, uma vez que quase todo o dinheiro herdado havia sido gasto e que Morel estava vivendo de “parcos” direitos autorais. Provavelmente, por influência de sua esposa, contratou um seguro contra acidentes para beneficiá-la. E a sequência da “técnica do acidente”, a mesma explicação fornecida por Alvarado, aplica-se aos fatos, com uma pequena diferença: quem elaborou a técnica do acidente não foi Morel, mas sim Alberta, sua esposa.

Um pequeno adendo sobre a viagem a La Plata: D.H. levanta a hipótese de que pode ter chegado aos ouvidos de Morel a notícia da traição de sua esposa, ou o rumor, que o levara a visitar o “possível” amante de sua esposa, Anselmo Benavídez. Foi então que, após se despedir de Daniel, Morel havia pegado o trem em direção à casa de Benavídez, em La Plata. Quando Morel telefona para avisar sua esposa que iria se demorar e, provavelmente, passar em La Plata, ela prontamente avisa Benavídez.

O autor da ideia deve ter sido Benavídez. Prefiro acreditar que ela de início a recusou, e que só concordou quando soube que Raimundo sofria de uma doença incurável (foi ele mesmo que a revelou), que talvez lhe restasse pouco tempo de vida e que ao morrer a deixaria desamparada. É o mesmo raciocínio que Alvarado expôs em sua alegação, mas não foi Morel que o formulou, e sim Alberta. Se Raimundo morresse por causa de sua doença, ela não veria um centavo. Já se ele morresse num acidente, receberia trezentos mil pesos. E Raimundo podia morrer a qualquer momento. Que diferença faria um ou dois meses a mais de vida? (p. 74-75)

Na cena do crime, como afirmou D.H., as provas de prelo, que à primeira vista pareciam favorecer o plano de Benavídez, foram o que justamente puseram tudo a perder: nas mãos da polícia, as provas de prelo encontradas na cena do crime foram superficialmente interpretadas, uma vez que eles não possuíam os conhecimentos necessários do ofício para isso, já nas mãos de Benavídez, pelo fato de ele não saber nada do ofício, foram subestimadas. Nas palavras de D.H.:

Mas o único detalhe que não levaram em conta, o único que à primeira vista não trazia nenhum perigo, e que até parecia favorecer seu plano, foi justamente o que o pôs a perder. (WALSH, 2011, p. 78)

Além das habilidades de Daniel e de seu conhecimento do ofício, notamos que assim como Dupin, no conto *A carta roubada*, de Poe, dispôs de conhecimentos matemáticos para solucionar o caso do roubo da carta, Daniel Hernández também o faz quando calcula o tempo que Morel levava para revisar cada prova, enquanto analisa minuciosamente (eis outra característica do revisor experiente) o mapa ferroviário e constrói um gráfico com as informações recolhidas e inferidas (p. 73). Além disso, ao mencionar a propriedade triangular de Euclides, Daniel dá mostras do que considera a bagagem cultural que todo revisor deve ter.

Revisão – o remate do trabalho

— Vocês já sabem quem é o assassino — Murmurou — Mas isso não tem importância. A única coisa importante são essas provas de prelo.

Daniel Hernández

Em *A retórica da ficção*, o crítico literário Wayne Booth (1980) distingue o que chama de um *autor implícito*, evocado mas não representado na história, mascarado pela figura do narrador, mas que pode ser visto em determinados momentos, quando deixa a descoberto o seu disfarce. O que parece contrariar essa proposta de Booth, revendo a trajetória das aventuras das provas, está no fato de Rodolfo Walsh não fazer questão de se disfarçar, e de sua escrita não destruir completamente a origem de sua voz, como propõe Barthes (1988). Fica-se sabendo, já na *Advertência* que abre as *Variações em Vermelho*, que D.H. é levado do mundo da realidade para o mundo da ficção, que D.H. era o pseudônimo do autor, e a afinidade entre ambos reafirma-se até em suas investigações de militante.

Quanto ao leitor, sua posição também oscila – há os leitores ativos e os passivos, aqueles que leem com diferentes velocidades, o leitor mais exigente (que vai ler até o apêndice entregue ao delegado), e a distinção entre o leitor comum e o leitor de provas de prelo, que precisa ser lento e meticuloso, ler palavra por palavra e até sílaba por sílaba. Definitivamente, porém, o leitor tem um destaque especial, e vai também sendo ficcionado no decorrer das aventuras e no caminho da revelação do mistério.

Contando com as habilidades de revisor, a versão de Daniel Hernández, detetive, intérprete e revisor para a solução do crime supera as versões do delegado, *expoente da polícia científica*, e do agente da companhia de seguros, surpreendendo ainda o assassino e sua amante. Não obstante, em nenhum momento, D.H. desmerece o trabalho da polícia ou da companhia de seguros, pelo contrário, embora tenha sido Daniel a solucionar o “mistério”, o revisor reconhece muitos dos resultados a que chegaram Jiménez e Alvarado, mas, pode-se concluir, de nada adiantariam sem a leitura cuidadosa, passo a passo, das provas de prelo.

Há, portanto, indubitavelmente, uma coparticipação na produção do sentido por parte do revisor, ao mesmo tempo necessário e inevitável (RAJAGOPALAN, 2000), se me permitem a repetição da citação apresentada na introdução deste trabalho. Necessário porque ele é parte integrante do processo de tornar acessível o texto a diferentes leitores (seja ou não um texto traduzido), visando à melhoria do texto, sua qualidade linguística e legibilidade, e inevitável porque todos os profissionais da escrita estão sujeitos a erros, lapsos, distrações, enfim, a tudo o que pode levar ao insucesso da obra publicada. E Walsh tinha plena consciência do valor de cada profissional, basta ver o que faz no conto *Nota al pie*⁴², em que o tradutor, fugindo à norma de evitar notas, deixa que elas tomem conta de seu trabalho até que, no final, as notas tomem o lugar do texto do autor.

Vale ressaltar que essa coparticipação na produção dos sentidos tem seu preço. Enquanto a vida de vários guzerates depende do médico e do intérprete de males (caso do Senhor Kapasi), os culpados pela morte de Morel teriam saído impunes não fosse por Hernández, cuja versão se beneficiou dos resultados obtidos pelo delegado Jiménez e pelo agente de seguros Alvarado. Assim como o ofício de intérprete sem o médico não salvaria nenhuma vida, os conhecimentos do ofício do médico também seriam inúteis se não estivesse a seu lado quem interpretasse os males dos pacientes, para que o médico pudesse fazer seu diagnóstico.

Embora o revisor possa ser visto como mera peça da engrenagem editorial, quem sabe explorado pelos “corsários” do mercado que sempre exigem mais em tempo cada vez mais rápido, o leitor é informado de que a remuneração desses profissionais não é lá grande coisa, e mesmo os direitos autorais, no caso de Raimundo Morel, são “parcos”, não lhe permitiriam sobreviver; parcos como são ainda hoje nos casos em que o nome próprio não se torna mais uma *commodity* que garanta seja a venda seja a fama da editora.

E *As aventuras das provas de prelo*? Qual o seu papel na história de Walsh e naquela sobre a qual se disserta aqui? Pode-se dizer que são elas, neste trabalho, mais uma personagem, também na cena do crime como mais uma prova, mas uma prova falante. São elas, as provas, que criptografam o enigma que caberá apenas ao revisor decifrar. É com base na letra tremida, nos

⁴² Disponível em <<http://www.niusleter.com.ar/biblioteca/RodolfoWalshNotaalpie.pdf>>. Acesso em: abr. de 2014.

sinais aparentemente ‘musicais’, nas linhas que dividem o texto, que Daniel Hernández vai recriar uma realidade que estava fora do alcance de outros investigadores.

São os enigmas que movem a literatura de Rodolfo Walsh. Desde suas ficções policiais (1953), romances-reportagens, produção jornalística e peças de teatro até a *Carta Aberta à Junta Militar* que leva a seu desaparecimento em 1977. Embora tenha sua marca de nascença na novela policial – que Walsh condena nos anos 1960 – a busca de resposta aos enigmas, o jogo com regras bem precisas, perpassa as investigações do autor testemunha da realidade de seu tempo como jornalista e ficcionista. O caminho do revisor de provas e tradutor da editora Hachette não se separa de sua necessidade premente de investigar, denunciar os crimes do Estado argentino e deixar suas marcas nessa sociedade, de forma que outro Daniel, e mais outro, encontre nelas as soluções de alguns mistérios.

Referências

- Acrobat XI Standard. 2013. Disponível em: <http://www.adobe.com/br/products/acrobatstandard.html>. Acesso em: dez/2013.
- ADOUE, Sílvia Beatriz. **Tradutor, condensador, escritor**. Alguns dos ofícios terrestres de Rodolfo Walsh. Claretiano (Batatais), Batatais - SP, v. 3, p. 84-89, 2003.
- _____. UNA AUTOBIOGRAFÍA AL CONTRARIO. WALSH: el autor de novelas policiales que se transformó en detective. **Revista Question**, v. 13, p. 2, 2007.
- _____. Rodolfo Walsh, o criptógrafo. **Relações entre escrita e ação política na obra de Rodolfo Walsh**. Tese de doutorado. 2008. São Paulo, USP.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. 4. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1986.
- ARROJO, Rosemary. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e perda da inocência. **Cadernos de Tradução**, UFSC, n. 1, 1996. P. 53-70.
- _____. A relação exemplar entre autor e revisor (e outros trabalhadores textuais semelhantes) e o mito de Babel: alguns comentários sobre História do Cerco de Lisboa, de José Saramago. **DELTA [online]**. v.19, p. 193-207, 2003. ISSN 0102-4450. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/12.pdf>>. Acesso em: jun. 2013.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 6029, 2. ed., 2006.
- AZENHA JR., João. Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 1, 1996, ISSN 2175-7968, Florianópolis. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5083>>. Acesso em: dez/2013.
- AZEVEDO, Carmen Lúcia de. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 65-70.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.
- BORGES, Jorge Luis. La muerte y la brújula. In: **Ficciones**. Madrid: Alianza, 1998.
- _____. Pierre Menard, autor de Quixote. In: **Ficciones**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMPOS, Haroldo de.; CHIAMPI, Irlemar; PERRONE-MOISÉS, Leyla. Borges/Dante: tradição, tradução, paródia. **Tradução & Comunicação**, São Paulo, ano 1, n. 1, dez. 1981. P. 129-149. Entrevista a Emir Rodríguez Monegal - por Haroldo de Campos, Irlemar Chiampi e Leyla Perrone-Moisés. Disponível em: <http://www.archivodeprensa.edu.uy/biblioteca/emir_rodriguez_monegal/entrevistas/entrev_10.htm>. Acesso em: fev. 2014.

COELHO NETO, Aristides. **Além da Revisão: critérios para revisão textual.** Revisão textual de Maria Tereza de Queiroz Piacentini. 3ª edição. Brasília: Editora SENAC-DF, 2013.

CONAN DOYLE, Sir Arthur. Estudo em vermelho. In: _____. A volta de Sherlock Holmes. 10ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 2004. Tradução: Antônio Carlos Vilela.

DOIN, Luiz Fernando Casanova. **A involução dos preços de tradução e a utópica tabela do SINTRA.** Disponível em: <<http://www.btsglobal.com.br/blog-de-traducao/a-involucao-dos-precos-de-traducao-e-a-utopica-tabela-do-sintra/>>. Acesso em: nov. 2013.

ESSELINK, Bert. **A Practical Guide to Localization.** v. 4. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

FERNANDES, Ana Beatriz Miranda. **Revisão: apenas alguns aspectos.** Boletim da Abrates. Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/abreartigo.asp?onde=REVIS%C3O%20APENAS%20ALGUNS%20ASPECTOS.abr>>. Acesso em: nov. 2013.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Comentários e notas de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980, vol. 4, cap.7.

HADDON, Mark. **O estranho caso do cachorro morto.** Record, 2005.

HERMANS, Theo. Norms and the determination of translation: A theoretical framework. In: ALVAREZ, R.; VIDAL, C. A. (ed.). **Translation, Power, Subversion** (p. 25-51). Clevedon: Multilingual Matters.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1967.

_____. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: _____. **Linguística e Comunicação.** São Paulo: Cultrix, 2007. 24 ed. Tradução de Izidoro Blinkstein e José Paulo Paes.

KOSZTOLÁNYI, Dezső. O Tradutor Cleptomaníaco. In: **O Tradutor Cleptomaníaco e Outras Histórias de Kornél Esti.** Tradução de Ladislao Szabo. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 7-10.

LAHIRI, Jhumpa. **O intérprete de males.** Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 57-81.

LEAL, Alice Borges. **Funcionalismo alemão e tradução literária: quatro projetos para a tradução de The Years, de Virginia Woolf.** Tese de doutorado, UFSC, maio 2007.

MICROSOFT. Pacote Office. 2013. Disponível em: <<http://office.microsoft.com/pt-br/products/?CTT=97>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

MOSSOP, Brian. **Revising and editing for translators.** Manchester: St. Jerome. 2001.

_____. Empirical studies of revision: what we know and need to know. **The Journal of Specialised Translation,** v. 8, 2007. Disponível em: <http://www.jostrans.org/issue08/art_mossop.pdf>. Acesso em: nov. 2013.

NOGUEIRA, Danilo. **Tradução, revisão e proofreading...** 10 out. 2012. Disponível em: <<http://www.tradutorprofissional.com/proofreading/>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. A cleptomania do tradutor: a tradução no Brasil na década de 40 do século XX. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TESSITURAS INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 2008, São Paulo. **Anais online...** 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MARIA_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: jun. 2011.

PIGNA, Felipe. **Rodolfo Walsh**. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/w/walsh.php>. Acesso em: dez. 2013.

PIUCCO, Narceli. Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução: algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários. **Revista Trama**, v. 4, n. 1. Jan./jun. 2008, p. 177-187.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. [S.l.]: Victor Civita, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

QUERIDO, Alessandra Matias. O tradutor sob o prisma do autor: a representação do tradutor na literatura. **Cadernos de Tradução**, UFSC, v. 1, n. 28, 2011a.

_____. **Investigando jerônimos**: a representação do tradutor como personagem em narrativas contemporâneas. 2011. 208 f. Tese (Doutorado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011b.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. “Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade”. **ALFA**. Revista de Linguística. v. 44, p. 123-130. São Paulo: UNESP, 2000. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4284/3873>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2007, Juiz de Fora.

RIBEIRO, Ana Elisa; SOUZA, Cristiane Linhares de.; SOUZA, Yóris Linhares de. Concepção e desenvolvimento de livros impressos à luz da gestão de projetos: relato de experiência de ensino/aprendizagem. In: II SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, Rio de Janeiro/Niterói, maio, 2009.

SANTANA, Vanete Dutra. **O Intérprete de Males: Uma Nova Metáfora de Tradução**. **Estudos Linguísticos XXXIV**, v. 34, p. 956-961, 2005.

SARAMAGO, J. **História do Cerco de Lisboa**. Revisão: Renato Potenza Rodrigues e Gabriela Morandini. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Luciana de Mesquita. Olhares em trânsito pela tradição: Os Irmãos Campos tradutores. **Revista Gatilho**, UFJF, ano 1, v. 2, 2005.

SILVA, Sebastião Antônio. **As influências dos textos extratextuais em textos traduzidos da Ícaro Brasil**. Dissertação de Mestrado defendida no Centro Universitário Ibero-Americano/Unibero em 2002, inédita.

SALMÓN, Ricardo Menéndez. **O Revisor**. Tradução: Helena Pitta. Porto Editora, 2010.

STRÜMPER-KROBB, Sabine. The translator in fiction. **Language and intercultural communication**, v. 3, issue 2, Londres: outubro, 2003, p. 115 – 121.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Cuidado com os revizores. **VIP Exame**, mar. 1995. P. 36-37.

WALSH, Rodolfo. Nota al pie. In: **Un kilo de oro**. 3ª ed. Buenos Aires: De la Flor, 1997.

_____. A aventura das provas de prelo. In: _____. **Variações em vermelho**. Tradução e posfácio: Sergio Molina e Rubia Prates Goldoni. Revisão: Alberto Martins e Isabel Junqueira. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 11-80.

_____. La aventura de las pruebas de imprenta. In: Variaciones en rojo. 11ª ed. Ediciones de la Flor: Argentina, 2012.

WLASEK FILHO, Francisco. **Técnica de preparação de originais e revisão de provas tipográficas**. 2ª Ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1977.

YAMAZAKI, Cristina. Editor de texto: quem é e o que faz. In: NP PRODUÇÃO EDITORIAL, DO VII ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. **Anais...** Santos: Unisantos, 2007.

ANEXO A – Advertência do autor

Sei que é um erro — talvez uma injustiça — arrancar Daniel Hernández do sólido mundo da realidade para reduzi-lo a personagem de ficção. Sei que ao fazer isso de certo modo contribuo para prendê-lo a um destino que ele não queria para si e que lhe foi imposto pelo acaso. Mas não pude resistir à tentação de relatar — ainda que desajeitadamente — alguns dos muitos casos em que lhe coube intervir. Quando decidi fazê-lo, por rigor ou preguiça, escolhi a ordem cronológica. E nessa ordem o primeiro lugar corresponde a “A aventura das provas de prelo”. Confesso, porém, que estive a ponto de excluir essa história, a tal ponto é banal, em certo sentido, o conjunto de circunstâncias que teve de esclarecer Daniel Hernández, revisor de provas da editora Corsario, continuador e homônimo daquele outro. Daniel que escrituras antigas — parcialmente apócrifas — registram como o primeiro detetive da história ou da literatura. Nas “provas de prelo”, é verdade, não há “drama”, está ausente aquele elemento fantástico ou patético que enriquece outras de suas aventuras, como “Variações em vermelho”, “A mão na parede” ou “A cova dos leões”. Essa carência inevitavelmente refletiu na narração. E, no entanto, não consegui suprimi-la. Em primeiro lugar, porque todas as demais pressupõem sua existência: se Raimundo Morel não tivesse morrido, Daniel não teria se interessado pela solução de problemas criminais nem teria levado sua velha amizade com o delegado Jiménez ao nível de uma ativa — e por vezes incômoda — colaboração. Em segundo lugar, porque o caso encerra outro interesse: trata-se do mais estritamente policial de todos os que se ofereceram a Daniel Hernández. Parece ser condição ineludível da narrativa policial que, quanto mais “ortodoxa” ela for em sua formulação e solução, mais na sombra permanecerá aquilo que, para simplificar, chamaremos aqui de “interesse humano”. Daniel Hernández não pôde remediar essa pobreza de circunstâncias, e o narrador - obviamente - tampouco pôde furtar-se a essa mínima fatalidade. Qualquer que seja a minha imperícia no relato dos fatos, contudo, permanece intacta a fascinante cadeia de raciocínios de que D.H. se valeu para esclarecê-los.

De resto, parece-me de certo modo simbólico que o primeiro enigma elucidado por D.H. estivesse tão estreitamente ligado ao seu ofício. Acho que nunca se tentou o elogio do revisor de provas, e talvez seja desnecessário. Mas sem dúvida todas as faculdades de que D.H. se valeu na investigação de casos criminais eram faculdades desenvolvidas ao máximo no exercício diário de sua profissão: a observação, a minuciosidade, a fantasia (tão necessária, v.g., para interpretar certas traduções ou obras originais), e sobretudo essa estranha capacidade de colocar-se simultaneamente em diversos planos que o revisor tarimbado exerce quando vai atentando, em sua leitura, para a limpeza tipográfica, o sentido, a boa sintaxe e a fidelidade da versão.

As duas outras novelas que integram este volume têm características diferentes. A segunda tenta a solução de um problema clássico da literatura policial; único gênero que já conta com duas — ou talvez três — situações ou problemas específicos passíveis de soluções distintas.

Pareceu -me conveniente intercalar no texto algumas ilustrações e diagramas. Um crítico norte-americano, Stephen Leacock, condenou genericamente esses diagramas, com mais argúcia do que acerto. Eu considero que há dois tipos de leitores de literatura policial: leitores ativos e leitores passivos. Os primeiros tentam achar a solução antes que o autor a revele; os segundos se contentam em acompanhar o relato desinteressadamente. Aqueles poderão ter algum interesse por essas figuras; estes, ignorá-las sem maiores problemas.

Tampouco abdiquei de outra convenção que se enraíza na própria essência da literatura policial: o desafio ao leitor. Nas três novelas deste livro há um ponto em que o leitor dispõe de todos os

elementos necessários, se não para resolver o problema em todos seus detalhes, pelo menos para descobrir a ideia central, seja do crime, seja do procedimento que serve para esclarecê-lo. Em "As provas de prelo" esse momento se dá na página 41. Em "Variações em vermelho", na página 113. Em "Assassinato à distância", na página 163¹.

¹ Este texto, originalmente intitulado "Noticia" e sem menção ao autor, abre as edições argentinas de Variaciones en rojo (Hachette, 1953; Ediciones de la Flor, 1985), que incluem as três primeiras novelas reunidas neste volume.

As notas de rodapé assinaladas como (N. da E.) e aquelas que não trazem nenhuma rubrica reproduzem as que constam nas edições originais. Foram apenas acrescentadas das notas dos tradutores (N. dos T.).

ANEXO B – A aventura das provas de prelo

para Horacio A. Maniglia

"Assim foi Daniel introduzido à presença do rei . E disse o rei a Daniel: '[...] Ouvi, porém, dizer que tu és capaz de dar interpretações e de desfazer os nós. Se, pois, fores capaz de ler esta inscrição e de me propor a sua interpretação, serás revestido de púrpura e trarás um colar de ouro ao pescoço, e ocuparás o terceiro lugar no governo do meu reino'."

Bíblia, Livro de Daniel, 5, 13-16

I

Na avenida de Mayo, entre uma agência lotérica e uma butique, erguem-se os três andares da antiga livraria e editora Corsario. No térreo, grandes vitrines exibem a um público apressado e indiferente a amostra multicolorida dos "lançamentos". Aí confluem, em heterogênea mistura, o último thriller e o mais recente prêmio Nobel, os maciços volumes de uma patologia cirúrgica e as sugestivas capas das revistas de moda.

Dentro, em suave penumbra, estende-se uma interminável perspectiva de estantes, repletas de livros, que nesta hora de escassa afluência de público é percorrida pausadamente, mas os nas costas, por taciturnos empregados, que por vezes pegam um espanadorzinho numa mesa e sacodem o pó de dois ou três livros, para voltar a deixá-lo na mesa seguinte. Ainda não são cinco horas da tarde. Dentro de poucos instantes o local fervilhará de gente entrando e saindo. Aparecerá o poeta que acaba de "publicar", para perguntar se seu livro "está indo bem". Os vendedores o conhecem, conhecem o gesto ambíguo que não quer desalentar, mas tampouco infundir excessivas esperanças. Aparecerá o autor desconhecido que escreveu um romance genial e a todo custo quer que esta editora- e nenhuma outra- seja a primeira a publicá-lo. Se ele insistir, se se mostrar irredutível, um dos vendedores o mandará para o terceiro andar, onde funciona o setor editorial. O manuscrito permanecerá por duas ou três semanas numa gaveta, até que por fim um funcionário lerá as primeiras vinte páginas, por simples desencargo de consciência, e o devolverá com um bilhete educado, explicando que "no momento não cabem novos projetos em nosso cronograma editorial". Aparecerá a ex-secretária de Mussolini, do rei Faruk ou de Mahatma Gandhi, querendo publicar suas memórias porque as considera de supremo interesse para resolver a situação mundial. E também- por que não? - aparecerão alguns honestos clientes, que só desejam comprar um livro.

No segundo andar, num grande salão aquecido por estufas a querosene, ficam os setores de contabilidade e comercial, onde funcionários de guarda-pó cinza e funcionárias de guarda-pó branco fazem incessantes e misteriosas anotações em grandes livros-caixa e acionam as teclas vermelhas e brancas das máquinas de calcular.

Um andar mais acima funciona o setor editorial, onde revisores silenciosos e absortos corrigem os originais e as provas das obras do selo. Sobre as mesas e escrivaninhas amontoam-se gravuras, amostras de tela e couro das encadernações, projetos de capas e ilustrações. As estantes nas paredes contêm uma vasta coleção de dicionários: etimológicos, enciclopédicos e de ideias afins, de línguas estrangeiras, de modismos, de sinônimos...

Nesse terceiro andar, há poucos minutos estavam conversando Daniel Hernández e Raimundo Morel.

A presença física de Raimundo Morel sempre proporcionava dois desculpáveis consolos a Hernández: Raimundo era quase tão míope quanto ele, e um pouco mais feio — o que não é pouca coisa. Sua feiura, porém, não era daquelas inconscientes, que o portador leva pelo mundo sem pensar em suas possíveis consequências sobre o próximo, mas parecia construída quase de propósito e assumida com plena responsabilidade, e até com certa dignidade. Ela provinha apenas da desarmonia dos traços individuais, mas sem afetar uma espécie de serenidade do conjunto. Era uma feiura que parecia sugerir excelências do espírito, dessas que se chamam ou deveriam chamar-se feiuras inteligentes, porque uma força interior foi moldando-as paulatinamente desde sua origem, até torná-las suportáveis e até imperceptíveis. A testa larga demais, o nariz grande e meio torto, o queixo quase inexistente, os óculos, a calvície avançada, certo encurvamento das costas e certa vacilação no andar davam a Morel o inconfundível ar do professor envelhecido no tedioso exercício da cátedra.

E, no entanto, Morel não era velho. Mal chegara aos trinta e cinco. Tanto sua obra incessantemente renovada quanto sua inteligência sempre lúcida e vivaz eram prova da juventude. Suas condições econômicas o dispensavam da amarga necessidade de trabalhar, e esse fato dava a todos os seus escritos uma objetividade e um desprendimento das transitórias circunstâncias que talvez fossem seu maior mérito.

De suas viagens de estudos, iniciadas em plena juventude, nenhuma fora tão frutífera quanto a que fizera aos Estados Unidos com o propósito de estudar a literatura desse país. Formado em Harvard, sua apreciação crítica de autores tão díspares como Whitman, Emily Dickinson e Stephen Crane chamara profundamente a atenção. Eram esses antecedentes que o autorizavam a encarar a tradução para o castelhano daquele que é talvez o único clássico norteamericano completamente ignorado nessa língua que por seu turno fora brilhante e perene aluno de Harvard: Oliver Wendell Holmes.

Sobre a pilha de provas de prelo descansava, em sua plácida sobrecapa azul-clara, o volume da Everyman Library em que Holmes faz divagar com ofuscante engenhosidade o poeta sentado à mesa do café. Ao entrar, Raimundo Morel o contemplara com gratidão.

Daniel, notando sua presença, sorriu.

— As provas demoraram muito para chegar da gráfica — disse. — Mas finalmente, como pode ver, aqui estão elas.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Como sempre, andaram o terceiro volume antes do primeiro e do segundo¹.

Morel desdobrou as grandes folhas e com um gesto mecânico procurou a numeração das últimas, calculando o tempo que levaria para revisá-las.

Depois falaram de Holmes, de sua múltipla personalidade de ensaísta, poeta e homem de ciência. Morel manifestou certa preocupação quanto a alguns detalhes de sua versão: ainda não decidira se convinha traduzir diretamente os poemas intercalados no texto, ou se era melhor incluir a versão original e traduzi-la em nota de rodapé. Preocupava-o também o forte localismo de certas

¹ *The Poet at the Breakfast Table* é o terceiro elo da série iniciada por Oliver W. Holmes em 1858 com *The Autocrat at the Breakfast Table*, e que prosseguiria no ano seguinte com *The Professor at the Breakfast Table*. A editora Corsario publicou os três volumes em 1946, na versão castelhana de Raimundo Morel. Essa versão, precedida de um minucioso estudo preliminar, foi a obra póstuma de Morel.

referências. Essas características, na opinião de Daniel, eram o motivo pelo qual ninguém ainda se arriscara a traduzir Holmes.

O último sol da tarde entrava pela janela do escritório, dourando as mesas e as estantes. Os funcionários começavam a pôr as capas nas máquinas de escrever lançando olhares furtivos para o relógio na parede.

Quando este marcou quinze para as sete, hora do fim do expediente, apanharam seus chapéus nos cabides e saíram apressadamente.

Daniel e Raimundo ainda permaneceram no escritório por mais alguns minutos. Depois desceram as escadas sem pressa. Quando chegaram ao térreo, o vasto salão de vendas estava deserto, exceto pela presença do vigia, um homem simiesco que os aguardava junto à entrada com visível impaciência. Raimundo teve que abaixar-se muito para passar pela minúscula porta aberta na cortina metálica; Daniel, quase nada. Era mais ou menos da sua altura.

Caminharam pela avenida de Mayo e ao chegar à esquina da rua Piedras se separaram. Morel continuou pela avenida, tropeçando no rio de transeuntes, e Daniel virou a esquina em direção a sua casa. Ao atravessar a rua, consultou seu relógio de pulso.

Eram sete horas.

II

Cinco horas depois, Raimundo Morel estava morto.

Foi a mulher dele, Alberta, que encontrou o cadáver. Os dois moravam sozinhos num apartamento da rua Alsina, per to d a avenida. Ela tinha ido ao cinema com uma amiga. Mais tarde declararia ter saído antes de o filme terminar, deixando a amiga no cinema. Explicou que fora assaltada por uma brusca dor de cabeça, que a impedia de apreciar o espetáculo. Pegou um táxi e voltou para casa.

O apartamento ficava no quinto andar. No elevador, Alberta consultou seu relógio. Eram onze e meia.

Quando entrou no apartamento, o hall estava às escuras, mas pela porta da sala que seu marido utilizava para trabalhar filtrava-se uma réstia de luz. Isso não lhe causou estranheza. Raimundo costumava ficar acordado até altas horas da noite. Ainda assim, chamou-o em voz alta para anunciar sua presença, enquanto tirava a roupa um tanto úmida (tinha começado a chover antes de pegar o táxi) e vestia um roupão.

Só quando acabou de se trocar percebeu que Raimundo não respondera. Lembrou-se de que tinham tido uma peque na discussão antes de ela sair, e pensou que talvez continuasse zangado. Dirigiu-se ao banheiro, onde tomou um calmante, de que já não parecia precisar (sua dor de cabeça tinha diminuído sensivelmente), e escovou os dentes.

Então o inusitado silêncio da casa voltou a chamar sua atenção. A porta do estúdio continuava fechada, e não se ouvia o teclar da máquina de escrever nem o ruído de uma cadeira ou o rumor das páginas de um livro. Pensou que Raimundo devia ter pegado no sono.

Dirigiu-se ao escritório e abriu a porta silenciosamente. Raimundo estava sentado diante de sua escrivaninha. Tinha a cabeça apoiada no braço direito, e de fato parecia dor ir. Sua imobilidade era absoluta. Alberta se aproximou e tentou acordá-lo. Com ambas as mãos conseguiu levantar um pouco sua cabeça, e então viu a negra ferida que obliterava o olho direito.

Quase oculta pelo braço direito estava a arma homicida, uma pistola de baixo calibre. Uma das gavetas da escrivaninha permanecia aberta. Sobre um jornal havia uma minúscula lata de óleo, um vidrinho de benzina, uma pequena vareta de cerdas, um pedaço de camurça e um carregador com vários projéteis. À esquerda da escrivaninha um livro de sobrecapa azul-clara descansava

sobre uma pilha de provas de prelo. À direita, numa bandeja, uma garrafa de uísque, um sifão de água e um copo vazio.

Tudo estava em perfeita ordem e não havia sinais de luta na casa.

Foi isso que Alberta declarou à chegada do delegado Jiménez.

O delegado era um homem moreno e medianamente corpulento. Quando falava com alguma pressa, um ouvido adestrado podia distinguir em sua pronúncia um remoto sotaque provinciano, que em geral disfarçava bastante bem. Impecavelmente vestido de preto, poderia ser tomado por um alto funcionário de um banco ou um corretor de imóveis. Contudo, o delegado Jiménez formara-se na escola de peritos e investigadores que introduziram na polícia científica mais de uma brilhante inovação. Talvez por isso havia quem reprovasse nele a excessiva primazia que dava ao trabalho de laboratório em prejuízo da rotina habitual dos inquéritos.

Para ele — diziam com ironia velhos homens — todos os casos deviam ser resolvidos sob a lâmpada de Wood, com o fotocomparador ou nos tubos de ensaio. Mas essa reprovação não era de todo justificada. Jiménez, de fato, conferia suprema importância ao indício material e todos os testemunhos e declarações deviam estar sujeitos a seu rigoroso controle. Mas não carecia da habilidade necessária para, sem esforço — aparente, tocar em seus interrogatórios os pontos essenciais que desejava esclarecer. Costumava rir abertamente de alguns de seus colegas, mais partidários do "som e a fúria", quando algum juiz se negava a admitir o valor probatório de certas confissões não de todo espontâneas.

O delegado examinou brevemente o estúdio de Morel. Olhou pela janela que dava à rua e comprovou que por ali não havia nenhuma via de acesso ao escritório. As sacadas dos outros apartamentos estavam a uma distância suficiente para garantir essa impossibilidade.

A garrafa de uísque tinha sido aberta naquela mesma noite: o selo jazia retorcido sobre a bandeja. Dela faltavam três medidas e meia. No fundo do copo havia um resto de bebida.

O fotógrafo colocara sobre o chão um quadrado de papel branco de um metro de largura, cuja imagem, incluída nas fotografias da cena do fato, serviria no decorrer do procedimento judicial para automaticamente estabelecer, caso fosse necessário, as dimensões do aposento e dos objetos. Um dos homens que acompanhavam o delegado introduziu no cano da pistola o corpo de uma caneta esferográfica, e com essa precaução a levantou para levá-la ao laboratório de datiloscopia. O delegado viu que era uma Browning 6.35. Do carregador depositado sobre o jornal faltava uma bala. A cápsula correspondente, com os sinais do percussor e do ejetar, foi encontrada num canto do aposento. A marca do percussor era muito profunda, o que indicava que a arma era nova ou tinha sido pouco usada.

O médico-legista finalizou o exame preliminar do cadáver e confabulou com o delegado. Era um homem calvo, de barriga proeminente, que falava com certo atropelamento.

Disse que a morte fora produzida por uma bala de baixo calibre que atravessara o frontal acima do olho direito. A perfuração do plano ósseo, levemente estrelada, indicava que o projétil tinha entrado com uma leve inclinação: hemorragia fora muito escassa. O projétil não abrira orifício de saída, e certamente se alojara no cérebro. A tatuagem da pólvora era quase invisível, mas existia, e dado o pequeno calibre da arma, indicava que o disparo fora feito de perto, de uma distância inferior a vinte centímetros. A posição relativa do orifício e da tatuagem causada pela pólvora e pelos produtos de combustão confirmava a suposição de que a trajetória do projétil fora levemente oblíqua, e dirigida de baixo para cima. A seu ver, o ângulo de tiro não era inferior a 85 graus.

— Não há deflagrações de pólvora nas mãos do cadáver — prosseguiu o médico. — Mas isso não indica, na minha opinião, que a própria vítima não tenha podido disparar a arma, seja por

acidente, seja deliberadamente. O senhor sabe, as armas modernas ... Talvez o exame de nitrato possa acrescentar mais alguma coisa. Pessoalmente ...

O delegado ouvia pacientemente as conclusões do médico, e tentava passar ao largo de sua hipótese. Sabia por experiência própria que é desvantajoso ser influenciado por apreciações alheias. E o doutor Meléndez raras vezes se contentava com um enunciado de fatos diretamente comprováveis. Finalizada sua exposição, o delegado agradeceu-lhe e o di pensou com o maior tato possível.

A bandeja com o copo e a garrafa, assim como o jornal com sua curiosa carga, já haviam sido levados para o laboratório com todas as precauções de praxe.

Sobre a escrivaninha só restava um livro de capa azul clara em cima de uma pilha de folhas impressas de um único lado, um pouco mais largas que a página de um livro normal, com altura de aproximadamente o dobro de uma página comum. O delegado nunca tinha visto uma prova de prelo, mas logo deduziu que se tratava disso. Na primeira folha, viu o selo da editora Corsario. Lembrou-se então de Daniel Hernández, que conhecia fazia muito tempo, e se congratulou por haver relação entre Hernández e aquele indício material, o único que ele não estava em condições de avaliar com pleno conhecimento de causa. Se fosse necessário, poderia consultá-lo.

Na primeira folha, algumas letras, às vezes alguma palavra ou até uma linha inteira estavam rasuradas, ou com barras oblíquas ou com traços horizontais. Nas largas margens apareciam as emendas correspondentes: a letra trocada, a palavra ou a linha substituídas ou emendadas.

Observou também a presença de certos sinais para ele estranhos e mais ou menos repetidos. Os dois mais frequentes guardavam certa semelhança com a letra fi do alfabeto grego e com o símbolo musical de "sustenido". Deduziu que deviam ser sinais tipográficos de valor convencional²

² O sinal semelhante à letra fi chama-se deleatur; indica a supressão de uma palavra, letra etc. O sinal# indica "inserir um espaço". (N. da E.)

certamente A ideia de um homem que "entrevista" a si mesmo é, *sem dúvida*, bastante estranha. E no entanto é isso que todos fazemos todos os dias. Com frequência falo comigo para descobrir meus próprios pensamentos, assim como *um* um garoto *viram* os bolsos do avesso para ver o que *tem* tem neles. Desse modo a pessoa pode trazer à luz toda sorte de pertences pessoais esquecidos em seu inventário.

— Mas o Sr. não sabe de antemão quaes serão seus pensamentos? — disse o "Deputado Federal".

— Claro que não, bendita seja sua honesta alma legislativa! Suponho que eu *tenho* na cabeça tantos volumes encadernados de ideias dos mais variados tipos quantos o Sr. tem na Biblioteca do Congresso. Devo apanhá-los repetidas vezes, e abri-los numa centena de lugares, e às vezes cortar as páginas aqui e ali para descobrir o que *eu* penso disso ou daquilo. E muitas pessoas que se gabam de transmitir-me sua sabedoria não fazem mais do que ajudar-me a localizar a estante, o livro e a página em que encontrarei minha própria opinião sobre o assunto em questão.

Todas as emendas tinham sido feitas com caneta-tinteiro. Os traços horizontais eram extremamente irregulares e às vezes deixavam intactas algumas letras da palavra que deviam eliminar.

Mas o que mais chamou sua atenção foi a grafia vacilante e por vezes quase ilegível das correções. Parecia a letra de um homem não habituado a escrever, ou que escrevesse num estado alterado. A pressão exercida era irregular. Alguns traços pareciam estendidos além da conta, e outros e atrofiados. Os pingos dos is estavam invariavelmente mal colocados, às vezes muito à frente, às vezes muito atrás. A linha base era muito sinuosa.

O delegado lembrou-se do copo e da garrafa e deu de ombros.

III

Alberta demonstrara uma admirável presença de espírito. Foi ela mesma que chamou a polícia. Quando o grupo chegou, sofreu uma pequena crise nervosa, mas logo se recuperou com ajuda de um sedativo ministrado pelo doutor Meléndez. E quando o delegado Jiménez— concluído seu exame do local dos fatos — lhe perguntou se estava em condições de depor ou se preferia fazê-lo mais tarde, respondeu que preferia tratar disso imediatamente.

O delegado tirou uma caderneta preta do bolso e foi anotando as respostas à medida que Alberta as formulava.

— A que horas a senhora encontrou o cadáver?

— Entre quinze para meia-noite e meia-noite.

— Não sabe a hora exata?

— Não. Cheguei em casa às onze e meia, mas não entrei logo no escritório do meu marido.

— A senhora trancou a porta do apartamento quando entrou?

- Tranquei, sim.
- Não ouviu nenhum ruído antes de encontrar seu marido morto?
- Não.
- Um tiro, por exemplo?
- Não. Não ouvi nada.
- Então, quando a senhora chegou, ele já estava morto?
- Imagino que sim.
- Ao chegar, encontrou a porta do apartamento trancada à chave?
- Sim.
- Viu alguém no hall de entrada, ou no elevador?
- Não, não havia ninguém.
- O elevador estava no térreo?
- Estava, sim.
- A porta do prédio também estava trancada?
- Sim, depois das nove da noite sempre fica trancada.
- O que a senhora fez quando entrou no escritório do seu marido?
- De início, pensei que ele estivesse dormindo. Mas quando me aproximei vi que estava morto. Chamei a polícia. Depois telefonei para meu cunhado, Agustín, e para um amigo do Raimundo. Devem estar para chegar.
- A senhora tocou em algum objeto do escritório?
- Não.
- Nem na arma?
- Não.
- Não teria saído do lugar quando a senhora tentou levantar a cabeça dele?
- É possível.
- A que horas a senhora tinha saído?
- Às nove. Fui ao cinema com uma amiga.
- Seu marido ficou em casa?
- Ficou. Eu queria que me acompanhasse, mas ele disse que estava muito ocupado. Tinha que revisar um livro, ou algo parecido. Isso acontecia com frequência. Às vezes discutíamos, mas nada grave, entende? Eu só me aborrecia porque ele nunca tinha tempo para sair comigo, mas compreendo que devia fazer seu trabalho... E agora que ele está morto...
- Alberta interrompeu sua fala para dar vazão a uma breve crise de choro, e o delegado aguardou olhando-a com simpatia.
- Ela enxugou as lágrimas e sorriu palidamente, como que se desculpando.
- Ele permaneceu a tarde inteira em casa?
- Não. Saiu antes das cinco e voltou por volta de sete e meia. Trouxe um pacote embaixo do braço. Disse que eram umas provas da editora.
- Seriam essas que agora estão sobre a mesa dele?
- Pode ser. Não perguntei.
- Seu marido costumava beber?
- Às vezes, para agradar as visitas. Mas nunca exagerava.
- A senhora acha que essa pequena discussão que comentou poderia ter abalado seu marido a ponto de levá-lo a beber um pouco além do habitual?
- Alberta pareceu refletir.
- Não sei — disse levando uma das mãos aos olhos.

— Não sei. Prefiro não lembrar que as últimas palavras que trocamos...
Interrompeu-se, fazendo um visível esforço para se controlar, e o delegado mudou rapidamente de assunto.

— Entendo — disse. — Passemos a outro ponto. A senhora já tinha visto essa arma?

— Sim.

— Pertencia a seu marido?

— Sim. Ele a trouxe dos Estados Unidos, faz cinco anos. Foi presente de um oficial norte-americano que estudou com ele, que por sua vez a trouxe da Europa.

— Seu marido era aficionado às armas de fogo?

— Não. Só a conservava como lembrança, guardada numa gaveta da escrivaninha.

— O estojo e os demais apetrechos de limpeza ficavam junto com a pistola?

— Sim.

— A senhora acha que seu marido pensava utilizá-la para alguma finalidade?

— Não.

— Sabe se ele tinha algum inimigo?

— Não. Duvido que tivesse. Era o homem mais inofensivo do mundo.

— Notou se nos últimos dias ele estava tenso ou preocupado?

— Não.

— Alguma vez o viu limpando essa pistola automática?

— Uma ou duas vezes. Mas não acho que o fizesse pensando em usá-la ou por medo de alguma coisa. Muitas vezes seu trabalho o esgotava e sempre lamentava não ter um hobby, alguma habilidade manual capaz de distraí-lo. Acho que hoje deve ter se sentido particularmente exausto, e por falta de outra coisa que fazer resolveu dedicar-se à limpeza dessa pistola. Às vezes jogava xadrez sozinho, ou paciência. Imagino que esses passatempos simples eram uma espécie de compensação.

— A senhora sabe se na casa existem mais balas desse calibre, além das que estavam no carregador?

Alberta encolheu os ombros, como lamentando não poder responder.

— Não sei — disse. — Nunca vi.

O delegado pareceu refletir.

— Senhora — disse bruscamente, como se tivesse chegado a uma conclusão —, não quero importuná-la demais, mas gostaria de ver algum escrito de próprio punho do seu marido. Uma carta, uma anotação qualquer...

Alberta voltou a sorrir penosamente. Seus olhos estavam vermelhos.

— Isso é fácil — murmurou. — Raimundo escrevia sem parar. Era o trabalho dele. As gavetas de sua mesa estão cheias de papéis. Pode levar qualquer um.

O delegado agradeceu e voltou a entrar no estúdio de Morel. Abriu a gaveta central da escrivaninha e tirou a primeira folha de uma pilha de manuscritos, encabeçada pelo seguinte título, em letra perfeitamente regular, quase escolar: "Vida e obra de Oliver Wendell Holmes".

Nesse instante o policial de guarda mandava entrar um homem magro e pálido, que parecia profundamente abatido. A julgar por seus cabelos desgrenhados e a desordem de sua roupa, a notícia o arrancara bruscamente do sono. Encaminhou-se diretamente para Alberta, deu-lhe um beijo no rosto e uns tapinhas nas costas, sem dizer uma palavra. Ela apoiou brevemente a cabeça em seu peito, e quando se virou para o delegado, tinha os olhos marejados.

O recém-chegado dirigiu-se à porta do estúdio e estacou. Seu olhar parecia hipnotizado pela pequena mancha de sangue que permanecia sobre a escrivaninha. O delegado se interpôs com rapidez.

— O senhor é o irmão do falecido? — disse quase atropeladamente. — Ainda bem que chegou. A senhora Morel vai precisar da sua companhia. Ela ficou sozinha até agora. Lamento o que aconteceu— acrescentou em voz baixa.

Agustín Morel tinha os olhos arregalados de horror. Queria falar, mas suas palavras não passavam da garganta.

— Quem o matou?— balbuciou por fim. O delegado encolheu os ombros.

— Ainda não sabemos — disse. — Nem sequer sabemos se alguém o matou.

Agustín olhou para ele sem entender.

— Pode ter sido acidente — disse o delegado. — Ou suicídio. Sabe se seu irmão tinha algum motivo para se suicidar?

A expressão de Agustín dizia às claras que ainda não tinha pensado nessa possibilidade. Sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não — respondeu. — Difícil acreditar nisso. Raimundo sempre foi feliz, mais ainda nos últimos tempos. Seus livros começavam a ser publicados, seu nome ia se tornando conhecido... Ele vivia totalmente dedicado ao seu trabalho.

O delegado o observou, como que considerando o valor que podiam ter as declarações daquele homenzinho transtornado pelo espanto e pela dor.

— O senhor reconheceria a letra dele se a visse? — perguntou inesperadamente.

— A letra dele? — repetiu Agustín. — Sim, claro, mas não vejo que relação...

— Não faz mal — disse o delegado delicadamente. — Talvez não exista uma relação muito clara, mas ainda assim gostaria de saber se pode reconhecer a escrita dele.

— Posso, sim— respondeu Agustín sem hesitação —, o Raimundo costumava passar pequenas temporadas na minha casa. Eu tenho um sítio em Moreno . Ele nunca deixava de anunciar sua visita. Acho que ainda devo ter aqui comigo sua última carta, e além disso conheço sua letra de cor.

Fez menção de vasculhar os bolsos, mas o delegado o conteve com um gesto.

— Não precisa — disse, e acrescentou mostrando-lhe a primeira folha das provas: — é dele a letra dessas correções?

Agustín observou-a com atenção, e à medida que o fazia se desenhava em seu rosto uma expressão de perplexidade.

— Não — respondeu, e acrescentou com certa hesitação:

— não parece ser dele. Alguns traços são parecidos, mas o Raimundo não escrevia assim. Parece a letra de um colegial...

O delegado não disse nada.

— Mesmo assim— prosseguiu Agustín —, tem alguma coisa ... Não sei o que é, mas me lembra a letra do Raimundo. Acho que poderia ser a letra dele se estivesse com muita pressa, ou nervoso, ou...

Interrompeu-se, como se de repente tivesse percebido as implicações do que ia dizer.

Antes que o delegado pudesse intervir, entrou um novo personagem. Era um homem atlético, loiro, vestido de cinza. Cumprimentou Agustín com um movimento de cabeça, apertou a mão de Alberta e murmurou algumas frases de condolência.

— Agradeço que tenha me chamado — disse —, e fico ao seu dispor. Felizmente pude pegar um ônibus, porque o primeiro trem saía depois das quatro. Eu moro em La Plata — explicou,

voltando-se para o delegado — , meu nome é Anselmo Benavídez, sou amigo da família. Se eu puder ajudar em algo, estou às suas ordens.

— Obrigado — respondeu o delegado — ,mas agora não há mais nada a fazer aqui. A senhora Morel talvez queira se recolher para descansar. E os senhores — acrescentou em voz baixa, conduzindo Agustín e Benavídez para a porta — tomarão as providências necessárias. É bem possível que a viúva precise de um médico. Deve ter sido um duro golpe para ela. Voltaremos a nos falar à noite.

Dois homens acabavam de lacrar a porta do estúdio. Com as provas de prelo e as páginas manuscritas de Morel embaixo do braço, o delegado Jiménez deixou o apartamento. Eram cinco horas da manhã.

IV

Os jornais da manhã informaram Daniel Hernández da morte de Morel. Quase todos publicavam a notícia com destaque, e alguns traziam uma nota biográfica. Não davam maiores detalhes sobre as circunstâncias de sua morte, mas tacitamente pareciam descartar a possibilidade de um fato delituoso. Morel não tinha inimigos, e não foram achados sinais de roubo. Uma equipe sob as ordens do delegado Jiménez — acrescentavam— estava realizando as diligências necessárias para esclarecer o fato.

Daniel conseguiu falar com o delegado, e este o pôs brevemente a par do ocorrido. Combinaram de se encontrar à noite.

Daniel não aprecia a muito o clima dos velórios, mas além da amizade que o ligava a Morel, sentia-se profundamente intrigado pelas circunstâncias de sua morte. Parecia-lhe uma incongruência que Raimundo tivesse morrido com um tiro. O brilhante aluno de Harvard e as armas de fogo pareciam elementos de dois mundos distantes.

Fez esse comentário com o delegado, quando se encontrou com ele em meio à multidão que vinha dar os pêsames, mas Jiménez achou graça no seu estranhamento.

— O que acontece — disse — é que nunca conhecemos realmente as pessoas que pensamos conhecer melhor. Nossas relações com os outros costumam ser muito unilaterais. A área de contato entre dois seres humanos é sempre mais reduzida do que se imagina. É como a interseção de duas circunferências que resulta numa pequena zona de interesses comuns, deixando todo o resto ignorado. Você conhecia o Morel, mas nunca falavam de nada que não tivesse relação com os livros. E por isso acha estranho que um homem que parecia levar uma vida puramente intelectual se suicide brutalmente, dando um tiro na cabeça, como um reles comerciante falido, ou se mate por acidente ao limpar uma pistola automática, como um reles ladrão planejando um assalto.

— Então— disse Daniel —, o senhor acha que se trata de um suicídio ou de um acidente?

— Isso mesmo — respondeu o delegado. — E até a hipótese de um suicídio me parece pouco plausível.

— Não poderia se tratar de um assassinato? — perguntou Daniel.

— Difícil. A porta do apartamento estava trancada à chave, e a arma pertencia à vítima.

— Não é impossível que alguém tenha conseguido uma cópia da chave— arguiu Daniel.— E o detalhe da arma não me parece conclusivo.

O delegado olhou-o com um brilho de ironia nos olhos escuros.

— Claro que não é — disse. — Ainda não encerramos as investigações. O que você diz não é impossível, mas até agora não há nenhum indício nesse sentido.

— Interrogaram a esposa?

— Sim. Tem um excelente álibi. Foi ao cinema com uma amiga. Já foi confirmado. E também localizamos o chofer do táxi que a trouxe para casa. Voltou às onze e meia da noite. E temos razões para supor que, às onze e quinze, Raimundo estava morto. Um amigo telefonou para ele a essa hora, mas ninguém atendeu. E os vizinhos de um dos apartamentos acreditam ter ouvido o disparo por volta dessa hora. Quando escutaram o barulho, não o identificaram como um tiro, mas depois se lembraram de ter ouvido um estalo seco, não muito forte, como de um petardo. A arma era de baixo calibre. A propósito — acrescentou o delegado —, a que horas você o viu pela última vez?

— As sete.

— Perfeito — disse o delegado. — Isso também coincide com as declarações de Alberta. Ela disse que o marido voltou perto das sete e meia, e que continuava lá quando ela saiu, às nove.

Do canto onde se refugiaram para conversar com calma, fazia já algum tempo que o delegado observava um homem baixo e encurvado, com cara de índio e expressão distraída, que perambulava com as mãos nas costas por entre os grupos que murmuravam as circunstâncias da morte de Morel e repetiam os lugares— comuns de praxe. A expressão de ironia de Jiménez se acentuou.

— Sabe que temos entre nós uma espécie de investigador privado?— disse apontando com um gesto para o homem das mãos nas costas, que continuava perambulando, pelo visto muito absorto em seus pensamentos. — Parece um tanto grotesco, não é? Mas bem que eu gostaria de poder contar com tipos assim.

— Um investigador privado?— perguntou Daniel com um sorriso.— Então eles existem de verdade?

— Claro que existem — respondeu o delegado. — Os grandes hotéis, as joalherias, os bancos têm seus homens de confiança. Posso lhe garantir que é uma profissão enfadonha e pouco emocionante. Alvarado é agente de uma companhia de seguros. Costumam chamá-lo em casos assim. Oficialmente, está aqui para dar os pêsames em nome da companhia, mas seu verdadeiro interesse é escutar as conversas. Num negócio como esse, uma palavra ouvida oportunamente pode significar a economia de muitos milhares de pesos.

— Morel tinha seguro de vida? — perguntou Daniel surpreso.

— Tinha sim não sabia? Era um seguro contra acidentes. Trezentos mil pesos, a serem pagos à esposa. Entende agora por que esse Alvarado circula com tanto empenho entre os amigos e conhecidos de Morel? Se ele descobrir que o morto tinha feito dívidas, por exemplo, ou que sofria de uma doença incurável, ou que tinha qualquer outro motivo para tirar a própria vida voluntariamente, a companhia receberia a notícia com extremo interesse. E nós também — completou rindo. — Só por isso não pomos esses tipos para correr. Às vezes podem nos fornecer dados muito valiosos.

Nesse instante o agente da companhia de seguros estava a certa distância deles e cumprimentou o delegado com um sorriso que conferia a seu rosto desagradável uma profunda vivacidade. Depois se dirigiu quase na ponta dos pés para a roda onde Alberta, Agustín, Benavídez e o doutor Quintana, advogado da família, falavam em voz baixa, e se misturou à conversa, quase sem ninguém perceber.

— Vejo você amanhã, na delegacia— disse Jiménez preparando-se para se retirar. — Imagino que na editora vão precisar daquelas provas de prelo. Além disso, queria saber sua impressão sobre alguns detalhes que vão nos ajudar a formar uma conclusão definitiva.

Ao vê-lo sair, Daniel teve certeza de que o delegado já tinha chegado a essa conclusão.

V

O delegado estava com o melhor humor do mundo. Habituado a teorizar com Daniel sobre questões criminalísticas e em seus encontros casuais no clube, ou quando aquele ia jantar em sua casa, apreciava a oportunidade que se oferecia de analisar um caso autêntico no terreno dos fatos, e de poder fazê-lo sem violar o sigilo oficial. Daniel, com efeito, estava em seu escritório na qualidade de testemunha. Era uma das últimas pessoas que tinham visto Morel com vida, entregara-lhe um dos indícios mais importantes encontrados no cenário dos acontecimentos e certamente estaria em condições de identificar sua escrita, confirmando ou desmentindo depoimentos anteriores.

— Nossa opinião está formada — disse. — Tenho em meu poder os laudos periciais e os resultados da necropsia, e tudo aponta numa única direção. Acho que a companhia do Alvarado vai ter mesmo que pagar esses trezentos mil pesos.

— Foi um acidente, então?

— Foi, sim. É quase certo. Acho que já estamos em condições de reconstruir as circunstâncias em que ocorreu. — Fez uma pausa, como que ordenando mentalmente os fatos em que apoiaria sua demonstração, e depois prosseguiu: — Raimundo Morel tinha uma arma, uma pistola automática de calibre 6.35. Segundo sua esposa, ele a trouxe dos Estados Unidos. Ninguém desmentiu essa informação. E mais, o irmão de Raimundo lembra-se de ter visto a pistola no escritório daquele.

"Este é um ponto muito importante. Se a arma era da vítima, isso reduz as possibilidades de que alguém tenha entrado no apartamento com a deliberada intenção de assassiná-lo, ao menos usando essa arma. Raimundo guardava a pistola automática numa gaveta de sua escrivaninha. Só quem o conhecia muito intimamente podia saber disso. Sua esposa, por exemplo, mas ela tem um bom alibi. Ou seu irmão, mas também nos apresentou um alibi convincente. Por outro lado, é difícil admitir que, estando sentado diante de sua mesa, Raimundo deixasse alguém tirar a arma de uma das gavetas. "Quanto à arma propriamente dita, nós ainda não conseguimos identificá-la. De início pensei que fosse uma Browning, mas, embora tenha algumas características semelhantes, não é dessa marca. Na realidade, ela não tem marca, número de série, nem mesmo referência ao país de origem. Não consta no atlas Metzger, que traz mais de 250 fotografias e descrições de pistolas automáticas. Mas nada de estranhar. Depois da guerra, surgiram armas das mais variadas procedências, e sabe-se que em alguns países foram fabricadas imitações dos tipos mais comuns de pistolas e revólveres. Seja como for, isso não nos impediu de comprovar com absoluta certeza que o projétil causador da morte de Morel foi disparado da pistola automática que encontramos na mesa dele."

— Não poderia ter sido disparado de outra arma do mesmo calibre? — arriscou Daniel timidamente. — Ou até de outro calibre? Eu li em algum lugar que em certas condições é possível, por exemplo, disparar balas de pistola usando um revólver.

O delegado sorriu com a superioridade que o conhecimento do ofício lhe dava.

— É verdade, mas não neste caso. Como você sabe as estrias internas do cano de uma pistola ou de um revólver deixam marcas no projétil. Graças a essas marcas é possível identificar a arma que o disparou, e essa identificação tem um valor probatório equivalente ao das impressões digitais, ou seja, absoluto. Nos testes de laboratório dispara-se um projétil com a arma suspeita contra um material maleável, para não deformar a bala. Em seguida, os dois projéteis são comparados no microscópio balístico, que é um microscópio comparador com duas objetivas e uma ocular, ou no fotocomparador, que além disso fotografa as estrias do projétil colocado num

suporte giratório³. Cotejando as imagens obtidas no microscópio balístico ou no fotocomparador, verifica-se se há identidade entre os dois projéteis. Para isso leva-se em conta o número de estrias, que pode ser quatro, cinco ou seis, a direção da rotação, horária ou anti-horária, a largura o "passo" da estria helicoidal, quer dizer, o intervalo observado entre os extremos de uma espira dentro de uma geratriz... — O delegado riu ao ver a expressão de espanto de Daniel, e acrescentou: — No caso em questão, a identidade é absoluta. Poderia ainda mencionar que as marcas do percussor, extrator e ejetor da cápsula também são características da mesma arma, assim como alguns sinais deixados pelo plano inclinado da câmara e pela parte superior do canhão. Mas todos esses detalhes técnicos são muito maçantes, e acho que, nó fim das contas, é melhor você aceitar a minha palavra: o projétil foi disparado com a pistola automática que Morel guardava na gaveta de sua escrivaninha, ao alcance da mão.

"A arma apresenta outra característica muito interessante, que é a que me leva a acreditar na hipótese do acidente. Grande número de pistolas automáticas têm dispositivos de segurança, cujo fim é impedir disparos acidentais. Alguns modelos têm até três: em uns só é possível realizar um disparo pressionando a parte posterior da culatra ao mesmo tempo que se puxa o gatilho; outros têm uma trava na parte posterior esquerda da arma que, colocada em certa posição, imobiliza o mecanismo e impede o disparo; em outros o mecanismo é automaticamente imobilizado quando se retira o carregador. Numa pistola de fabricação francesa, o canhão gira em torno de um eixo dianteiro e se levanta automaticamente quando o carregador é retirado, para que, se o percussor funcionar acidentalmente, ele golpeie o vazio.

"Disso tudo você já pode inferir qual é o acidente mais comum no manejo das pistolas automáticas: a pessoa quer limpar a arma, retira o carregador e não percebe que restou uma bala na câmara. Um movimento qualquer, e sai um disparo que atinge alguém por perto, ou a própria pessoa que manipula a arma ..."

O delegado fez uma pausa, para dar maior ênfase ao que ia dizer.

— E a pistola automática de Morel — acrescentou por fim —, uma arma de origem desconhecida e fabricação deficiente, não tinha nenhum dispositivo de segurança.

Daniel balançou a cabeça em gesto de dúvida, mas o delegado se adiantou a suas objeções.

— Esse detalhe por si só não é definitivo — disse —, mas há muitos outros. Primeiro, devemos lembrar que o carregador da pistola tinha sido retirado e que nele faltava um projétil, que evidentemente tinha ficado na câmara. Isso, junto com os implementos que encontramos em cima da mesa, sobre um jornal, indica que Morel tinha o propósito de limpar a pistola. Chegou a embeber com benzina a pequena vareta de cerdas. A latinha de óleo estava destampada. Parece que é um gesto instintivo, ao limpar um revólver ou uma pistola, levá-lo com o polegar no gatilho e os quatro dedos restantes na parte posterior da culatra e aproximar o canhão do olho, para ver se está sujo. Naturalmente, isso é feito com a certeza de que a arma está descarregada. No caso de uma pistola desse tipo, não se vê nada, mas isso não impede a sobrevivência do gesto. Tente imaginar o movimento. Morel acredita que a pistola está descarregada. Ele mesmo retirou o carregador para limpá-la. Aproxima o cano do olho direito com o polegar no gatilho. O gatilho em si é um tanto "leve", como pudemos comprovar no tensiômetro. Um ruído exterior, um sobressalto qualquer, uma contração nervosa da mão e o acidente já aconteceu. Principalmente se a vítima se encontra em certas condições que predispõem ao acidente .

Daniel olhou para o delegado sem entender.

³ O fotocomparador de Belaunde é uma invenção argentina.

— Logo voltaremos a esse ponto — disse o delegado. — Mas resta ainda outro detalhe a analisar no cenário do fato. Em geral, nos casos de suicídio, a arma é encontrada na mão do suicida. Ao disparar, este a empunha na posição usual. A mão sofre uma contração devida ao chamado espasmo cadavérico, que é um fenômeno de origem vital, portanto diferente da rigidez cadavérica que toma conta do corpo já morto. O espasmo cadavérico é a persistência depois da morte de uma contração muscular *voluntária*, realizada ainda em vida e prolongada no cadáver após morte repentina. No caso Morel, a arma estava embaixo do seu braço. Isso porque ele não a empunhava na posição usual, favorável ao espasmo cadavérico, e tampouco se produziu a contração muscular voluntária que precede o suicídio, porque ele não tinha a intenção de se matar. Seus dedos apenas a seguravam naquela posição instável que já mencionei. Depois do disparo, ela se desprende da mão e ficou presa embaixo do braço. Esse pequeno detalhe, aliado à circunstância de que Morel não deixou nenhum bilhete anunciando sua decisão de tirar a própria vida, bem como a aparente falta de motivos para tanto, inclinam-me a supor que também não se trata de suicídio.

"Mas ainda há mais. Existem certas condições que predisõem a um acidente. Um estado de extremo nervosismo, por exemplo, ou de relativa embriaguez."

Daniel endireitou-se surpreso.

— O senhor quer dizer que Morel estava embriagado quando o acidente aconteceu?

— Calma, não se escandalize — disse Jiménez com gesto conciliador. — Eu não estou pedindo que aceite uma hipótese infundada. Infelizmente, temos fatos. E mais de um: três, na verdade. O primeiro é que em cima de sua mesa encontramos uma garrafa de uísque aparentemente aberta naquela mesma noite. Ao lado da garrafa havia um copo com restos de bebida. Da garrafa faltava certa quantidade que provavelmente não bastaria para embriagar um homem habituado a beber, mas Morel não era um homem habituado a beber. A viúva disse que ele o fazia muito raramente. O segundo fato foi comprovado pela necropsia: constatou-se certa quantidade de álcool no cadáver. Quanto ao terceiro, acho que você mesmo poderá nos dar seu parecer.

Abriu uma gaveta de sua mesa, tirou um envelope e dele extraiu as provas de prelo que Morel estava revisando antes de morrer. Separou a primeira folha e a estendeu a Daniel.

Este a observou com extrema atenção e em seguida olhou para o delegado com perplexidade.

— Essa não é a letra do Raimundo — disse.

A perícia grafoscópica — sentenciou o delegado — é mais difícil, e a de resultados menos seguros. Você baseia sua opinião em certas evidentes diferenças externas, e se engana. O perito analisa detalhes menos superficiais, e portanto mais reveladores. Você dá uma olhada por alto e já emite seu julgamento. O perito mede e compara. Utiliza mais de um método. Recorre primeiro à grafoscopia, que é o mais simples mais antigo: a comparação das formas em ampliações fotográficas de dois ou três diâmetros. Analisa o formato geral do traçado e o formato de cada letra isoladamente.

Quando isso não basta, apela à grafometria, que analisa não mais as formas, mas as características quantitativas, altura média das letras minúsculas em geral e em particular, altura médias das maiúsculas, espaçamento das letras e das palavras; no caso de uma letra específica, por exemplo, o *t*, mede-se a altura do corte, a largura da barra, o nível de elevação, o ângulo de inclinação etc.

"No nosso caso, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a vacilação e deformidade das correções. O próprio irmão de Morel teve dificuldade em reconhecer sua escrita.

"Existia portanto a possibilidade de que as correções das provas tivessem sido feitas por outra pessoa. Isso poderia reforçar a hipótese de um assassinato, pois seria o primeiro indício da presença de um terceiro no apartamento de Morel, ainda que de pronto não pudéssemos entender

por que esse hipotético visitante se dedicaria a revisar as provas. Por isso providenciei uma amostra da verdadeira escrita de Morel e solicitei uma perícia grafoscópica. O laudo saiu antes do que eu esperava, e suas conclusões são muito significativas.

"Não quero insistir em detalhes técnicos, mas analisando pequenos traços característicos das letras, os pontos de ataque, o arremate dos ovais, a inclinação axial etc., o perito chegou à conclusão de que a pessoa que corrigiu essa prova é a mesma que escreveu o manuscrito que também enviei para análise. Sua explicação para as diferenças observáveis é que as anotações das provas foram feitas sob efeito de um forte estado emocional, de uma droga ou de qualquer outro excitante, ou pelo menos em circunstâncias diferentes das normais, que não cabe a ele determinar, naturalmente, pois sua missão se restringe a estabelecer se há ou não há identidade entre as escritas. Os peritos grafotécnicos costumam ser muito cautelosos em seus laudos; todo juízo implica uma alta probabilidade de erro. Levando isso em conta, suas conclusões são singularmente categóricas.

"Acho que agora podemos completar o panorama esboçado anteriormente. Sabemos que Morel tinha uma pistola automática de calibre 6.35, sem dispositivo de segurança. Sabemos, ou temos direito de supor, que ele esteve sozinho em seu apartamento a partir das nove. Pouco antes, tivera uma pequena discussão com a esposa. Isso talvez o tenha abatido e levado a beber. Depois pode ter pensado que isso nada remediaria, e decidiu pôr-se a trabalhar. Começou a revisar as provas que você tinha lhe entregado poucas horas antes. Mas como não estava habituado a beber, a bebida logo começou a surtir efeito. Talvez não estivesse embriagado, mas sua mão já não tinha a firmeza habitual. Depois de revisar algumas páginas, resolveu abandonar o trabalho e dedicar-se a alguma coisa que não lhe exigisse nenhum esforço mental. Talvez ao abrir uma gaveta da escrivaninha para guardar as provas tenha visto o estojo da pistola. Tirou-a, retirou o carregador com o propósito de limpá-la, sem perceber que estava uma bala dentro dela, e algum movimento brusco de sua mão causou o acidente."

Daniel se levantou, disposto a se retirar. Rugas de preocupação atravessavam sua testa.

— Muito razoável — murmurou. — Razoável demais.

Talvez por isso não me convença por completo.

O delegado encolheu os ombros.

Si1 to muito, mas essas são as minhas conclusões. —Devolveu as provas de prelo ao envelope e o entregou a Daniel. Imagino que na editora vão precisar disso — e acrescentou com certo sarcasmo: — Quem sabe você não descobre nessas provas alguma coisa que nos escapou.

VI

Aurelio Rodríguez, velho funcionário da editora Corsario, foi o inesperado e efêmero Watson daquela singular aventura das provas de prelo. Mas sua elevação a essa alta dignidade dependeu de uma circunstância puramente acidental: sua mesa era a mais próxima da mesa de Daniel.

Este, ao voltar de sua entrevista com o delegado, depositou à sua frente as provas da obra de Holmes e começou a folheá-las distraidamente.

Foi então que Rodríguez ouviu o estrepitoso rangido de uma cadeira, e erguendo os olhos viu que Daniel se levantara de um salto. Apontava um dedo para uma das provas e movia os lábios pronunciando palavras inaudíveis. Seus olhos pareciam desorbitados.

Rodríguez se aproximou, tomado pela curiosidade, e observou as primeiras linhas das provas que Hernández apontava num gesto imperioso. Depois leu as emendas e encolheu os ombros.

— Que foi? — perguntou.— Não vejo nada de errado.Tem algumas emendas, mas parecem corretas.

— Holmes — murmurou Daniel com expressão distante. — Oliver Wendell Holmes. Sherlock Holmes. Curiosa coincidência... Você se lembra do estranho caso do cachorro morto?

— Não convém engraxar os eixos com óleo de vitriolo — disse o Deputado ~~Federal~~. /Federal
/ #0 — Não, porque se fizermos ~~isso~~ a roda do progresso não demorará a engripar. Não é possível manter durante muito tempo um nível uniforme, se para conseguir tudo foi incendiado. Além disso, se todas as cidades do mundo fossem reduzidas a cinzas em poucos anos a venda de potassa produziria uma nova classe de milionários. /
/ red. Por outro lado, de que ~~quer~~ vale enfrentar o homem que tem um relógio de prata contra o que tem um relógio de ouro, e o que não tem relógio algum contra ambos? /
/ ep — Não é possível contradizer a natureza humana — disse o Deputado ~~Federal~~. /a
/ Federal — É verdade. Eis-nos aqui viajando juntos através do deserto, como os filhos de Israel. Alguns recolhem mais maná e apanham mais codornas que outros, e deveriam ajudar mais seus vizinhos famintos; isto sem falar /
/ c

— Rodríguez fitou-o como se começasse a pensar que seu colega tinha enlouquecido.

— Esqueceu os clássicos? — insistiu Daniel. — O estranho caso do cachorro morto era que ele não tinha latido de noite. E o estranho caso dessas três ou quatro emendas é que elas estão bem feitas, estão bem escritas, com uma letra perfeita com a verdadeira letra de Raimundo Morel. Entendeu agora?

Rodríguez balançou a cabeça, desalentado.

— Olhe, Hernández, eu...

— Vou lhe explicar em termos mais simples. Ou melhor, vou deixar que você mesmo explique, respondendo às minhas perguntas. Você acredita na embriaguez intermitente?

Rodríguez encolheu os ombros.

— Perfeito. Acha que a bebida aguça a visão e estimula as faculdades mentais?

Rodríguez devia ter certa experiência a respeito, porque desta vez respondeu com uma categórica negativa.

— Obrigado — respondeu Daniel com expressão sibilina —, você já está em condições de impressionar o delegado Jiménez.

Rodríguez voltou para sua mesa e durante meia hora escutou com crescente espanto as intermitentes exclamações de Daniel Hernández à medida que folheava aquelas provas de prelo. Depois o viu pegar apressadamente o casaco e o chapéu e descer as escadas aos saltos.

Duas horas depois voltou trazendo um grande pacote de onde tirou um mapa ferroviário e alguns folhetos com horário de trens.

Chamou Rodríguez e, entregando-lhe uma folha ainda não emendada que tirou da pilha de provas, pediu-lhe que a revisasse minuciosamente. Rodríguez dedicou-se à tarefa, mais intrigado do que nunca, enquanto Daniel, relógio em punho, aguardava os resultados.

Quando Rodríguez lhe devolveu a longa folha revisada, Daniel murmurou:

— Seis minutos. Noventa e oito linhas. Morel revisou vinte e duas provas. Ótimo. Você acaba de resolver o caso.

Depois se entregou com renovado fervor à tarefa de consultar os horários de trens, o mapa e as provas de prelo, ao mesmo tempo que rabiscava complicadas anotações em folhas em branco.

Por fim pediu uma régua e papel vegetal, e com a ajuda desses implementos dedicou-se a decalcar certos detalhes do mapa ferroviário e a traçar um minucioso gráfico. Às seis e da tarde, fez um pacote com tudo, pôs o chapéu e saiu sem se despedir de ninguém.

O metrô o deixou na estação Once, onde só precisou caminhar alguns metros para pegar um trem da linha suburbana que o levou até Moreno. Lá desembarcou, atravessou a via e pegou o primeiro trem de volta.

No dia seguinte, não foi à editora. Por volta das sete da noite, alguém o viu atravessar rapidamente o grande *hall* central da estação Constitución e subir num trem parado numa das plataformas.

O primeiro a ter notícias dele foi o delegado Jiménez. À uma da manhã, foi acordado em sua casa pela estridente campainha do telefone e ouviu a voz excitada de Daniel.

— Delegado, o senhor pode reunir todos os envolvidos na morte de Raimundo Morel, amanhã bem cedo? Acho que fiz uma descoberta muito importante.

— Você também? — replicou o delegado de péssimo humor. — Parece que todo mundo resolveu investigar por conta própria. Se continuar assim, não vamos mais precisar da polícia.

— Como assim? Tem outra pessoa? — perguntou Daniel sobressaltado.

— Tem, sim — respondeu o delegado. — Poucas horas atrás, recebi um telefonema do Alvarado. Ele também diz que fez uma descoberta importante. Vindo dele, eu até entendo. São trezentos mil pesos que ele está tentando salvar. Mas você...

Daniel desligou apressadamente.

VII

A sala do delegado ficou pequena para toda aquela gente ali reunida. Alberta Morel, de luto fechado, parecia exausta e abatida. A seu lado, Anselmo Benavídez exagerava o papel de amigo da família, olhando para Alberta com gesto protetor e para Daniel e Alvarado com expressão feroz. O doutor Quintana, depois de ajustar cuidadosamente os óculos, cruzar os braços e jogara as costas para trás em sua cadeira, aguardando os acontecimentos. Agustín Morel parecia mais macilento do que nunca. Alvarado olhava para todos com uma expressão levemente brejeira em seu rosto escuro e desagradável.

O delegado foi o primeiro a falar. Era difícil para ele ocultar sua impaciência. Desagradava-o o caráter marcadamente teatral daquela reunião, e era evidente que só seus escrúpulos de funcionário correto o impediam de desprezar aquela remota possibilidade de descobrir algum fato ignorado. No fundo, achava que estava perdendo tempo, e de bom grado teria mandado Alvarado e Daniel às favas.

— Senhora — disse dirigindo se a Alberta —, agradeço por ter comparecido. Estes dois cavalheiros — acrescentou olhando para os improvisados investigadores afirmam ter feito importantes descobertas ligadas à morte do seu marido, e naturalmente a senhora é a primeira interessada em saber do que se trata. Por outro lado, eles mesmos solicitaram sua presença. Contudo, creio necessário advertir que não se trata de um interrogatório oficial, e que a senhora não tem obrigação de responder a nenhuma pergunta que lhe seja formulada, se não o desejar.

"Creio conveniente acrescentar que a polícia já formou sua conclusão. Entendemos que seu marido morreu em consequência de um acidente, que eu sou o primeiro a deplorar. Compreendo, porém — acrescentou lançando um olhar hostil ao agente de seguros —, que há certos interesses

em jogo, e creio que nada se perde tentando esclarecer, mais ainda, circunstâncias que a mim, pessoalmente, já me parecem suficientemente claras."

Depois desse breve exórdio, o delegado fez um aceno em direção a Alvarado, indicando que podia começar.

— Não sei se o que trago aqui é uma nova solução deste problema — disse com voz melíflua. — Confio plenamente na capacidade da polícia para reconstruir as circunstâncias da morte de Morel. Mas não me parece provado que essa morte se deva a um acidente. E anuncio o propósito da companhia que represento — acrescentou com súbita estridência

— de não efetivar o seguro de que a senhora Morel é beneficiária enquanto existirem sérias presunções de que as coisas se deram de outro modo.

As palavras iniciais de Alvarado causaram alvoroço.

Daniel, sem poder evitar um sorriso, pensou que aquele homem daria um excelente orador político. Benavídez segurou o braço de Alberta, como se temesse que ela fosse desmaiar. Alberta, de fato, ficou branca como um papel e abriu a boca para dizer algo, mas seu advogado se adiantou.

— Isso é um absurdo — disse. — O senhor sabe muito bem que a morte de Morel foi acidental. Qualquer magistrado se pronunciará a favor da minha cliente.

Alvarado o olhou com um sorriso exasperante.

— Eu no seu lugar, doutor, não teria tanta certeza. E se condescendi em elucidar a questão aqui, antes que chegasse às barras dos tribunais, foi justamente para poupar-lhe desagradáveis surpresas.

O advogado emudeceu. Alvarado falava com espantosa segurança. Consciente de ter imposto certas condições, voltou a moderar a voz.

— Sem dúvida — disse — , a hipótese policial parece muito sólida, o que não é nenhuma surpresa para quem, como eu, conhece o delegado de longa data. — Fez uma mesura um tanto zombeteira para Jiménez, que a ignorou.— Mas todas as coisas podem ser observadas de muitos ângulos, e à luz de certos fatos que aqui revelarei e que ainda não surgiram no decorrer das investigações, creio que o próprio delegado as verá de outro modo.

"Proponho que examinemos novamente todas as circunstâncias que cercam a morte de Morel, e depois vejamos se continuam a aceitar a interpretação que a polícia lhe oferece; se aceitam somente essa interpretação, ou se é possível formular outras.

"Não ponho em dúvida a validade dos testemunhos tomados no decorrer das investigações. Creio que estão devidamente corroborados. Aceitamos, portanto, que Raimundo Morel voltou para sua casa, na noite do suposto acidente, por volta das sete e meia, conforme declarou sua esposa. Pouco antes das nove, ela lhe pediu que a acompanhasse ao cinema, mas ele se negou, alegando que devia realizar certo trabalho. Seguiu-se então uma pequena discussão, sobre cuja importância não estamos em condições de tecer juízos, mas que convém não esquecer.

"Às nove, a senhora Morel saiu, deixando o marido em seu aposento de trabalho, encontrou-se com uma amiga e juntas foram a um cinematógrafo. Tudo isso está confirmado. Às onze e quinze um amigo de Morel telefonou para a casa deste, mas ninguém atendeu. Aproximadamente a essa mesma hora, alguns vizinhos ouviram ou pensaram ouvir um disparo. E também à mesma hora a senhora Morel, tomada de súbita dor de cabeça, resolveu voltar para sua casa, sem esperar o término do espetáculo. Pouco depois de chegar ao apartamento, entrou no escritório do marido, e o encontrou morto.

"Naturalmente, apresentam-se à nossa consideração as três alternativas habituais: assassinato, suicídio, acidente.

Procuraremos reduzir o campo de nossa análise. Procuremos eliminar alguma dessas alternativas. "Quem se beneficia com a morte de Morel? Sua viúva, que receberá trezentos mil pesos se a morte dele passar por acidente. Mas ela tem um excelente álibi. Devemos eliminá-la como possível suspeita.

"O irmão de Morel, além de também contar com um álibi, carece de motivo aparente para assassiná-lo, já que sua morte em nada o beneficia. Por outro lado, a porta do apartamento estava trancada à chave, e essa circunstância enfraquece a hipótese de um crime. Com efeito, um suposto assassino teria de possuir uma chave do apartamento.

"No escritório de Morel não há sinais de luta, não falta dinheiro, tudo está em ordem.

"Eliminada a hipótese de assassinato, restam as outras duas. Trata-se de um acidente ou de um suicídio? Reconheço as grandes dificuldades que se apresentam para encerrar a questão. O delegado fez uma lúcida análise de todas as circunstâncias que cercam a morte de Morel. Observou que a arma autora do disparo fatal carecia de dispositivo de segurança. Apurou claros indícios de que Morel teve a intenção de limpar essa pistola automática: retirou o carregador, destampou uma latinha de óleo, embebeu em benzina uma pequena vareta. Ele não poderia ignorar a causa que produz o maior número de acidentes na manipulação de pistolas automáticas: uma bala esquecida na câmara, justamente ao retirar o carregador com o propósito de limpá-la. E notou mais uma coisa: a pistola automática estava embaixo do braço de Morel. Em muitos casos de suicídio, a arma permanece na mão do suicida, devido ao espasmo cadavérico. Não se tratava de um dado decisivo, mas sim de uma suposição a mais em favor da teoria do acidente.

"Por último, observou que Morel tinha bebido, fato confirmado pela autópsia. E descobriu que a bebida tinha surtido efeito nele: a escritura de certas correções realizadas por Morel numas provas tipográficas eram extremamente vacilantes. Esse estado ligeiramente alcoolizado da vítima era muito favorável a um acidente.

"Por último, notou a ausência de certos elementos que quase invariavelmente acompanham os casos de suicídio.

Morel não tinha deixado nenhuma carta expressando seu propósito de tirar a própria vida. Um homem disposto a dar cabo de si não costuma comprometer as pessoas que o rodeiam, a menos que o anime o deliberado desejo de prejudicá-las, e neste caso não há motivos para supor que assim seja. E por sobre todas as coisas, em seus longos interrogatórios, o delegado não descobriu o menor motivo para que Morel se suicidasse.

"Isoladamente, nenhum desses indícios é definitivo para sentenciar que Morel não se suicidou, mas em conjunto devo reconhecer que deles se depreende uma presunção muito forte de morte acidental.

"Mas eu demonstrarei que todos esses fatos podem ser sob uma perspectiva completamente diferente.

"Eu demonstrarei que Morel não morreu de morte acidental.

Raimundo Morel se suicidou."

Do semicírculo de cadeiras defronte a Alvarado ergueram-se vozes indignadas. O doutor Quintana sacudia a cabeça, fazendo cintilar suas lentes, mas não se ouvia o que estava dizendo: a voz troante de Anselmo Benavidez abafava a dele. O próprio Agustín parecia ter saído de sua letargia e lançava escandalizadas exclamações de incredulidade. Só Alberta permanecia calada, com os olhos arregalados.

Raimundo Morel se suicidou— repetiu Alvarado, impávido. — E tinha um excelente motivo para fazer isso.

“Eu — retomou em voz mais baixa e um tanto teatral —, exerço um ofício ingrato, e nunca mais do que agora, porque agora devo demolir a minuciosa obra construída pela inteligência de um homem que admiro, um homem que teve a integridade de morrer sua própria morte, uma morte planejada integralmente por ele em seus mínimos detalhes e em suas mais remotas consequências.

"Mas antes de reconstruir o que aconteceu no escritório de Morel na noite do suposto acidente mortal, é preciso estabelecer um ou dois pontos de referência.

"Doutor Quintana— acrescentou dirigindo-se ao atônito advogado —, a pergunta que lhe farei tem uma importância decisiva. Advirto-lhe que conheço a resposta de antemão. Mas creio que não há ninguém mais indicado que o senhor para nos dizer exatamente o que restava, quando da morte de Raimundo Morel, da fortuna que ele herdou dos pais."

O advogado se levantou com pausada dignidade e envolveu Alvarado com um olhar de imponente desdém.

— Isso não é do seu interesse — respondeu com voz firme . — Não tenho obrigação de responder à sua pergunta, que me parece completamente alheia ao caso.

— Engano seu, em muito que ver com o caso — insistiu Alvarado, acentuando a careta sardônica de seu rosto. — É quase decisivo.

— Está bem, doutor — disse Alberta com brusca resolução. — Não vale a pena ocultar essa informação. Eu mesma respondo: não restava quase nada. Em poucos meses teria acabado o pouco que tínhamos. Raimundo começava a ganhar certo nome, mas não dinheiro. O dinheiro se foi em suas viagens de estudos e em seus livros.

— Obrigado, senhora— disse Alvarado com uma reverência que pretendia ser cortês, mas beirava o grotesco. — Acabamos assim de estabelecer um ponto muito importante: os recursos econômicos de Raimundo Morel tinham sofrido uma considerável diminuição no decorrer de suas viagens ao estrangeiro, e agora estavam praticamente esgotados.

"Nós já suspeitávamos disso por causa de um pequeno detalhe. Morel contratou sua apólice há cerca de sete anos. Durante todo esse tempo, sempre pagou suas mensalidades pontualmente. Mas a última sofreu certo atraso, não muito grande, mas que, por se tratar de um homem que possuía consideráveis recursos, chamou nossa atenção.

"Morel inicialmente havia contratado um seguro contra acidentes. Na realidade, ele sempre temeu que pudesse ser vítima de um acidente. Como muitos homens de seu tipo, era extremamente distraído, e sabia que uma distração qualquer, ao atravessar a rua, ao descer as escadas, podia custar-lhe a vida. Além disso, previra para um futuro não imediato o esgotamento de seus meios econômicos, e naturalmente pensou que deveria providenciar alguma proteção para sua esposa em caso de qualquer eventualidade.

"Ultimamente seus temores se acentuaram. Praticamente já ia chegando àquela situação que previra anos atrás. Ainda restava algum dinheiro, mas logo se acabaria.

"Então pensou em contratar um novo seguro, desta vez um seguro de vida. Chegado o momento, poderia trabalhar, mas entendia que enquanto isso devia proteger sua esposa contra o risco de uma doença repentina, por exemplo. Morel era um homem escrupuloso, ciente de suas responsabilidades

"Poucos meses atrás, procurou-nos para tramitar a nova apólice. Nossa companhia estava disposta a aprová-la nas melhores condições possíveis.

“Mas houve então uma descoberta imprevista, uma descoberta com que ele não contava e que o encheu de pavor. Ocorre que depois dos exames médicos de praxe, nossa companhia negou-se a

conceder a apólice. O médico não lhe disse do que se tratava, mas recomendou-lhe consultar um cardiologista.

"Morel sofria de uma doença incurável, que punha sua vida em permanente risco, e a qualquer momento podia ter um desenlace fatal.

"Certamente consultou um cardiologista, e recebeu o diagnóstico que confirmou seus piores temores.

"Tentemos imaginar sua situação. Seus dias estavam contados. Se sofresse uma morte repentina por causa da doença, sua mulher ficaria desamparada. Mas, pelo contrário, se morresse num acidente...

"Percebem a diferença? Para ele, o fim era igualmente certo, mas de um modo sua esposa ficaria praticamente na miséria, e do outro receberia trezentos mil pesos.

"Não disse nada a Alberta. Por um lado, pensou que era inútil alarmá-la. Por outro, era necessário que, chegado o momento, ela também acreditasse que tinha morrido acidentalmente, que agisse com naturalidade para que ninguém suspeitasse de nada.

"Não disse nada a ninguém. Durante dias e dias levou em seu interior esse peso intolerável da morte certa e iminente. Não alterou nenhum de seus hábitos, não deu sinais de preocupação ou de inquietação. E começou a planejar o 'acidente' que poria fim à sua vida.

"O problema não era fácil. Primeiro deve ter pensado em atirar-se sob um trem ou afogar-se num rio. Mas nesse caso deveria contar com eventuais testemunhas, cujas reações não podia prever nem impedir. Talvez alguém notasse em seus últimos movimentos o propósito deliberado do suicídio, talvez ele mesmo não pudesse ocultá-lo.

"Não, era mais fácil levar a cabo seu plano a sós, sem testemunhas, com a única ajuda de certos indícios materiais que ele combinaria sabiamente para conseguir a aparência de um acidente.

"Durante muitos dias imaginou todas as circunstâncias que podem cercar um acidente. Elaborou uma verdadeira técnica do acidente. Colocou-se imaginariamente no lugar da polícia. Devia eliminar do local do fato qualquer indício que levasse a pensar em assassinato ou suicídio.

"Morel tinha uma arma que ele nunca havia utilizado, guardada no fundo de uma gaveta. Era uma pistola automática que se prestava admiravelmente a seus planos. Em primeiro lugar, era dele: sua presença no local do fato não causaria estranheza. E em segundo lugar, carecia de dispositivos de segurança.

"Era essa a arma que devia utilizar.

"Agora faltava criar as condições que tornassem plausível a manipulação dessa arma. Recorreu aos utensílios de limpeza incluídos no próprio estojo. Ao retirar o carregador, deixou uma bala na câmara. Destampou a latinha de óleo e embebeu a vareta em benzina. Todo mundo pensaria que tivera o propósito de limpar a pistola.

"Antes, já tratara de plantar outros indícios. Mantivera uma breve discussão com a esposa, o que lhe daria um pretexto para beber. Podemos imaginar com que íntima dor ele há de ter trocado aquelas ásperas palavras finais com a mulher a quem só queria ajudar.

"Trancou a porta do apartamento à chave, para reduzir as chances de a polícia acreditar na hipótese de um crime. Com o mesmo propósito, extremou a ordem que reinava no aposento. Não deviam ficar sinais de luta nem o menor indício de uma presença estranha.

"Na casa havia uma garrafa de uísque, reservada para eventuais visitantes, já que Morel raramente bebia. Mas nessa noite ele a abriu e entornou dois ou três copos, deixando a garrafa à vista.

"Naquelas duas horas que precederam sua morte, Morel violou os hábitos de toda uma vida. Tinha aversão pelas armas de fogo, e nessa noite se dedicou a limpar uma pistola automática.

Tinha aversão à bebida, e nessa noite bebeu. Amava sua esposa, e nessa noite brigou asperamente com ela.

"As provas de prelo que acabava de receber do editor lhe deram a oportunidade de acrescentar a seu plano um toque de gênio. Esperou que a bebida surtisse efeito. Podemos imaginá-lo estendendo sua mão sob a luz do abajur e observando seu próprio tremor. Mas por trás da embriaguez de seu corpo animava-o uma terrível lucidez. Nenhum dos detalhes de sua encenação devia parecer forjado. Tudo deveria ser autêntico.

"Então, já em luta contra o álcool que pelejava por embotar-lhe o cérebro, deu início a essa tarefa atroz de revisar as provas, uma tarefa longa, minuciosa e desesperada. Com sombria satisfação, observou sua mão tremendo, sua letra tornando-se vacilante, irreconhecível. Raimundo Morel, o homem de letras, o ensaísta brilhante, escrevia como um rústico, como um ébrio.

"E enfim chegou o instante decisivo. Todos os indícios estavam preparados. Pôs de parte as provas de prelo, e apanhou a pistola automática.

"Até o último instante, ele conservou uma astúcia instintiva. Sabia que, se empunhasse a arma na forma habitual e se desse um tiro na testa, dificilmente conseguiria impedir que seus dedos se crispssem em torno da culatra da pistola, aferrando-a depois da morte, fornecendo assim uma prova irrefutável de que se suicidara. Por isso tomou-a com a maior delicadeza, segurando-a apenas com a ponta dos dedos, na mesma posição que imaginou o delegado, a posição favorável a um acidente. Uma leve pressão do dedo, e produziu-se o disparo. A pistola se despreendeu de sua mão e ficou aprisionada embaixo do braço.

"Veja só, delegado, qual é técnica do acidente. Veja como os mesmos fatos que o senhor citou para embasar sua teoria do acidente podem ser citados para sustentar que Morel se suicidou.

"O senhor descartou o suicídio porque ele não deixou uma carta anunciando sua decisão de tirar voluntariamente a própria vida. Agora já sabe por que não a deixou: era essencial que ninguém soubesse que se tratava de um suicídio, era essencial que seu sacrifício permanecesse ignorado. O senhor achava que Morel não tinha motivo para se suicidar. Pois acabo de provar que ele tinha, sim, e um muito forte: o desejo de proteger a mulher à qual ligara sua vida e com quem contraíra uma grave responsabilidade.

"Foi por isso que, ao começar, eu disse que todas as coisas podiam ser vistas de outro ângulo. E por isso lamento ver-me na obrigação de repetir que a companhia que represento não se vê obrigada a pagar o seguro contra acidentes contratado por Raimundo Morel em favor de sua esposa."

Alvarado fez uma pausa de efeito dramático, antes de continuar:

— Contudo, a empresa seguradora reconhece a coragem implícita no gesto de seu ex-cliente, e posso desde já anunciar que está disposta a fazer certas concessões, às quais não se sente obrigada por lei, mas pelas relações normais entre os seres humanos.

No tumulto que se seguiu a essa estranha declaração — cujo fecho, aos ouvidos do delegado, soou mais precavido que generoso —, Daniel foi o único que não se manifestou. Permaneceu imóvel, observando os outros com olhos entrecerrados. O doutor Quintana, convencido a contragosto pelo vigor argumentativo de Alvarado, não sabia que partido tomar. Adivinhava-se em sua atitude o desejo de indagar em que consistiam aquelas "concessões". Alberta permanecia pálida e com fundas olheiras, como morta. Anselmo Benavidez tinha abandonado sua postura beligerante, e parecia até disposto, em seu papel de amigo da família, a conversar com Alvarado. Só Agustín mantinha uma exasperada intransigência, proclamando que a hipótese de Alvarado era um puro jogo de palavras, que não tinha nenhum fundamento sério. Quanto ao delegado,

embora contemplasse com tristeza os pulverizados fragmentos de sua teoria, estava mais alerta e vigilante do que nunca.

Alvarado passava um lenço de cores berrantes pela testa suarenta, em seu rosto se refletia a satisfação do advogado que acaba de pronunciar um brilhante arrazoado. Talvez já saboreasse de antemão a recompensa que sua participação no caso lhe valeria.

Dirigindo-se a Daniel Hernández com um sorriso um tanto irônico, disse:

— Espero que sua versão do caso seja idêntica à minha.

Daniel demorou a responder. Parecia compenetrado em seus pensamentos, esquecido da presença dos outros, com o olhar voltado para dentro.

— Não — disse por fim. — Mas eu também acho que as coisas podem ser vistas de muitos ângulos. Fique tranquilo — acrescentou com um breve sorriso, ao ver a expressão de sobressalto de Alvarado —, que sua companhia não terá de pagar o seguro.

VIII

— Minha versão dos fatos — disse Daniel depois que todos voltaram a seus lugares, sob o olhar cada vez mais intrigado e vigilante do delegado — afasta-se fundamentalmente das duas já apresentadas.

"O senhor — prosseguiu dirigindo-se a Alvarado — deplorou agora há pouco sua missão de desmontar a minuciosa trama urdida por um homem inteligente e abnegado. A minha é ainda mais ingrata. Porque devo destruir a imagem de um herói e trazer à luz um assassino."

Daniel esperava um tumulto semelhante ao que as revelações de Alvarado desencadearam. Mas estava enganado. Todos permaneceram imóveis, em completo silêncio. Na sala do delegado tornou-se bruscamente audível o zumbido do ventilador, que basculava molemente, como se cumprimentasse à direita e à esquerda, com pesada ironia.

— O senhor entende que, antes de provocar a própria morte, Raimundo Morel criou uma férrea cadeia de indícios que conduziria a reconstrução de seus atos físicos (não do recôndito processo interior que animava esses atos). E de fato Morel nos deixou indícios que nos permitem seguir passo a passo seus movimentos na noite do crime. Mas não são os indícios a que o senhor se refere, e ele os deixou involuntariamente.

"Faz dois ou três dias, delegado, o senhor iluminou minha ignorância com uma lúcida exposição de conhecimentos técnicos aplicados ao caso que nos ocupa. Demonstrou que projétil causador da morte de Morel tinha sido disparado pela arma encontrada no estúdio, demonstrou a facilidade com que pode ocorrer um acidente durante a limpeza de uma arma desprovida de trava. Em suma, o senhor mostrou ser um profundo conhecedor do seu ofício — ainda me lembro daquele intervalo entre os extremos de uma espira dentro de uma geratriz. Talvez não lhe seja grata a exposição que agora farei de certos detalhes referentes ao meu ofício.

“Antes de avançar, porém, adotarei o prudente método seguido por Alvarado, estabelecendo alguns pontos de referência.

"A senhora — perguntou dirigindo-se a Alberta — tem algo a acrescentar aos depoimentos já prestados sobre a morte do seu marido?"

Alberta olhou para ele com expressão desfalecente.

Não — disse com um fio de voz. — Não tenho nada.

Insiste em afirmar que seu marido estava em casa entre sete e meia, hora em que chegou da rua, e nove da noite, hora em que a senhora saiu?

— Sim. Tudo que eu disse é verdade. Eu ... — interrompeu-se, sepultando o rosto nas mãos. Benavídez palmeou o braço da mulher, tentando encorajá-la, e o delegado olhou para Daniel com ar de recriminação.

— Muito bem — disse Daniel tranquilamente. — Isso nos permite seguir adiante.

"Minha tarefa consistirá em derrubar um dos pilares em que se apoiam as teorias do delegado e de Alvarado; em demolir um dos mais importantes testemunhos apresentados sobre o caso; e, por fim, em embasar uma presunção muito forte a favor da hipótese de assassinato e da culpabilidade de um dos envolvidos.

"Para os fins da minha demonstração, pouco importa a identidade do assassino. O que é fundamental aqui, e que constituirá o tema da maior parte de minha exposição, é o procedimento que segui para chegar às conclusões que colocarão o problema num plano rotineiro, no qual os métodos policiais serão muito mais eficazes que os meus, e no qual a solução estará ao alcance da mão.

"Quero insistir sobre esse aspecto do problema, porque a reconstrução que vou oferecer é longa e nada simples.

"Minha demonstração é múltipla. Parte, naturalmente, de um raciocínio por inferência provável, e vai-se apoiando em não menos de catorze demonstrações parciais, sem contar algumas deduções marginais⁴.

"O senhor, delegado, teve em suas mãos a prova de que Morel foi assassinado. Não só a teve em suas mãos, como também a submeteu à análise dos seus peritos. Porque estas provas de prelo são a demonstração mais acabada de que Morel não tirou a própria vida nem foi vítima de um acidente.

"Graças a estas provas de prelo podemos reconstruir *minuto a minuto* os movimentos de Morel da hora em que se separou de mim até o momento em que sua esposa o encontrou morto em seu estúdio.

"Desde o primeiro instante, o senhor notou que havia alguma coisa de anormal na escritura dessas emendas. A grafia irregular, disforme, vacilante. O próprio irmão de Raimundo custou a reconhecê-la. E eu admito que não a reconheci da primeira vez que a vi. Aquela letra era a de Morel, sem dúvida, mas deformada por algum agente conjetural: a pressa, o nervosismo, algum excitante, alguma droga, o álcool. Tudo isto se encaixava perfeitamente na hipótese que o senhor formulou mentalmente ao notar os indícios de que Morel tinha bebido. E quando o perito confirmou suas impressões, não teve mais nenhuma dúvida de que aquela letra era de um homem que tinha bebido numa quantidade para inusual.

"A ideia era razoável, mas cabia submetê-la a exigências mais rigorosas. Quando o senhor pediu a perícia grafoscópica, separou a primeira folha das provas e a enviou junto com uma página manuscrita de Morel. Achava que nas correções daquela primeira folha havia elementos de comparação suficientes para embasar um laudo. E de fato havia. Por isso o senhor ignorou as restantes e limitou-se a verificar se a escritura defeituosa de Morel persistia até a última folha que ele revisou.

"Mas se tivesse examinado a fundo todas essas folhas, teria descoberto alguns detalhes muito significativos. E mesmo sem chegar a tanto, se, ao separar a folha que enviou ao perito, a

⁴ Resolvido o problema, o delegado confessou que o anúncio de Daniel lhe parecera um tanto exagerado. A mesma coisa poderá acontecer com o leitor, e a bem da exatidão iremos numerando junto ao texto cada um dos catorze elos que constituem a hipótese de Daniel Hernández, cada uma das catorze conclusões que vão se depreendendo inexoravelmente da inferência inicial, e que segundo suas próprias palavras colocam o problema num plano rotineiro, no qual a solução é acessível a todo mundo. (N. da E.)

primeira do lote, tivesse posto os olhos na que ficava descoberta, a segunda, teria vislumbrado a solução do problema num relâmpago.

"Foi exatamente isso que aconteceu comigo. Quando levei para meu escritório as provas que o senhor acabava de me devolver e comecei a revisá-las, não tinha nenhuma prevenção. Ou pelo menos minhas prevenções não apontavam para nenhuma direção determinada.

"Mas ao virar a primeira folha e examinar o começo da segunda, descobri algo muito singular. Descobri que duas emendas estavam anotadas com escrita perfeitamente regular, caligráfica, com a letra autêntica de Raimundo Morel, que eu conhecia muito bem. E as emendas posteriores voltavam a cair na deformidade e no desalinho.

"E mais: uma mesma palavra, a palavra "Federal" tinha sido corrigida duas vezes. A escrita da primeira correção era normal; mas a da segunda, não⁵.

"Isso beirava o inverossímil. Em ambos os casos, a letra era a de Morel. Mas num deles, segundo sua teoria, era um Morel um tanto alcoolizado quem escrevia. E logo depois, conforme o testemunho dos meus olhos, era um Morel perfeitamente sóbrio, que um segundo mais tarde voltava cair em seu embotamento. Por isso perguntei se alguém acreditava em embriaguez intermitente.

"Mas não era só isso. O senhor tinha realizado o que poderíamos chamar de crítica externa dessa revisão. Eu a completei com uma crítica interna. A escrita das emendas era muito desordenada, mas as correções em si eram de uma notável precisão. Examinei detidamente as provas revisadas por Morel, e não detectei um único erro que tivesse escapado à sua releitura. Poderia até censurá-lo por excesso de zelo e minúcia. Assim, por exemplo, nesta folha que acabo de lhes mostrar, ele assinalou uma vírgula defeituosa e uma letra em itálico que devia estar em redondo ...⁶

"Como aceitar que um homem alcoolizado, que treme o pulso por efeito da bebida, conserve tamanha acuidade visual e lucidez mental?

"Eu cheguei à conclusão de que Morel não tinha bebido antes de revisar essas provas, ou pelo menos não numa quantidade suficiente para perder o pleno domínio de seus movimentos e suas ideias. [1]

"Contudo persistia o fato inegável de que sua escrita estava deformada. Com um complicador: estava deformada em alguns pontos e em outros não. Isso indicava que o agente interno ou *externo* causador dessa desfiguração não tinha agido ininterruptamente. Era difícil, portanto, atribuí-la à bebida, a uma droga, ao nervosismo ou à pressa, influências cuja duração pode ser maior ou menor, mas que dificilmente podemos conceber como intermitentes.

"Como se explica isso?

"O senhor inferiu um agente interno. Eu imaginei um agente *externo*. O senhor acreditou que a causa dessa deformação procedia do próprio Morel. Eu pensei que provinha de fora.

"Formulei então uma hipótese de trabalho que não podia demonstrar de imediato, mas que me serviria como ponto de partida e mais tarde poderia aceitar, se outros fatos a corroborassem.

"Imaginei, simplesmente, que Morel tinha feito uma viagem de trem, e que tinha revisado as provas durante essa viagem. [2]

"Isso explicava perfeitamente as irregularidades observadas na caligrafia das emendas: o sacolejo do trem transmite um leve tremor à mão, que se reflete na letra de quem escreve. Mas explicava uma coisa muito mais importante, e que não podia ter outra explicação: o fato de que, a

⁵ Ver acima, p. 40.

⁶ Ibid.

determinados intervalos, Morel tivesse escrito com sua letra normal. Isso ocorria simplesmente quando o trem parava numa estação, e cessava o efeito perturbador do movimento dos vagões.

"Era evidente que Morel tinha realizado essas correções entre o momento em que lhe entreguei as provas de prelo e o momento em que sua esposa entrou no estúdio e o encontrou morto, quer dizer, entre sete e onze e meia da noite.

"Pela mesma razão, era evidente que ele tinha realizado a viagem no decorrer dessas quatro horas e meia, entre sete e onze e meia. [3]"

"Fixamos assim um *terminus a quo* e um *terminus ad quem*.

"Igualmente óbvio era que a viagem realizada teria sido necessariamente de ida e volta, já que eu lhe entreguei as provas de prelo aqui, na cidade, e também aqui foi encontrado seu cadáver.

"Mas isso, por si só, não me servia de muita coisa. Servia apenas para descartar a hipótese de que Morel estivesse alcoolizado antes de morrer, usada tanto pelo delegado, para demonstrar a hipótese de morte acidental, como por Alvarado, para demonstrar a hipótese de suicídio...

"Mas permanecia a questão: era possível determinar com mais precisão quando Morel havia realizado essa viagem, a que horas se iniciara seu trajeto de ida, a que horas o de volta, e a duração de ambos? Era possível, em suma, reduzir a limites mais convenientes esse intervalo de quatro horas e meia?"

"Sim, era possível. E nem mesmo as previsões mais otimistas permitiriam imaginar até que ponto era possível. Porque nestas folhas revisadas, sem ter buscado esse efeito, nem sequer suspeitá-lo, Morel nos deixou uma minuciosa tabela cronológica de todos seus atos.

"A primeira aproximação ao problema, a primeira redução de desse intervalo de quatro horas e meia, é muito simples. Eu me separei de Morel na avenida de Mayo, num ponto situado a poucos quarteirões de sua casa e equidistante das principais estações de trem.

"Calculando em meia hora, aproximadamente, o tempo mínimo necessário para chegar a qualquer uma dessas estações, comprar a passagem e pegar o trem de ida, e o mesmo tempo para ir da estação até seu domicílio, na volta, podemos estabelecer que a *viagem foi realizada entre sete e meia e onze horas da noite. [4]"*

"O intervalo que resta agora é de três horas e meia. Vejamos se podemos reduzi-lo mais um pouco.

"Para isso é essencial determinar a *duração* da viagem de trem.

"E mais uma vez, as provas de prelo nos dão a chave.

"Morel revisou um total de vinte e duas provas. Temos o direito de supor que a viagem de ida durou o mesmo tempo que a de volta, já que a distância evidentemente era igual, e o meio de transporte empregado o mesmo. Por idêntico motivo, temos o direito de supor que o número de provas revisadas na ida foi igual ao número de provas revisadas na volta, isto é, metade do total.

"Digamos, portanto, que Morel revisou onze provas na ida e onze na volta."

— Um momento — disse o delegado —, isso não me parece de todo certo. Tanto na ida como na volta, ele pode ter interrompido seu trabalho por qualquer motivo, e então igualdade deixaria de existir. Além disso, você apenas provou que Morel fez uma viagem em trem, mas não que ele tenha usado o trem tanto na ida como na volta. Pode muito bem ter sido só na ida, e na volta ter viajado de automóvel, por exemplo, ou vice-versa. Nesse caso, todos os seus cálculos caem por terra.

Daniel sorriu.

— Muito bem, delegado — disse. — Vejo que sua perspicácia continua bem afiada. Contudo, acho que posso rebater suas objeções.

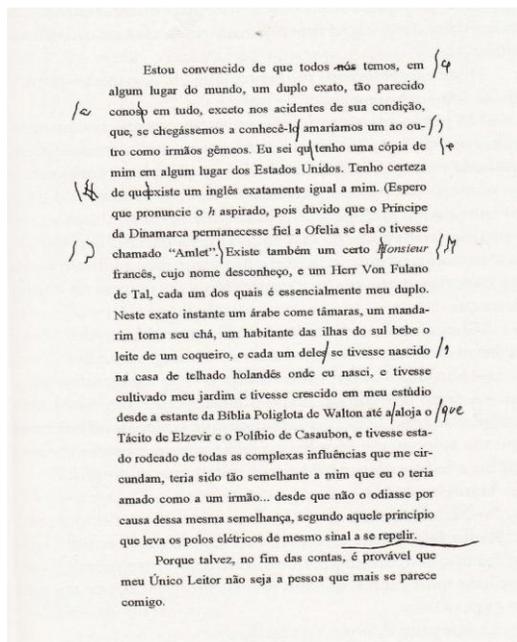
"Quase no início desta exposição, eu disse que partiria de uma simples hipótese de trabalho, e que só a aceitaria se novos fatos a confirmassem. E no aspecto que o senhor levanta, há um elemento que a confirma. Esse elemento, como todos os demais, é dedutível das mesmas provas de prelo." Folheou rapidamente o lote de provas que tinha levado à reunião, separou uma folha e a entregou ao delegado.

— As provas estão numeradas. Essa traz o número onze. Eu pensei que, se minha hipótese estivesse certa, quer dizer, se Morel tivesse viajado de trem tanto na ida como na volta, deveria haver alguma marca indicando essa separação, apontando o fim da viagem de ida e o começo da viagem de volta. As provas estavam sendo tão pródigas em indícios, que não era arriscado esperar mais um.

"Onde buscar esse indício? Acabo de supor que Morel corrigiu onze folhas na ida e onze na volta. Se minha suposição estiver correta, e se de fato há algum detalhe que a confirme, esse detalhe deve estar no final da folha onze ou no começo da doze.

"E de fato, quase no final da folha onze, à margem, o senhor pode observar um traço horizontal, bem longo e sinuoso, separando dois parágrafos.

"O que esse traço indica? Indica que Morel interrompeu seu trabalho nesse ponto, deixando um sinal para poder retomá-lo mais tarde sem demora. Morel fez esse traço para assinalar o último parágrafo revisado e mais tarde não perder tempo localizando o seguinte, do mesmo modo que alguém dobra a página de um livro ou põe um marcador qualquer para saber onde interrompeu a leitura.



"Essa interrupção significava simplesmente que Morel tinha chegado à estação de destino, completando a viagem de ida, depois de revisar onze provas. E as onze provas seguintes, nas quais voltamos a observar a deformação característica de sua escritura, foram revisadas no trajeto de volta.

"Fica estabelecido, portanto, que ele revisou *onze provas na ida e onze na volta.* [5]

"O passo seguinte foi determinar quanto tempo normalmente se leva para revisar uma prova com características similares a essas corrigidas por Morel, quer dizer, com o mesmo número de linhas — noventa e oito, em média —, o mesmo tipo de letra, a mesma caixa. Para isso eu contava

com as provas do mesmo lote que Morel ainda não tinha revisado. Eu mesmo fiz o teste, e para maior segurança pedi a um colega experiente que revisasse uma daquelas provas na minha presença.

"Chegamos a resultados semelhantes. Ele, assim como eu, levou *seis minutos para ler uma dessas provas*."

"— Um momento— interrompeu o delegado mais uma vez. — Acho que agora sim o apanhei em falta. Você está partindo de uma falácia. Pressupõe que todo mundo lê com a mesma velocidade. Só que isso não é exato. Existem leitores rápidos e leitores lentos. Minha mulher, por exemplo ... Daniel voltou a sorrir.

— Não — disse—, é o senhor que está partindo de um raciocínio falso, pois está pensando na leitura comum, que não é como a leitura de provas. Muito provavelmente, o senhor leria mais rápido que um revisor tarimbado, porque não tem experiência.

O delegado deu uma gargalhada.

— Essa é boa— disse.— Eu leria mais rápido porque não tenho experiência? Então, para que serve a experiência?

— Para ler devagar — respondeu Daniel.— A finalidade da leitura de provas é detectar as grialhas, as falhas de construção, as deficiências da tradução. Isso obriga a uma leitura lenta, silabada. Na leitura comum, a pessoa não lê as palavras inteiras, sílaba por sílaba, letra por letra. Numa revisão, sim. É por isso que eu digo que o senhor leria com mais rapidez, mas com menos eficácia, passando por cima de um grande número de erros:

"Essa necessária lentidão estabelece um fator de regularidade inexistente na leitura comum. Nesta, como o senhor bem disse, há leitores rápidos e leitores lentos. Mas os revisores experientes são sempre lentos e cuidadosos. Não digo que não existam diferenças individuais, mas são menos acentuadas, e no caso que nos ocupa não chegam a comprometer os resultados. Por isso o cálculo aproximado que eu fiz pode aplicado a Morel, que também era um revisor meticoloso, como atesta o fato de, nas vinte e duas provas que ele corrigiu, não ter escapado nenhum erro.

"Temos, portanto, que revisar uma prova com essas características demora, em média, seis minutos. Naturalmente, o tempo pode variar de uma folha para outra, conforme a quantidade de emendas que o revisor realizar, mas, considerando um número suficientemente alto de provas, tem-se uma média estável, que é essa que acabo de apontar.

"Morel revisou onze provas na ida e onze na volta. Uma simples operação de multiplicação nos dá o tempo das duas viagens. *Ele levou aproximadamente 66 minutos para completar o percurso de ida, e o mesmo para o regresso.* [6]

"Uma hora e seis minutos. Digamos, para simplificar, que tanto a ida quanto a volta levaram uma hora, quer dizer, um total de duas horas.

"Vejam agora se esses dados servem para determinarmos com mais precisão a hora em que Morel viajou.

"Agora há pouco demonstramos que a viagem ida-volta foi realizada entre sete e meia e onze horas da noite. Quer dizer que *Morel estava de regresso em alguma estação ferroviária da cidade não depois das onze* (já que meia hora mais tarde apareceu morto em sua casa, e essa meia hora foi gasta no deslocamento até o domicílio, em subir ao apartamento etc.).

"Mas também acabei de demonstrar que a viagem de volta levou no mínimo uma hora; portanto, *a viagem de volta não pode ter começado depois das dez.* [7]

"Por outro lado, a ida tinha levado uma hora; e se viagem de volta começou necessariamente antes das dez, *a de ida não poderia ter começado depois das nove.* [8]

"Do mesmo modo, fica demonstrado que a *volta não poderia ter começado antes das oito e meia*. [9]

"Para maior simplicidade, vamos nos restringir à ida. Ao todo, a viagem ida-volta levou duas horas. Morel voltou no máximo às onze. Por conseguinte, não pode ter iniciado a viagem de ida depois das nove, e isso supondo que, ao chegar ao seu destino, ele tenha apanhado o primeiro trem de volta, que esse trem estivesse partindo naquele exato instante etc.

"Resumindo: *a viagem de ida teve início entre sete e meia e nove horas da noite*."

"Ainda poderemos encurtar esse intervalo mais um pouco se em vez de arredondar os números, levarmos em conta aqueles seis minutos que desprezamos. Mas não será necessário.

"O que temos já basta para chegarmos a uma conclusão absolutamente definitiva. Porque o senhor, delegado, sem dúvida já deve ter percebido que acabo de derrubar um dos testemunhos mais importantes do seu inquérito, e que ninguém até agora pôs em dúvida."

O delegado olhou para ele perplexo.

— Não estou entendendo — disse. — Não vejo que relação...

Daniel suspirou com resignação.

— É natural — disse. — Ofuscados pelos detalhes, esquecemos o conjunto. Mas, no início da minha fala, até pedi a ratificação desse testemunho.

"Eu perguntei à senhora Morel se de fato seu marido tinha estado com ela, em seu apartamento, entre sete e meia e nove horas da noite." [10]

Uma aurora de entendimento surgiu lentamente nos olhos do delegado, crescendo até adquirir a nitidez da certeza. Adivinhava-se que um segundo depois seu olhar procuraria o assassino, com a certeza de encontrá-lo. Mas antes que pudesse fazê-lo, alguém saltou como um tigre de uma das cadeiras em semicírculo e avançou contra Daniel, agarrando-lhe o pescoço com dedos de ferro.

O delegado saltou por sua vez, os dedos de sua mão esquerda afundaram num rosto, obrigando-o a virar, seu punho direito golpeou o queixo daquele rosto, com um estalo seco como de madeira quebrada. E só depois de acertar o murro viu quem era o sujeito.

Sentado no chão, Anselmo Benavídez alisava o queixo com uma das mãos.

IX

Duas cadeiras estavam vazias. Um guarda tinha levado Benavídez. A senhora Morel, numa repentina crise de histeria, tinha exigido os cuidados de um médico.

Daniel passava suavemente a mão pelo pescoço, onde ainda perduravam umas leves manchas avermelhadas. Alguém lhe trouxe um copo de água, que ele bebeu trêmulo.

— A propriedade triangular... — murmurou, e os presentes pensaram que o choque sofrido tivesse afetado seu juízo. — Não, não! — defendeu-se quase aos gritos ao ver que se aproximavam com a evidente intenção de também encaminhá-lo ao médico. — Eu estava pensando em Euclides. Vocês sabem, a soma de dois lados de um triângulo é maior que o terceiro. Morel era o terceiro. Eles o mataram. Eu ...

Mas o delegado não o deixou prosseguir antes de receber uma massagem, que foi terrivelmente dolorosa, enquanto discutiam se era melhor dar-lhe mais água ou uma taça de brandy, e acabaram optando por ambas as coisas. Quando Daniel retomou a palavra, tinha a aparência de um defunto, mas era pelo tratamento recebido.

— Vocês já sabem quem é o assassino — murmurou.

— Mas isso não tem importância. A única coisa importante são essas provas de prelo.

— Você já sabia que era ele? — perguntou o delegado, impaciente por conhecer os detalhes.

— Sabia, sim — respondeu Daniel —, quase desde o começo, mas era difícil provar sua culpa de forma absoluta. Podia provar que Alberta Morel mentiu. Disse que seu marido tinha estado com ela entre sete e meia e nove horas da noite, que são justamente os limites do intervalo em que Raimundo iniciou sua viagem de trem. Mentiu para acobertar alguém. Esse alguém não era seu cunhado, que tinha um álibi. Portanto, devia ser Benavídez. Também poderia provar que a viagem de Morel era muito significativa. Mas não sei se isso teria bastado. Felizmente, Benavídez é um homem impulsivo. Poupano muito trabalho a vocês.

— Graças ao seu — disse o delegado com certo esforço. — Mas agora que o caso está encerrado...

— Como assim? — exclamou Daniel com os olhos arregalados. — Nada disso, mal começamos. Essas prova de prelo ainda têm muito a dizer.

— Mais ainda?— perguntou o delegado com um sorriso.

— Mais sim. Muito mais. Ainda temos que descobrir para onde Morel viajou naquela noite, a que horas tomou o trem de ida, a que horas tomou o trem de volta, em que estações parou, o que ele fez nesse intervalo... Estas provas falam — acrescentou acariciando-as distraidamente—, e o juiz vai querer saber de todos os detalhes.

“Para tirar novas conclusões, tenho que voltar aos fatos iniciais. Como o senhor deve se lembrar, observei que a escrita de Morel parecia deformada em muitos pontos, mas não em todos. As emendas que apresentavam sua letra normal indicavam a parada do trem numa estação intermediária. E as onze provas que ele corrigiu na viagem de ida, sua letra normal aparecia em seis pontos. Isso quer dizer que o *trem parou em seis estações intermediárias*. [11]

— Mas e se numa dessas paradas Morel não tivesse feito nenhuma emenda? — perguntou o delegado.— Nesse caso, o número de estações intermediárias poderia ser maior.

— É possível, disse Daniel —, mas não é provável. Em primeiro lugar, as correções são numerosas. Não são simples emendas tipográficas, mas também alterações do texto. Morel estava revisando sua própria tradução. Mas há outro dado mais importante. O movimento dos vagões provoca a dificuldade de escrever que já comentamos. Se a pessoa detecta um erro justo quando o trem está reduzindo a velocidade para parar numa estação, naturalmente espera que pare por completo, para poder notar a emenda com mais firmeza. Por isso entendo que cada uma dessas passagens em que a escrita de Morel é normal corresponde a uma estação intermediária, e que não houve mais paradas intermediárias além dessas, ou seja, seis no total. E nas onze folhas revisadas na viagem de volta, são também seis os pontos em que aparece a letra normal de Morel. “Examinando essas folhas em que a escrita normal de Morel volta a aparecer, observei que os intervalos entre elas não eram regulares. Isso é lógico, porque os intervalos entre as paradas de uma linha de trem também não são regulares.

"Ambos os intervalos são traduzíveis em tempo, em minutos. Lembremos que o tempo médio para revisar cada uma dessas folhas é de seis minutos. A escrita não desfigurada de Morel aparece pela primeira vez no início da segunda prova, isto é, logo ao terminar a revisão da primeira, ou seja, seis minutos depois de começada a revisão, portanto, seis minutos após o início da viagem ... *A primeira estação intermediária, portanto, fica a seis minutos da estação de origem.*"

"Aplicando o mesmo procedimento, podemos determinar a quantos minutos de trem fica cada uma das estações intermediárias em relação à de partida. Eu fiz uma tabela representando as paradas intermediárias (indicadas pelos pontos em que aparece a escrita normal de Morel) cruzadas com o número parcial de folhas revisadas e com os tempos parciais e totais gastos na

revisão, atribuindo o valor 0 à estação de origem e considerando que o traço horizontal da folha 11 representava o ponto de chegada:

<i>Estações intermediárias</i>	<i>Pontos em que aparece a escritura normal</i>		<i>Folhas revisadas entre as estações</i>	<i>Tempos correspondentes</i>	
				<i>parciais</i>	<i>totais</i>
(Partida)	—		—	0	0
1ª	início	2ª folha	1	6	6
2ª	1/3	4ª "	2 1/3	14	20
3ª	fim	4ª "	2/3	4	24
4ª	1/6	6ª "	1 1/6	7	31
5ª	fim	6ª "	5/6	5	36
6ª	5/6	10ª "	3 5/6	23	59
(Traço: chegada)	fim	11ª "	1 1/6	7	66
			11		

“Esses números foram minimamente arredondados conforme as conclusões posteriores, extraídas deles mesmos. Morel obviamente não buscava uma regularidade cronométrica em seu trabalho. Mas, no essencial, eles são exatos, e nos permitem obter dados fundamentais para explicar tudo o que ocorreu depois. Permitem-nos determinar exatamente a que horas Morel iniciou sua viagem, de onde ele partiu e aonde chegou.

“Para isso contamos com os seguintes elementos. Sabemos que a viagem de Morel durou cerca de 66 minutos [p. 65]. Sabemos que teve início entre sete e meia e nove horas da noite [p. 65]. Sabemos que o trem parou em seis estações intermediárias [p. 69]. E acabamos de estabelecer os intervalos entre essas seis estações intermediárias [p. 70].

“Como o senhor pode ver, identificar o trem em que ele viajou é tão simples quanto identificar um assassino quando se dispõe de suas impressões digitais. De fato, de todos os trens urbanos que partem entre sete e meia e nove horas da noite, só um atende aos especialíssimos requisitos que acabamos de determinar. Eu não sabia se o destino de Morel tinha sido uma estação terminal ou não, mas sabia os intervalos de tempo que separavam as seis estações intermediárias, e esse detalhe era mais do que suficiente para identificar o trem em que ele viajou.

“Obviamente, foi preciso consultar os horários das companhias ferroviárias. Examinei todos, um por um, até achar o que estava procurando. O fato de ter podido restringir o intervalo em que Morel pegou o trem de ida aos limites já citados facilitou enormemente minha tarefa. Na realidade, demorei não mais do que duas horas para encontrá-lo. *E o único trem que atendia àquelas exigências era o que sai da estação Constitución às 19h33 e chega a La Plata às 20h39.* [12]

“Aplicando exatamente o mesmo método, determinei que *ele voltou num trem que sai de La Plata às 21h36 e chega a Constitución às 22h42.* [13]

"Mas não me contentei com isso. Resolvi submeter minha teoria à prova experimental, reconstituindo pessoalmente os movimentos de Morel. Separei dois jogos de provas de prelo semelhantes às que Morel revisou, da mesma obra. Havia um trem que partia da estação Once

depois das sete e meia, com destino a Moreno. Não atendia aos requisitos anteriores, mas, por recordar que Agustín Morel morava lá, resolvi descartar essa possibilidade realizando a viagem e revisando os primeiros capítulos do livro de Holmes durante o trajeto. E de fato não houve a menor coincidência entre a aqueles intervalos de tempo estabelecidos e os que eu ia registrando nas provas durante a revisão.

"No dia seguinte, repeti a experiência, mas no trem que parte de Constitución às 19h33. E desta vez a coincidência foi absoluta. Fui emendando as provas com letra tremida, que deu lugar à minha letra autêntica nos intervalos previstos."

Daniel tirou do bolso uma cartela de horários de trens, arrancou uma folha e a entregou ao delegado.

— Pode compará-la com os dados da tabela anterior — disse. Repare que os tempos parciais e totais batem, e que basta substituir o 0 da primeira tabela, correspondente à estação de origem, pela hora 19h33, para reconstruir todo o horário.⁷

O delegado pegou o folheto e o confrontou com a tabela datilografada.

— E não poderia ser outro trem da mesma linha? — perguntou. — Entre sete e meia e nove horas da noite, há mais dois: o das 20h12 e o das 20h53.

Segunda a Sábado											
Trem nº	747	763	763H	767	773	777	787	787H	791	801	803
Plataforma nº	11	11	..	9	9	11	9	..	10	8	11
P. Constitución.....	18h18	19h33	..	19h36	19h50	19h56	20h12	..	20h15	20h36	20h53
H. Irigoyen.....	19h41	..	20h01	20h20	20h41	..
Avellaneda.....	19h23	18h39	..	19h44	19h58	20h04	20h18	..	20h23	20h44	20h59
Sarandí.....	19h20	19h51	..	20h11	20h30	20h51	..
Gov. D. A. Mercante.....	19h35	19h55	..	20h15	20h34	20h55	..
Wilde.....	19h38	19h58	..	20h18	20h37	20h58	..
D. Bosco.....	19h42	20h02	..	20h22	20h41	21h02	..
Bernal.....	19h48	19h53	..	20h06	20h16	20h26	20h32	..	20h45	21h06	21h13
Quilmes (chegada).....	19h50	19h57	..	20h10	20h18	20h30	20h37	..	20h49	21h10	21h18
Quilmes (partida).....	19h58	20h19	20h38	21h11	21h19
Espeleta.....	..	20h04	20h24	..	20h44	21h17	21h25
Berazategui.....	..	20h09	20h15	..	20h29	..	20h49	20h57	..	21h22	21h30
Plátanos.....	20h21	21h03
G. E. Hudson.....	20h25	21h07
P. de la Ancianidad.....	20h34	21h18
Villa Elisa.....	20h39	21h20
City Bell.....	20h43	21h25
M. B. Gonet.....	20h48	21h30
Ringuelet.....	..	20h32	20h51	21h33
Tolosa.....	20h58	21h38
La Plata.....	..	20h39	21h00	21h17	21h42	21h58

para Ranelagh

para Ranelagh

Para uma viagem confortável, não ocupe seu assento nem as áreas de circulação com sua bagagem.
Disponha de alguns minutos, e despache seus volumes maiores no vagão-bagageiro.

Daniel sorriu.

— Não — disse. — Esses só param em cinco estações. O das 19h33, felizmente para mim, é o único que para em seis.

⁷ Daniel Hernández também entregou ao delegado um gráfico que não acrescentava nada de novo à sua demonstração, mas que a representava sob outro aspecto: um quadro cronológico que o leitor mais poderá consultar no "Anexo" incluído no final deste relato.

"Mas voltemos ao nosso crime. A análise que acabo de realizar não é inútil. Acrescenta um novo indício aos anteriores: *Morel viajou a La Plata. E é lá que morava um dos personagens dos quais caberia suspeitar. É lá que morava Anselmo Benavídez.* [14]

"Acredito que a esta altura o problema já se encontra num plano em que a investigação mais rotineira poderia resolvê-lo. Morel era um homem devotado ao estudo, com uma visão profunda dos problemas ligados à sua vocação, ao seu credo, às suas ideias, mas, como costuma acontecer nesses casos, um tanto míope para as coisas mais corriqueiras da vida cotidiana. Nunca deve ter pensado que essa sua distância das pequenas coisas do dia a dia poderia ter uma influência desfavorável sobre sua própria esposa, afastá-la, e finalmente entregá-la a outro homem. Mas foi isso que aconteceu. E esse homem foi Benavídez.

"Também não tinha grande tino para lidar com seus recursos econômicos. Em poucos anos, gastou o dinheiro herdado dos pais, e logo sua única fonte de renda seriam uns parcos direitos autorais.

"Fazia algum tempo, ele havia contratado um seguro contra acidentes em favor da esposa. Era a maior concessão que podia fazer às noções de segurança e previsão. Esse seguro mais tarde se transformou numa forte tentação para Alberta e seu amante.

"O autor da ideia deve ter sido Benavídez. Prefiro acreditar que ela de início a recusou, e que só concordou quando soube que Raimundo sofria de uma doença incurável (foi ele mesmo que a revelou), que talvez lhe restasse pouco tempo de vida e que ao morrer a deixaria desamparada. É o mesmo raciocínio que Alvarado expôs em sua alegação, mas não foi Morel que o formulou, e sim Alberta. Se Raimundo morresse por causa de sua doença, ela não veria um centavo. Já se ele morresse num acidente, receberia trezentos mil pesos. E Raimundo podia morrer a qualquer momento. Que diferença faria um ou dois meses a mais de vida?

"Mas não devemos censurá-la demais. De certo modo, ela estava defendendo seu direito à felicidade, um direito que Morel, cego a tudo que não fosse sua vocação de escritor havia negligenciado. Além disso, tenho certeza de que no último momento ela se arrependeu. Sua volta precipitada ao apartamento parece ser um indício nesse sentido. Mas, por poucos minutos, chegou tarde demais. Morel já está morto, e era preciso levar o plano adiante.

"Esse plano tinha sido cuidadosamente elaborado. Eles deviam preparar as coisas de modo que todos pensassem que se tratara de um acidente. Para tanto, deviam eliminar toda presunção de suicídio ou de assassinato. Foram eles mesmos os autores dessa série de raciocínios que Alvarado atribuiu a Morel. Foram eles, e não Morel, que elaboraram uma verdadeira técnica do acidente.

"Alberta sabia que seu marido guardava uma pistola automática na gaveta de sua escrivaninha. Prevendo que ele não daria por falta da arma, ela a pegou escondido e a entregou a Benavídez, que seria o autor material do crime. Também lhe deu uma chave da porta da rua, para que pudesse entrar e sair do prédio sem problemas, e uma chave do apartamento para que, ao deixá-lo depois de assassinar Morel, pudesse trancar a porta. Benavídez iria vê-lo alegando um pretexto qualquer. Morel o conhecia e o receberia em sua casa sem suspeitar de nada.

"Mas algum rumor do que estava acontecendo deve ter chegado aos ouvidos de Morel. Quem sabe recebeu uma carta anônima, ou algum amigo insinuou que havia algo de estranho entre Alberta e Benavídez. Duvido que ele mesmo tenha suspeitado, e provavelmente não deu maior crédito a essas murmurações, mas ainda assim resolveu visitar o amigo de Alberta para tentar esclarecer a situação com a maior discrição possível.

"Essa decisão precipitou os acontecimentos. Quando nos separamos, depois que lhe entreguei as provas de prelo, Morel seguiu direto para a estação com o propósito de pegar um trem e se encontrar com Benavídez. Da própria estação telefonou para a esposa e avisou que não iria para

casa. Provavelmente acrescentou que tinha a intenção de viajar a La Plata. Ela deve ter percebido o risco que isso implicava e que era preciso agir sem demora. Telefonou imediatamente para Benavídez, para alertá-lo da visita que receberia do marido. Nessa conversa decidiram que o crime seria cometido nessa mesma noite. Nem precisavam falar disso abertamente, bastava que Benavídez insinuasse a conveniência de ela deixar o terreno livre e providenciar um álibi.

"Quando Morel chamou à porta da casa de Benavídez, este não atendeu. Tinha apagado todas as luzes, para dar a impressão de que estava ausente. Sem dúvida, espiando, viu Morel chegar, tocar a campainha repetidas vezes e por fim, frustrado, voltar à estação. Depois o seguiu a uma distância prudente. É possível que, enquanto esperava o primeiro trem de volta a Buenos Aires, Morel tenha entrado no bar da estação e ali, contrariando seu hábito, tenha pedido alguma bebida alcoólica para aplacar seu explicável nervosismo.

"Benavídez tomou o mesmo trem que Morel. Provavelmente viajou alguns vagões atrás, para não ser visto. E cinco minutos depois de entrar em seu apartamento, Morel ouviu a campainha.

"Foi atender, e viu que era Benavídez. Sem dúvida agradeceu o acaso que tinha levado para sua casa o mesmo homem com quem queria falar. Não lhe passou pela cabeça que a coincidência era muito estranha. Abriu-lhe a porta, convidou-o a sentar, ofereceu-lhe um uísque e se viu na obrigação de beber ele também. Em seguida, preparou-se para expor o problema que o inquietava.

"Mas não falaram muito. Benavídez levava no bolso a pistola automática que Alberta lhe entregara. Com um movimento rápido aproximou a arma do rosto de Morel e abriu fogo. Tenho motivos para confirmar a agilidade desse homem — acrescentou levando a mão ao pescoço.

"O resto foi simples rotina, por assim dizer. Colocou sobre a escrivaninha os a petrechos de limpeza que acompanhavam a pistola, dispostos da forma mais adequada para simular um acidente, e também deixou ali o carregador da pistola, com uma bala a menos.

"Nessa última etapa, deve ter trabalhado com luvas. Apagou suas próprias impressões digitais na arma, deu um jeito de estampar nela as de Morel, colocou a pistola embaixo de um braço do morto, lavou e enxugou cuidadosamente o copo que tinha bebido, guardou-o, deixou o outro, com as impressões digitais de Morel, sobre a bandeja... Enfim, o senhor já conhece todo o repertório da simulação.

"As provas de prelo eram um detalhe com o qual não contava, mas quando as viu, quando observou aquela letra irregular e trêmula, achou que condiziam perfeitamente com a cena preparada.

"Ao sair, trancou a porta do apartamento à chave. Talvez tenha voltado para sua casa, talvez tenha permanecido em algum local da cidade, esperando o telefonema de Alberta.

"Ela havia providenciado um álibi para afastar as suspeitas que despertaria, por ser a única, aparentemente, com um motivo para assassinar Raimundo. Mas no último momento deve ter-se arrependido, porque voltou precipitadamente ao local, deixando amiga no cinema. Infelizmente, já era tarde demais. Poucos minutos antes, Morel tinha morrido.

"Era preciso levar o plano a bom termo. Do contrário, o crime seria inútil. Por isso mentiu ao dizer que o marido tinha ficado em casa até ela sair. Sabia que, se o senhor descobrisse que Raimundo se encontrara com Benavídez pouco antes de morrer, as suspeitas recairiam sobre ele.

"Sem dúvida, o plano tinha muitas falhas e era bastante arriscado. Mas são justamente esses planos que costumam dar certo. De todos os riscos mais evidentes que eles correram, nenhum chegou a se concretizar: ninguém viu Morel viajar a La Plata, nem na ida nem na volta; ninguém viu Benavídez, e os poucos que ouviram a detonação da arma não lhe deram maior importância.

"Mas o único detalhe que não levaram em conta, o único que à primeira vista não trazia nenhum perigo, e que até parecia favorecer seu plano, foi justamente o que o pôs a perder."

Daniel guardou silêncio, mas ao ver a expressão desolada de Alvarado, que ainda permanecia lá, encolhido numa cadeira, pôs-se a rir.

— Quanto à doença de Morel — disse —, me admira a forma como o senhor tirou partido dela. Pessoalmente, duvido que fosse tão grave assim. Imagino que, como a maioria das doenças cardíacas, podia ter um desfecho fatal a qualquer momento, mas também poderia se prolongar por muitos anos se Morel tomasse as devidas precauções. As duas alternativas eram válidas. Morel apostou na segunda para continuar sua vida normal, seu trabalho, seus estudos.

"Alberta e Benavídez apostaram na outra, resolvendo que tinha chegado a hora de cometer ao crime."

APÊNDICE

Entre os diversos elementos de prova que Daniel Hernández apresentou ao delegado Jiménez encontrava-se um gráfico representando, sobre uma linha reta o número de folhas corrigidas, com os intervalos em que aparecia a letra normal de Morel e os tempos correspondentes.

Comparando esse Gráfico com um diagrama da linha de trem em que marcara as estações intermediárias, observava-se uma evidente semelhança.

Também entregou ao delegado uma tabela com a definitiva reconstrução cronológica dos movimentos de Morel, ou seja:

19h00: M. se separa de Daniel.

19h33: inicia a viagem de ida.

20h39: finaliza a viagem de ida.

20h50: chega à casa de Benavídez (mais tarde se verificou que B. morava a dois quarteirões da estação).

21h36: inicia a viagem de volta.

22h42: finaliza a viagem de volta.

23h05: M. chega a seu apartamento.

23h10: chega B.

23h15: hora aproximada do crime.

23h30: Alberta volta para sua casa.